

ide

CALVÁRIO REDENTOR

ANTONIETA V. MEYER

ANTONIETA V. MEYER  
*pelo Espírito José Euclides*

# Calvário Redentor

Romance Espírita



Coleção **ide** *Literatura  
Espírita*

# Calvário Redentor

Antonieta V. Meyer, pelo Espírito José Euclides

8ª edição - janciro/2013 3.000 exemplares (55.501 ao 58.500) internet:



ide

## APRESENTAÇÃO

Ditei esta obra à irmã abnegada que vem batalhando, há muitos anos, em benefício destes desventurados irmãos leproso\*, recolhidos e esquecidos nos leprosários...

Ditei-a recordando a dor do meu próximo que foi a minha própria dor. Não a ditei para os “críticos” nem para os intelectuais, mas sim para os irmãos de infortúnio, para os atacados da moléstia hedionda e terrível que os mantém tolhidos da sua liberdade, prisioneiros num limitado espaço de terra...

A triste história dos leprosários, espalhados pelo mundo, jamais será completamente contada, tão dolorosa e tão impressionante ela se revelará para a sensibilidade das criaturas.

Os homens têm olvidado os seus irmãos que residem no “vale silencioso” dos longínquos leprosários... Entretanto, eu lhes tornarei a dizer que um homem não vale pela deformidade que lhe marca a face, nem pelos trapos que lhe escondem as chagas... mas... vale, sim, pelo Espírito...

Com esta simples apresentação, volto à minha tranquilidade no Infinito, na verdadeira Pátria Espiritual, onde, graças ao Supremo Criador, posso agora fluir as dádivas de uma paz benfazeja.

*(')lloje, as expressões lepra e leproso, definindo a doença infecciosa e o enfermo, não são mais usadas na área médica, substituídas, respectivamente, por hanseníase (Mal de Hansen) e hanseniano, e, portanto, com o tempo, serão totalmente esquecidas pelo povo. Isso porque elas representam um passado de terríveis preconceitos, com reflexos até os dias atuais, não mais justificáveis, pois, inclusive, tal enfermidade não é mais incurável. - Nota da Editora*

Ucdico esta despreziosa obra a todos aqueles que se imolam nos leprosários pela saúde coletiva... e é também uma homenagem à irmã que recebeu estas páginas, e que é tão modesta e devotada à causa dos que sofrem nos leprosários.

Fortaleza, 15 de março de 1950.

José Euclides.

## ESCLARECIMENTO

Prisioneiro no cárcere terrível de um leprosário, onde, na condição de mísero farrapo humano, sorvi lenta e doloridamente todo o cálice de amargor, vendo dias passarem morosamente e as noites chegarem sem estrelas, vendo a vil matéria desfazer-se e cair apodrecida, insensível à dor física, mas apurado na sensibilidade do espírito, aprofundei-me na meditação e, no silêncio da minha vida, no ermo do vasto e triste reduto da dor, elevei o meu pensamento e pedi a Deus a explicação e a conformação para meu sofrimento.

Então contemplava o céu azul, os campos floridos, os pássaros ligeiros cortando a amplidão imensa, aspirava o ar embalsamado de perfumes sutis, ouvia o trinado delicado e mavioso dos passarinhos felizes, pousados nos ramos verdes das árvores, sentia o vento leve

bater no meu rosto disforme, enfim, via, contrito, toda essa exuberante beleza e entusiasmado dizia: — “Como é linda e perfeita a natureza” — e então rendia o meu tributo de admiração ao supremo Criador desta portentosa maravilha... mas depois olhava para minhas mãos mutiladas, sem tato, sem parte de seus dedos, que para mim eram como o pincel para o pintor e o cinzel para o escultor, olhava para os meus pés disformes e pesados, que mal me podiam proporcionar pequenos e doloridos passeios, procurava um pedaço de espelho pendurado na branca parede do meu cárcere e olhava firmemente para o meu rosto hediondo...

Na contemplação e na análise da minha própria pessoa, fazia a interrogação aflita e revoltada, àquele mesmo Criador a quem eu tinha rendido o meu tributo de admiração e respeito.

E, alucinado, bradava:

“— Por que, ó Deus, fizeste isto ao Teu filho? Por que deste ao homem, a Tua mais elevada criação, a Tua mais perfeita e admirável obra, a tortura da lepra, a mais terrível das moléstias, a mais repugnante... por que deste a um punhado de filhos Teus, esta tortura indescritível?!

“Que mal fizemos para recebermos tão grande castigo?

“Tu que fizeste a natureza rica e deslumbrante, porque na Tua criação tudo é perfeito e obedece ao ritmo certo, desde o trovão que reboia impiedoso e forte, até o desabrochar da singela florzinha agreste nos prados fecundos, Tu que deste ao homem a inteligência para poder compreender toda essa maravilha da Tua obra, deste, a este mesmo homem, a desdita de poder ser como sou, um leproso atirado sem piedade no reduto estreito de um pobre leprosário, perdido numa mísera povoação deste sofredor pedaço de terra do Brasil; deste Ceará pequeno, mas valente; deste Ceará que me serviu de berço e que amei muito...

“Dize, ó Deus, se possível for, a causa deste meu sofrer doloroso...

“Não quero descrer da Tua bondade, não quero acreditar que és capaz de castigar um filho Teu, que nunca Te ofendeu; não quero acusar injustamente àquele que eu amo e rendo a minha obediência; mas, Deus, tenho o direito de poder pedir explicação para a minha desdita e para o meu sofrer, que julgo injusto, pois nada fiz para ofender aquele que é o Supremo Criador de tudo.

“Não pedi a Ti, ó Deus! para aqui vir... e se o fizeste sem o meu consentimento, me deste o direito de pedir esclarecimentos, porque sofro, porque sou leproso e pobre. Por quê? Sinto a lepra roer a minha carne e vejo cair, aos meus pés, pedaços pobres do meu corpo... por que, ó Deus, não tenho a dita de poder apertar ao encontro do meu coração, que pulsa normalmente, a minha filha inocente e pura?... E ainda, não contente com o meu sofrer, fizeste retirá-la até da minha presença, atirando-a para bem longe do seu infeliz e desgraçado pai.

“Por que, Deus, fizeste isto com um filho Teu, que nunca Te ofendeu?

“Assim, peço explicação para a minha infelicidade, porque tenho direito e não compreendo como pudeste fazer a flor, que embeleza e perfuma, os pássaros que cantam, o céu azul e límpido, os rios caudalosos, o mar imenso, as noites estreladas, as montanhas altaneiras, os prados verdejantes, pudeste fazer também a “Lepra” e, ainda mais, pudeste atirá-la aos Teus filhos indefesos...

“Talvez não saibas mesmo avaliar o que seja ouvir esta sentença: - “Estás leproso”, não saibas o que seja ouvir dizer: ‘Tens de deixar o teu lar, os teus filhos, a tua esposa, os teus amigos, tudo quanto amas, para, como um trapo velho e imundo, ser atirado bem longe de tudo e de todos...; ser repelente, não ter direito nem mesmo de poder ver os seus filhos, não ter direito de poder reclamar os seus próprios direitos.’”

— É por tudo isto, Deus, que ao contemplar certo dia o meu rosto, no velho pedaço de espelho pendurado na parede branca do meu cárcere, no leprosário, e que confesso revoltado, fiz essas perguntas que me torturavam a existência e que me faziam ser considerado como um rebelde, até pelos meus próprios companheiros de infortúnio...

Perguntas essas que me martirizaram toda a vida, todos os longos anos que passei interno e que, até o fim da minha vida tormentosa, não deixei de fazer, sem encontrar nunca a explicação que desejava.

Só depois que a morte quebrou os grilhões pesados que me prendiam, foi que compreendí a razão do meu destino e da minha dor, e agora, para consolo dos meus queridos irmãos, ainda sofrendo nos leprosários, e que, com permissão dada pelos bondosos guias do Além, é que posso dar esta mensagem de esperança e estímulo, contando a minha vida passada e a razão de ter sido leproso.

## **I - DOENÇA CRUEL**

Nas margens plácidas e bucólicas do lendário Cantão, cujas águas Aranquilas refletem o céu de anil, deslizavam calmamente as embarcações, pesadas de várias mercadorias para o comércio da rica cidade da velha China.

Eram barcos que levavam grande quantidade de chá, que era, até aquele momento, um dos maiores comércios da tradicional cidade.

Outros transportavam cuidadosamente as peças de finos tecidos e delicadas sedas, que iriam causar admiração a outros povos menos hábeis do que os pacientes artífices chineses, que vinham deslumbrando a todos com as maravilhas da sua paciência e tenacidade do seu esforço...

Da China grande, sulcada de rios caudalosos e vales imensos, de clima ameno, cuja história será sempre um poema de dignidade e trabalho, encontravam-se, em todos os seus rincões, inspiração para as mais belas crônicas e os mais decantados feitos.

Foi, pois, nas margens do rio Cantão, que veio ao mundo, como primeiro filho de ricos comerciantes, Kiang Fú.

Eram seus pais, Tung e Li, casados há muitos anos, não tendo filhos, e foi, para eles, uma verdadeira surpresa, a vinda do primogênito.

Passaram meses de espera, numa ânsia de curiosidade, como seria o amado filho, e ao mesmo tempo amedrontados com a possibilidade de vir uma menina, que seria o desmoronar de todos os seus anseios e de todas as suas esperanças.

— Precisamos de um filho — dizia Tung à sua mulher. — Ele será nosso herdeiro, não só das tradições, como da nossa fortuna. Seguirá as nossas leis e trabalhará por nossa família, que precisa ter um chefe enérgico e corajoso.

Foram preparadas grandes solenidades para a chegada do tão desejado rebento da velha e austera família.

Na magnífica residência de estilo mongol, tudo era feito como exigia o tradicional ritual que antecedia o tão solene acontecimento, dada a grande fortuna da família Fú, com o seu passado ilustre.

Era o senhor Tung, um chinês culto e viajado, porém fervoroso adepto da conservação dos velhos hábitos e costumes chineses.

Quando das suas longas viagens pelo ocidente, transformava--se num perfeito cavalheiro, vestindo-se como os ocidentais e frequentando as mais seletas e cultas sociedades, dado o seu grande saber e a sua imensa fortuna, porém, quando voltava para a sua

velha e querida China, volvia a ser o mesmo chinês cumpridor de todos os costumes e tradições de sua pátria e de sua família.

Entretanto, o mesmo não acontecia com a senhora Fú, que apesar de não ter, como quase todas as chinesas, grande cultura, era muito inteligente e não tinha, como seu esposo, tanto fervor no cumprimento dos rituais chineses, que ela julgava excessivo e exótico, e a si mesma causava estranheza essa sua aversão a todos esses costumes que ela devia aceitar resignadamente e que, entretanto, no seu íntimo, não os podia aceitar como precisava e devia.

Quando sentiu que ia ter um filho, foi logo desejando uma menina, desejo esse que, para seu marido, caso soubesse, seria como afronta à sua dignidade, pois, ainda nessa época, a mulher chinesa era considerada como uma simples e insignificante companheira para o homem.

Mesmo nas castas mais elevadas, elas eram assim consideradas.

A senhora Fú, apesar da grande fortuna do esposo e do seu considerado talento, nunca tinha saído da China.

Vivia muito só, e por isso desejava ter uma filha, esperançosa de que ela pudesse viver mais livremente do que ela, e que fosse uma companheira amiga e dedicada para compartilhar da solidão da vasta e rica residência.

Nunca, porem, teve a ousadia de externar esse seu desejo.

- Quero um filho - dizia o Sr. Fú - para ser o continuador dos nossos antepassados, fazendo com que não desapareçam, da nossa China lendária, as suas tradições que herdamos e devemos cultivá-las com respeito e veneração. Um filho forte e ousado, que saiba sentir todos os anseios do povo chinês sofredor, mas altamente esperançoso de uma nova fase de esplendor para a sua pátria.

E assim vivia Tung, fazendo os mais belos castelos, sobre o filho que tanto almejava, sem poder, nem mesmo de leve, pensar que este mesmo filho, tão ardentemente desejado, seria o seu carrasco, como de sua meiga e delicada mãe Li.

Tudo era modificado na grande casa do riquíssimo comerciante, para a vinda do seu filho.

Somente Li demonstrava indiferença ao entusiasmo intenso de Tung.

O dia estava próximo e brevemente seria chegado o momento difícil.

Todas as tardes, ela saía a passear pelo vasto pátio da sua residência e, muitas vezes, ia até à margem do rio e quedava-se silenciosa, contemplando as águas serenas e azuis; depois erguia os olhos para a amplidão do Infinito e sentia uma grande opressão, um sobressalto inquietante que a fazia temer algo que não podia definir.

Apertando fortemente as mãos, dizia: - Tenho medo de ter um filho, tenho medo do que ele nos possa causar... Então, horrorizada, olhava para suas mãos finas e belas, para as suas unhas compridas e rosadas, que ela procurava sentir na sua pele delicada, e que, mesmo comprimindo-as fortemente, até quase feri-las, não sentia a menor sensação de dor.

— Por que não sinto dor alguma, por que esta insensibilidade que me apavora? — perguntava a si mesma. — Desde muito que venho sentindo que estou ficando sem tato, não sinto nada... nada, nada... Talvez, depois que meu filho chegar, tudo isto desapareça.

Depois voltava lentamente para sua residência, onde ia encontrar Tung atarefado, dando ordens e mais ordens.

Silenciosa, ficava observando o marido, sentada perto da janela, de onde podia ver a paisagem bela do rio...

Numa dessas vezes, Tung notou a fisionomia triste de Li, e a interrogou um tanto ríspido:

— Por que a vejo agora sempre triste e silenciosa, quando devia estar alegre com a vinda do nosso primogênito?

Ela não respondia e continuava a olhar para as suas mãos...

Era Li, um belo tipo de mulher chinesa, delicada, de um moreno pálido, olhos grandes e negros, cílios compridos ensombrando o olhar melancólico, cabelos também negros e sedosos, penteados cuidadosamente e sempre enfeitados com uma flor...

Vestia-se com esmero, escolhendo os matizes que mais se harmonizavam com a sua tez e os seus cabelos.

Era realmente encantadora a senhora Fú, e, ainda mais, de uma meiguice extraordinária; sua voz terna e suave, mais parecia um murmúrio.

Andava levemente na sua casa grande e vazia, e parecia uma sombra, um sonho irreal.

Aproximava-se o dia decisivo que tanto atormentava a alma de Li.

Foi numa noite calma e bela, quando a Lua muito redonda e luminosa refletia-se sobre as águas plácidas do rio, que nasceu Kiang...

Na suntuosa residência do riquíssimo Tung Fú, foi delirantemente recebida a auspiciosa notícia.

Tung, delirando de contentamento, tomou o seu filho e, olhando para Li, dizia entusiasmado:

— Veja como é lindo o nosso herdeiro! Sinto-me imensamente feliz, conseguindo realizar o meu maior desejo: ter um filho que possa substituir-me, que seja o meu leal continuador, elevando cada vez mais o prestígio e a prosperidade da nossa família.

Com Kiang nos braços, percorria o vasto aposento e depois ia colocá-lo ao lado da mãe, saindo contente; então Li voltava-se para o lado do filhinho e o contemplava demoradamente.

Depois tomava-o nos seus braços e o encostava junto ao seu coração, e muito baixinho murmurava:

— Filho, perdoe-me, mas mesmo agora, ao contemplá-lo tão puro e tão lindo, sinto o mesmo temor, a mesma inquietude... perdoe, ó filhinho adorado! Mas o que posso fazer para afastar de mim este pesadelo que me tortura?

Kiang crescia forte e belo; com poucos meses era um menino robusto, e Li quase não podia tê-lo muito tempo nos braços franzinos.

Tung vivia empolgado com o filho, que não cansava de admirar e de profeüzar para ele grandes triunfos.

Quando Kiang deu os primeiros e incertos passinhos, foi para Tung motivo de exagerados comentários; gritava à esposa:

— Senhora, venha ver o meu filho!

E Li, sempre pensativa e triste, sorria para o filhinho, que vinha com os bracinhos abertos para junto dela, que o tomava no colo e carinhosamente o beijava.

Quando ficava só no seu aposento, ela sentava-se e ficava contemplando as mãos, como estava acostumada a fazer, pois sentia que, depois do nascimento de Kiang, a sua insensibilidade vinha cada vez mais se acentuando, assim como a falta de tato, que agora era mais nítida.

Li nada dizia ao esposo, guardando só com ela o seu terrível segredo.

Os meses foram passando e Kiang completou um ano.

A data foi comemorada pelos pais com muita alegria, e era justo o contentamento de ambos, pois Kiang era um lindo menino.

Os anos foram chegando, uns após outros, e na rica e suntuosa residência de Tung a

vida corria normalmente.

Kiang já estava com dez anos quando, certa tarde, sua mãe desceu com ele para um ligeiro passeio até às margens do rio, onde ele gostava de brincar.

Sentou-se na areia branca e fina, e deixou que o filho corresse livremente.

Li sentia, nos últimos anos, que uma sensação diferente perturbava todo o seu ser, e que a dormência do seu corpo era agora total.

Brincando com a areia, fazendo delicados arabescos com um pequenino ramo verde, escrevia Li, quase sem se aperceber, palavras, e só depois é que ela descobriu que tinha deixado, na areia branca, a seguinte frase: “só pela dor alcançamos a morada do Pai.”

Leu vagorosamente as palavras, e depois, com o mesmo raminho verde, tornou a escrever:

*“Dor, és o estilete que nos fere, que nos humilha, que nos tortura, mas és também o caminho que nos eleva, altaneiros, aos paramos celestiais.”*

Enquanto escrevia, descuidada, a senhora Fú deixava rolar, pelo seu lindo e pálido rosto, lágrimas abundantes que, como transparentes e puras gotas de orvalho, caíam molhando a areia branca do rio.

Não notou também que Kiang tinha deixado de brincar e que estava sentado bem perto dela, lendo atento o que ela escrevia.

Quando terminou a frase e atirou para longe o pequenino ramo, foi que seu filho, olhando-a severamente, a interrogou:

— Qual o motivo das suas lágrimas, e por que você escreveu estas frases tão tristes?

Li, assustada com as palavras inesperadas de Kiang, olhou para o seu rosto, que já era muito parecido com o de Tung, porém com os traços mais fortes e olhar penetrante, sem encontrar no filho um só gesto de ternura pela sua mágoa, e respondeu:

— Nada, estou mc sentindo um pouco doente — e levantou--se, convidando Kiang para voltar.

A tarde estava quase finda e o céu cinzento-escuro.

Quando se aproximaram, avistaram Tung que, impaciente, vinha ao encontro de ambos.

Notou logo os vestígios de lágrimas no rosto de Li e, como o filho, asperamente perguntou:

— Não é a primeira vez que vejo que você chora, qual o motivo?

E sem esperar a resposta da esposa, foi logo dizendo:

— Tem você tudo quanto deseja, por que então ainda chora? Responda, por quê?

Li olhou também para Tung, muito aflita, procurando, como fez com o filho, descobrir no marido um pequeno gesto de compaixão pela sua visível tristeza, mas Tung, tanto como Kiang, não demonstravam compreender nem desculpar o seu sofrimento. Então, cabisbaixa, respondeu:

— Não tenho nada — e, vagorosamente, dirigiu-se para o seu aposento.

Só com seu filho, Tung o chamou para mais perto e, passando a mão sobre o seu ombro, alegremente disse:

— Não nos preocupemos com Li, ela sempre foi assim... triste e pouco inteligente... tratemos de nós, meu filho... deve compreender que já está um rapaz, que precisa começar os seus estudos: você é senhor de uma grande fortuna e de um nome ilustre. Sempre desejei ter um filho para ser o continuador dos meus negócios, e das tradições da nossa família e da nossa pátria. Assim, Kiang, é preciso que dê início à sua pesada tarefa. São os meus principais conselhos: primeiro seja enérgico; segundo, trabalhador; e terceiro, audaz. Nada

de sentimentos banais, deve encarar tudo por um prisma mais forte e mais eficiente; por isso, tenho procurado sempre tê-lo mais sob as minhas vistas, do que sob os cuidados de Li, que sempre foi, como toda mulher, insignificante.

E, abraçado com o filho, saiu contente para providenciar a vinda dos professores de Kiang.

Li, encostada na parede, ouvia tudo quanto seu marido dizia a Kiang.

Pelo seu rosto pálido e triste, deslizavam mansamente as lágrimas, e baixinho murmurava:

— Insignificante... insignificante...

E, comprimindo fortemente as mãos, porém, sem senti-las, ela ergueu os olhos e chorando pensava:

— Como poderei contar isso a Tung, tenho medo, muito medo... vou deixar para mais tarde esta revelação dolorosa — e encaminhou-se para o seu aposento.

Abriu sutilmente a porta, entrou de mansinho, foi até a janela que estava aberta e ficou junto, olhando firmemente o céu. Já era quase noite.

O firmamento, pontilhado de fulgurantes estrelas, oferecia um espetáculo grandioso da onipotência do Criador.

Olhou demoradamente o céu e, depois, abaixando a vista, contemplou o rio que deslizava placidamente; o silêncio era profundo, ligeiramente interrompido pelo rumor rápido do vento que sacudia os galhos verdes das árvores.

Li continuava contemplando as estrelas e, não resistindo, deu expansão ao seu entusiasmo, é só para ela cantou um pequenino poema que há muito ela havia feito, numa noite bela e estrelada, quando Kiang era ainda uma delicada criancinha embalada nos seus braços:

Estrelas, raios de luz  
Que deslumbra e nos seduz  
Criação sublime de Deus  
Que magnânimo nos deu.

Li possuía uma voz terna e suave e, às ocultas do esposo, conjunha delicados versinhos, que cantava quando estava só e triste.

Depois de repetir diversas vezes os mesmos versos, olhando as estrelas, ela parou para depois cantar novamente outro poema, a que ela dava uma interpretação deveras pungente:

Deus, ó meu grande amor  
Dai-me um pouco de alegria  
Afastai minha grande dor...  
Suavizai minha agonia...

Já era tarde e ela continuava debruçada à janela, cantando e contemplando a noite.

Depois, cansada, veio para perto do seu leito, onde se sentou num pequenino banco e ficou silenciosa.

Muito tempo ela ficou sentada, entregue aos seus próprios pensamentos e tão absorta estava, que não se apercebeu que Tung, há muito, a contemplava parado, perto da porta.

Li ergueu a vista, e Tung pôde nitidamente ver que ela estava chorando; aproximou-se e outra vez, com tom ríspido, perguntou:

— Por que você chora tanto, Li? Exijo que confesse a causa deste seu silêncio e desta sua tristeza.

Sentou-se no leito e ficou esperando a resposta, mas ela, atemorizada, respondeu:



— Não tenho nada e não sei explicar por que ultimamente sinto-me tão abatida e desanimada, talvez esteja doente.

— Doente! — disse Tung alarmado... — Quero saber o que sente, pois deve compreender que temos um filho ainda pequeno, e que devemos ter todo cuidado, evitando, caso esteja realmente doente, todo o contato com ele.

Li deixou escapar um leve grito de terror, que não passou despercebido de Tung, que se levantou ligeiro e chegou junto da esposa, fazendo com que ela ficasse em pé, à sua frente, para olhá-la fixamente, e depois, com rudeza, tomou as suas mãos e, apertando-as fortemente, gritou furioso:

— Diga o que vem sentindo, diga. Quero e preciso saber...

Amedrontada com a atitude violenta de Tung, respondeu outra vez:

— Não sei; não sei...

Então Tung afastou-se e saiu apressado, deixando-a só e horrorizada, com a possibilidade de seu marido saber de seu estado de saúde e de como ele tomaria providências para afastá-la de King.

Mas, pensava Li:

— Será que estou... estou... não... — grita desesperadamente e cai sem sentidos junto ao seu leito.

Tung ouviu o seu grito agudo e, voltou, encontrando-a caída. Tomou-a em seus braços e a levou desacordada para o leito. Ao pegar as suas mãos frias, notou entre os dedos pequeninas manchas, quase invisíveis, que o fizeram recuar horrorizado. Nesse instante, ela abriu os olhos e fitou o esposo com ternura.

Tung voltou para perto dela e, tomando novamente as suas mãos, procurou apertá-las fortemente, e mesmo feri-las com as suas unhas pontiagudas e longas; entretanto, Li continuava a fitá-lo sem demonstrar o menor vestígio de dor.

Inesperadamente, Kiang entrou no aposento e vendo sua mãe deitada, e seu pai junto dela com suas mãos presas, aproximou-se e procurou também encostar-se a ela, que carinhosamente o chamou:

— Venha, filhinho!

Foi quando Tung, brutalmente, o empurrou e gritou:

— Afaste-se desta mulher, ela está leprosa... leprosa.

Kiang deu um salto e ficou bem longe, olhando horrorizado a sua mãe que, tomada de pavor, sentou-se no leito, pálida, as lágrimas deslizando pelo seu lindo rosto, fitando suplicante o marido e o filho que, juntos à porta, a observavam com horror.

— Tung!... Kiang!... — Li chamou-os, alucinada, porém, tanto o esposo como o filho, continuavam longe e fazendo gestos para que ela não se aproximasse.

Kiang, apesar de ter somente dez anos, era um menino inteligente e de um temperamento forte e mau; nunca teve para com sua mãe palavras de amor, era ríspido e violento, exigindo que todas as suas vontades fossem satisfeitas plenamente, tendo sempre a aprovação de Tung, que ficava radiante com o filho, achando que ele era muito valente, muito inteligente e forte.

Quando, ao aproximar-se de sua mãe, ouviu Tung dizer que ela estava leprosa, compreendeu perfeitamente o que isso representava para ele e seu pai.

Imobilizados ainda na porta, pelo medo da revelação apavorante, estavam Tung e Kiang olhando para Li, que em pé também os olhava apavorada.

Foi Tung que, tomando o filho pela mão, disse:

— Vamos, Kiang! E fitando-a, demoradamente, falou:

— Você ficará aqui, até que eu resolva para onde devo mandá-la. Não sairá mais deste aposento, assim como proíbo-a de falar com Kiang; está para sempre desligada da família, que não pode ter no seu seio uma leprosa como você...

Ao ouvir as palavras cruéis de Tung, Li tentou aproximar-se de Kiang, sendo impedida pelo esposo, porém ela implorou:

— Kiang, meu filho, tenha compaixão de sua mãe... Kiang... Kiang...— mas vê, apavorada, que o filho chega para junto de Tung e afasta-se, dizendo:

— Tenho horror de você, é uma leprosa... Meu pai deve mandar encarcerá-la para que ninguém saiba, para que ninguém suspeite que a nossa família foi marcada com o estigma de lepra.

Qual uma estátua de mármore, ela ouviu a sentença do seu próprio filho, uma criança de pouco mais de dez anos, mas que já fazia sentir o tirano que seria brevemente.

Tung voltou-se para o filho e o contemplou, satisfeito com a resolução apontada por ele, e disse:

— Sim, filho, tratarei o mais depressa possível de afastá-la do nosso convívio e desta casa. Vamos!

E juntos saíram, deixando-a presa no seu próprio aposento, à espera da resolução de Tung, que não demoraria muito.

\*\*\*

Tung possuía uma grande casa afastada da cidade, onde costumava, depois de suas longas viagens, ir passar alguns dias de repouso. Li pouco a conhecia, tendo ido ligeiramente quando Tung esteve lá alguns anos atrás. Quase não se recordava da mesma. Era uma velha casa feita de pedras, circundada de altas e frondosas árvores, que a encobriam totalmente. Tinha largas janelas revestidas de grossos ferros, dando à mesma um aspecto de prisão. O seu interior era triste, apesar de luxuosamente mobiliado, tendo inúmeros armários onde Tung guardava recordações de suas viagens.

Quando Li esteve lá, notou que um dos aposentos, em que casualmente entrou, tinha uma saliência no assoalho, assim como uma argola pesada, que servia naturalmente para levantar alguma porta, e que possivelmente, pensou, descia para algum subterrâneo. Tung, quando a viu sair daquele quarto, demonstrou grande contrariedade, e rispidamente respondeu, quando ela perguntou para onde dava aquela porta:

— Você não precisa saber disso, e uma antiga passagem desta casa, que já possuía quando eu a comprei para o meu veraneio...

Li, acostumada a ser submissa, não pensou mais na sua descoberta. Na casa morava um casal de confiança de Tung, sendo que a mulher era muda. O marido a obedecia cegamente, pois desde muitos anos que era seu criado.

Quando Tung, em companhia de Kiang, deixou horrorizado o aposento de Li, lembrou-se imediatamente da velha casa para afastá-la da sua convivência, encarcerando-a no subterrâneo há muito abandonado. Com a voz ainda trêmula de pavor, comunica ao filho a sua resolução. Kiang tinha ido lá quando pequenino, mas mesmo assim olhou assustado para o pai, quando ouviu dizer “subterrâneo”.

Para o seu cérebro infantil, subterrâneo significava um lugar escuro, frio, povoado de fantasmas e animais repelentes. Li ficou muito tempo em silêncio à espera da explicação de seu pai. Li ouviu quando Tung disse:

— Meu filho, um subterrâneo é, na realidade, escuro e triste, mas sem fantasmas, nem animais repelentes. Este de que falo, é grande, claro, tendo uma pequena janela revestida de grades, de onde se pode ver perfeitamente o céu, o rio, as árvores... pode-se ouvir os pássaros

e sentir o sol...

— Mas, então — disse Kiang —, não é uma prisão e sim um belo aposento! Acho muito bom e confortável para abrigar uma “leprosa”, sendo que o mesmo ficará para sempre inutilizado.

Tung admirou o raciocínio claro e a inteligência do filho. Alegre com essa demonstração, o esclareceu:

— Filho, realmente é um esplêndido aposento para uma “leprosa”, mas é melhor para nós mesmos, porque é uma casa conhecida como desabitada, e que não despertará suspeita alguma. O criado é de toda confiança, e sua mulher é muda.

— Mas — insistiu Kiang —, é uma bela casa, e ficará para sempre inutilizada. Podíamos mandá-la para mais longe, morar numa palhoça qualquer. Sei que os leprosos são atirados em lugares apropriados, sem regalias, tendo alguns, até mesmo, presos ao pescoço um sinal de alarme...

Mais uma vez, Tung surpreendeu-se com a opinião de Kiang.

— Meu filho, Li pertence a uma família abastada e ilustre, e é preciso que seja totalmente oculta essa terrível tragédia. Temos de sacrificar a nossa casa, em troca do silêncio de que necessitamos para encobrir essa verdade. Podemos dizer que Li está doente e depois participar que ela morreu. Ninguém descobrirá o subterrâneo, pois somente três pessoas ficarão sabendo. Tenho confiança absoluta no meu criado, e sei que ele não falará jamais. Li só será vista pela criada que, sendo muda, nada poderá fazer. Darei ordens severas para que, só uma vez ao dia, ela desça ao subterrâneo para levar os alimentos, podendo mesmo levá-los por meio de longa vara que será introduzida por baixo da porta, por um orifício apropriado para isso. Hoje mesmo, irei lá e contarei tudo ao meu velho servidor, e providenciarei o subterrâneo, mandando para lá um leito, uma pequena mesa, enfim alguns objetos necessários. Depois, aproveitando a noite escura, a levarei e imediatamente farei descê-la para o subterrâneo, donde jamais sairá. Só assim ficaremos tranquilos.

Kiang ouviu atento seu pai, não demonstrando nenhum sinal de revolta pelo projeto monstruoso e desumano que seria imposto à infeliz Li. Foi depois de um longo silêncio que Tung disse:

— Agora tratemos de organizar a nossa vida, esquecendo este terrível acontecimento, olvidando para sempre essa desgraçada leprosa, que há tanto tempo abrigávamos nesta casa.

Kiang, sempre que ouvia seu pai pronunciar a palavra “leprosa”, ficava revoltado e com as feições transtornadas pelo horror que já sentia pela moléstia repelente. Enquanto no grande e luxuoso salão, Tung e Kiang organizavam o meio de poder afastá-la do convívio deles, atirando-a sem piedade num subterrâneo antigo e oculto, Li, sozinha no seu aposento, sentada no mesmo banquinho, silenciosa pensava:

— Qual será agora meu destino?

Olhava bem para suas mãos fidalgas e observava as manchi-nhas esbranquiçadas, que surgiam lentamente, positivando a terrível verdade. E, com temor, meditava:

— Sim, estou leprosa, não tenho mais dúvida, estou... tenho de curvar a cabeça humildemente e aceitar resignada esta dolorosa realidade. Teria coragem para, impávida, enfrentar tudo se tivesse o amparo de Tung e Kiang, mesmo afastada deles. Mas sou repelida com tanto horror e com tanta crueldade. Não tenho culpa do que aconteceu, fiz tudo para ocultar... mas um dia teria de surgir a verdade. Para onde irei? Terei de enfrentar sozinha todos esses longos anos que me esperam.

Então implorava:

— Kiang, meu filho! Venha socorrer a sua infeliz mãe! — mas... ao mesmo tempo

recordava as palavras de Kiang: “Tenho horror de você, é uma leprosa.”

Lágrimas abundantes deslizavam pelo rosto de Li, vindo cair no seu colo...

Escurecia lentamente, e o aposento já estava imerso em densa escuridão, quando ela ouviu passos junto à porta e, ansiosa, esperou para ver quem era. Mansamente a porta foi aberta, e lung entrou trazendo um embrulho que depositou sobre a pequenina mesa ao lado. E de longe, junto à porta, falou com rudeza:

— Já resolvi para onde você deve ir. Tenho uma casa distante daqui, e dois leais servidores, que poderão tratar de você. Irei amanhã providenciar tudo para que saia desta casa o mais breve possível.

Já, ainda sentada, ouvia calmamente as palavras cruéis de Tung, olhando fixamente para ele que continuava, de longe, amedrontado. Depois, muito delicadamente, com voz firme e pausada, disse:

— Sim, sairei desta casa quando você quiser, e para onde determina, assina como espero passar os dias longos da minha vida, sozinha, não desejando nunca mais perturbá-lo com a minha presença. Só uma coisa ousou dizer-lhe, Tung, peça que medite sobre estas minhas palavras. Não tenho culpa de estar doente... não sei como adquirir esta terrível moléstia, mas outros também, assim como eu, poderão adquiri-la.

Tung, de olhos desmedidamente abertos, a contemplou, sentada no banquinho junto à janela aberta, qual uma delicada moldura, cujo fundo era feito pelo céu escuro, mas pontilhado de milhares de cintilantes estrelinhas. Vestia Li nesse dia um delicado vestido, de finíssimo tecido estampado com artísticas flores de um colorido suave, que lhe dava uma graça encantadora, e trazia presa aos seus cabelos negros e sedosos, uma flor também de tonalidade clara, que sobressaía maravilhosamente com o pálido de seu rosto belo e perfeito. Tung olhava para a esposa e, quase arrependido, estava para pedir perdão pelas suas palavras ásperas e, juntamente com ela, procurar um meio mais fácil de poder afastá-la de perto dele e do filho. Deu uns passos para a frente, quando sentiu que estava sendo agarrado fortemente; voltou-se rápido e deparou com Kiang que o prendia, impossibilitando-o de sair do lugar.

— O que você pretende fazer neste aposento, junto dessa miserável leprosa? Será que está arrependido do que combinamos? Quero que a mande para bem longe de nós! Tenho medo dela... vamos, meu pai, saia daí...

K assim, arrastado por Kiang, saiu Tung do aposento, deixando novamente só e desolada sua infeliz companheira. Li estava isolada. Não procurou nem mesmo chegar à porta, pois conformada estava com o seu destino.

## **II - PRISIONEIRA NA CASA DE PEDRAS**

Muito cedo, Tung deixou sua residência e, sozinho, foi para sua casa de veraneio. Com surpresa, os dois velhos criados viram quando ele chegou, de fisionomia taciturna e olhar desconfiado. Chamou o criado e, na vasta sala, confidencialmente, o fez saber da sua infelicidade, assim como os planos que tinha para encobrir tão grande tragédia. Encontrou, como sempre, o criado pronto para obedecer suas ordens. Depois, juntos, desceram para o subterrâneo.

Há muitos anos, completamente fechado, era deveras lugubre o seu interior. Ao chegar ao quarto destinado a Li, Tung, com dificuldade, conseguiu abrir a pesada porta. Estava muito escuro, e foi difícil encontrar a janela, assim como também difícil abri-la. Porém, aberta, entrou rapidamente um claro raio sol, que invadiu todo o aposento. Foi então que Tung pôde observar tudo.

Encostado à janela, pensativo, percorria com o olhar todo o pequenino quarto destinado à sua dedicada companheira de tantos anos. Impassível, ao longe, estava o criado à espera das ordens. Muito tempo ficou Tung na contemplação silenciosa. E, no seu cérebro exaltado, mediu toda a extensão do infortúnio de Li, prisioneira, sozinha naquele velho e desconhecido subterrâneo. Calculou como seriam seus dias longos, e as suas noites intermináveis... sem ter com quem pudesse externar as suas mágoas, tendo somente para seu incentivo, a janelinha, de onde poderia ver nitidamente o céu, ouvir os pássaros livres e felizes, cantando nos galhos das altas árvores que circundavam a casa, ver o rio calmo, de águas azuis, deslizarem mansamente... e quando das noites enluaradas, contemplar a lua majestosa parada na imensidão misteriosa do infinito...

Muito tempo esteve Tung entregue a essas conjecturas, sem ser interrompido pelo criado que o observava atenciosamente. Em dado momento, Tung pensou:

- E se Li morrer, como poderei saber?

Horrorizado, mediu toda a extensão da sua responsabilidade perante tão monstruoso atentado. Foi, porém, rápido este temor. Lembrou-se de Kiang e, resolutamente, voltou-se para o criado, dizendo:

— Agora teremos de providenciar a abertura da porta por onde terá de ser enviado todo o alimento, que pode ser uma só vez por dia. Numa pequena bandeja, presa a uma longa vara, poderá vir tudo, água, frutas e a refeição necessária. A porta será fechada pelo lado de fora, e só eu terei as chaves.

Satisfeito de ter resolvido tudo rapidamente, Tung ordenou que fosse limpo o quarto, e transportada, imediatamente para lá, uma pequenina mesa, um leito, uma cadeira, um banquinho, assim como os objetos indispensáveis de Li, e para a sua higiene. Mandou também que fossem retiradas duas ou três grades da janela de modo que ela pudesse livremente atirar pela mesma tudo que lhe fosse desnecessário. Ainda ficou Tung muito tempo parado junto à porta, com o olhar observador, procurando ver o que faltava, pois não desejava nunca mais ter o menor contato com a esposa.

Foi para ele fácil resolver tudo, pois encontrou no velho criado um colaborador eficiente. Depois, calmamente, deixou o subterrâneo e foi repousar no rico salão. Mais tarde, despediu-se dos criados, dizendo voltar no dia seguinte à noite.

Só com o marido, a infeliz muda procurou com gestos significativos saber o que desejava o senhor Tung, no que foi asperamente repelida pelo marido.

Tung voltou para a sua residência, e logo deparou com Kiang que, curioso, desejava saber o que o pai resolvera. Juntos entraram e Tung, minuciosamente, contou para o filho os seus planos. Ao ouvir seu pai referir-se sobre a alimentação, o menino protestou quando soube que seriam enviadas também frutas:

— Mas meu pai, por que ordenou que lhe sejam enviadas frutas? Não compreendo a necessidade que tem uma leprosa de alimentação tão boa.

Tung, mais uma vez, ficou alarmado com a observação do filho. Fitou-o demoradamente, encontrando no olhar forte e penetrante da criança um fulgor estranho que o fez recuar receoso.

No dia seguinte, à noite, já tendo Tung providenciado um pequeno carro que ele mesmo guiaria, dirigiu-se aos aposentos onde Li estava prisioneira. Abriu devagar a porta e deparou com ela, sentada no mesmo banquinho, junto à janela aberta. De longe, disse:

— Acompanhe-me — no que foi prontamente atendido.

E, cautelosamente, saiu encaminhando-se para o carro, que velozmente seguiu para a casa de pedras. Li não pronunciou uma só palavra durante o trajeto, o mesmo fazendo Tung.

Já bem tarde da noite chegaram, sendo recebidos pelo criado logo no portão. Deixando Li sozinha, no grande salão, imediatamente ele desceu para o subterrâneo, acompanhado do criado para ver pessoalmente se estava como desejava. Era verdadeiramente horrível o aspecto do subterrâneo, à noite. Tung, munido de uma pequenina luz que, bruxuleante, dava às paredes enegrecidas reflexos claros, destacando-se as silhuetas perfeitas dos dois homens, que tão misteriosamente percorriam aquela passagem, há tanto tempo abandonada. Ao abrir a pesada porta, uma rajada de vento apagou a luz, deixando-os na mais completa escuridão. Atemorizado, Tung gritou ansioso para o companheiro, que procurou, às apalpadelas, encontrar o seu senhor. Foram momentos terríveis para Tung que, desorientado, apalpando as paredes, tentara também encontrar o criado. Depois de sentir as mãos fortes do criado, ríspido, ordenou que acendesse novamente a luz. Em pé, no meio do pequeno aposento, ele lançou um olhar rápido sobre tudo, constatando que as suas ordens Unham sido escrupulosamente cumpridas. Sem demonstrar, mais uma vez, um só vislumbre de piedade pela sua infeliz companheira, voltou-se enérgico e disse:

— Estou saúsefeito; podemos ir buscar Li.

Calmamente, voltou em busca de Li, que havia deixado no grande salão. Foi surpreso que a encontrou em pé à sua espera e, ao contemplá-la, não deixou de sentir um certo temor, principalmente ao notar a calma e a tranquilidade estampadas em seu rosto belo e sereno. Parecia que ela não se apercebia do drama sinistro, preparado pelo marido, para afastá-la definitivamente do seu convívio e de Kiang. Realmente, ao ouvir as palavras terríveis do filho, quando ela lhe pediu proteção, deixou, desde aquele momento, de sentir a menor sensação de mágoa, parecendo que o seu dolorido coração tinha, naquele trágico momento deixado de pulsar. E foi, desde então, que não se apercebeu, nem sentiu mais nada do que estava se passando ao seu redor.

Estava Li vestida com um comprido traje de fina seda estampada, que modelava maravilhosamente o seu corpo franzino e perfeito. Nos cabelos, caprichosamente penteados, trazia, como costumava usar, um delicado raminho de flores alvas, porém já murchas... Vista ao longe, na semiescuridão do vasto salão, era impressionante a sua imobilidade, que mais parecia uma estátua do que uma infeliz e desprezada mulher. Não se voltou nem mesmo quando ouviu os passos ligeiros de Tung. Somente quando ele falou bem perto dela, ordenando que o seguisse, foi que se voltou e o fitou demoradamente, como desejando ainda encontrar no seu olhar um vislumbre de compaixão. Mas o olhar do marido era frio e cortante, e Li, curvando a cabeça, humildemente o acompanhou.

De longe, a muda, escondida, viu alarmada e sem compreender o seu senhor, tão tarde da noite, descendo para o subterrâneo em companhia da senhora. O seu marido lhe havia dito que ela estava doente, mas agora duvidava, pois via com seus próprios olhos a sua senhora, tão bonita, descendo calmamente em companhia do marido as escadas carcomidas pelos anos, do lugubre subterrâneo, há tanto tempo abandonado. Depois, ouviu quando Tung chamou pelo criado e quando este se afastou ligeiro... e mais nada. Porém, a pobre muda teve um pressentimento doloroso... e ficou estarecida no mesmo lugar de onde estava olhando. Passados alguns instantes, viu Tung voltar sozinho e calmamente tomar o carro que o conduziria de volta para a sua casa, rica e luxuosa, onde o esperava o filho único e adorado; por causa de quem tinha praticado um tenebroso crime, atirando num subterrâneo oculto sua própria esposa, companheira dedicada, mãe carinhosa e meiga...

\*\*\*

Li acompanhou Tung, silenciosa, durante todo o pequeno trajeto até o quarto destinado a ela. Impassível, viu quando foi aberta a porta, e quando o esposo entrou e colocou

a pequena luz sobre a mesinha. Junto à porta, ficou Li esperando; quando ele se voltou, fitando-a demoradamente, disse:

— Nesse momento nos separamos para sempre; e se assim faço é devido ao grande e profundo amor que dedico ao “meu” filho Kiang. É só por ele que resolvi ocultar de todos a terrível desgraça que nos atingiu, com essa moléstia que você adquiriu. Aqui encontrará repouso e terá tudo quanto precisar, encobrendo assim para sempre essa nódoa que você nos atirou.

Li, de olhos muito abertos, fitava, pelas grades da minúscula janela, o céu que nesse momento era iluminado pela Lua majestosa, que despontara cobrindo a Terra com seus raios prateados, dando uma suavidade consoladora e calma...

Quando Tung terminou, ao olhar para ela, viu espantado que estava absorta olhando o céu, indiferente às suas palavras... Revoltado, afastou-a da porta, e saiu fechando-a por fora, retirando as chaves, que cuidadosamente guardou.

Ao ouvir a porta fechar e serem retiradas as chaves, Li compreendeu que estava para sempre prisioneira. Lentamente, aproximou-se da pequenina janela e tentou olhar para onde dava a mesma. Como era muito baixa, não foi possível alcançá-la, sendo preciso levar um pequenino banco, e subindo, pôde ver, auxiliada pelo luar, toda a paisagem que se descortinava ante os seus olhos deslumbrados. A Lua grande, clara, pairava soberba na amplidão imensa, banhando com a sua luz suave toda a extensão do grande parque. As árvores frondosas refletiam seus galhos longos na terra branca das margens tranquilas do rio que mansamente deslizava. O silêncio era completo, ligeiramente interrompido pela aragem fresca que sacudia as árvores imponentes e seculares. Trepada no banquinho, segurando fortemente as grades frias, olhava extasiada toda a beleza dessa noite em que, tão cruelmente, fora afastada do seu lar, do esposo e do único filho. Pelo seu rosto pálido corriam lágrimas ardentes. Depois, cansada, desceu e foi deitar-se no pequenino e pobre leito. Adormeceu rapidamente, e, só ao amanhecer foi que despertou ouvindo o trinado alegre dos pássaros nas árvores próximas ao seu cárcere, e pela janela o sol rutilante invadia todo o aposento, inundando-o de luz. Lentamente sentou-se e, alegre, disse consigo mesma:

— Pensei que o meu cativo fosse pior, mas logo no primeiro dia vejo que me enganei. Terei a companhia dos pássaros, ouvirei as suas melodias magníficas, verei o rio, onde desde pequenina, na minha infância distante, tanto gostava de brincar nas suas margens; verei, mesmo de longe, os barqueiros robustos, e talvez ouvirei as suas canções dolentes e belas. O Sol aquecerá estas paredes, há tanto tempo vedadas à sua visita amiga e, às noites, terei a felicidade de contemplar, silenciosa, o céu estrelado e o luar, espetáculos grandiosos que Deus nos proporciona, magnânimo. Sinto agora que poderei ser feliz aqui.

Chegou novamente à janela e, trepada no banquinho, olhou curiosa o despontar do dia. Atenta estava, quando ouviu, ao longe, uma canção que ela tanto gostava de ouvir quando, em companhia de Kiang, ia até perto do rio. Divisou nitidamente uma embarcação e quatro remadores que, alegremente, cantavam acompanhando o ritmo dos remos. Viu quando eles passaram defronte à janela, quase encoberta pelas árvores. Foi então, que procurou ver o que tinha no aposento. Abriu uma grande mala e, satisfeita, constatou que Tung tinha sido generoso para com ela enviando todos os objetos do seu quarto, inclusive pequeninos trabalhos que ela muito gostara de executar. Retirou tudo e, cuidadosamente, foi arrumá-los na mesinha, e, assim entretida, passou toda a manhã e depois, cansada, foi deitar-se.

Não demorou muito a ouvir um barulho junto à porta e, em seguida, o pequeno buraco que tinha passado completamente despercebido por ela, foi aberto e introduzido, por

meio de uma longa vara, uma bandeja que ela retirou logo, vendo surpresa uma farta alimentação, água e frutas, e o mais importante, que a deixou deveras maravilhada, um raminho de lindas florzinhas perfumadas. Retirou tudo, colocou novamente a bandeja na vara e a empurrou para o lado de fora, ouvindo outra vez os mesmos passos vagarosos, que aos poucos foram se tornando indistintos, para logo mais desaparecerem por completo. Radiante, tomou os alimentos e os arrumou na pequenina mesa; voltou-se para apanhar as flores e, quase com vaidade, as colocou, como costumava usar, nos cabelos já cuidadosamente penteados. Sentou-se no pequenino banco e ficou pensativa, meditando profundamente de quem seria a oferta, pois só uma amiga muito sincera teria tido a delicada lembrança.

— Não conheço ninguém aqui, e, mesmo que isso fosse possível, é ignorada a minha presença nesta casa, há tanto tempo abandonada. Ao chegar aqui, só vi o criado, que é um fiel e dedicado servidor de Tung, há muitos anos. Tenho certeza de que ele obedecerá a toda e qualquer ordem dada pelo seu senhor. Sei também que Tung jamais daria permissão para ele enviar-me flores.

— Você é uma prisioneira que veio para sempre oívia. Quem, pois, a lembrança amiga e expressiva?

Assim estava meditando, quando subitamente lembrou-se de muda, que conhecia bem, pois quando veio, há muito tempo, em companhia de Tung e Kiang pequenino, passar uns dias de repouso, procurou fazer com que a infeliz criada compreendesse os seus gestos. Lembrava-se agora, nitidamente, que uma tarde, quando passeava sozinha, viu a muda e convidou-a para ir com ela, no que foi atendida, e juntas foram até às margens do rio, e, sentadas, Li procurou conversar com a dedicada servidora. Notou que ela era inteligente, assim como demonstrou, também, muito medo do marido, que a tratava severamente. Agora tinha certeza de que a oferta era dela. Satisfeita, juntou as mãos e disse contrita:

— Mais uma vez, rendo meu tributo de agradecimento a Deus, que não abandonou a sua desgraçada filha, tão grandemente atingida por esta terrível moléstia.

Ficou muito tempo olhando para as pequeninas manchas, quase invisíveis, mas nódoas marcantes, que faziam com que ela as visse como mensageiras de Deus para torná-la melhor e mais humilde.

— Encontrarei nesta prisão, talvez, o grande lenitivo para o meu sofrer e a coragem para o meu fim. Esta moléstia será o facho luminoso e esplêndido que iluminará os meus dias longos de cativo, clareando a minha vida, e mostrando-me as possibilidades de alcançar, venturosa, as mansões distantes do Além. Bendigo, desde já, este sofrer, agradeço por esta Dor que há de purificar-me... Tenho o coração transbordando de perdão e de amor... Amor, luz clara e bela cujo calor alenta, cujos reflexos intensos e brilhantes guiarão os Espíritos para as moradas grandiosas do Pai.

Pois só o amor terá forças para esclarecer os que duvidam, para converter os descrentes, para transformar os incrédulos, e ainda, o amor é que mostrará para a humanidade sofredora os mundos maravilhosos, dispersos na imensidão do Infinito.

Só porque tenho o coração cheio de Amor é que posso perdoar e posso enfrentar destemida os dias longos do meu cativo...

Os dias foram passando e Li, cada vez mais integrada no marasmo do seu abrigo. Sozinha, procurava passar as horas, o mais agradável possível, entretendo-se com os pequenos trabalhos que Tung tinha enviado na sua mala. Eram delicados bordados, finamente desenhados e artisticamente executados por Li, uma verdadeira artista. Desde muito mocinha, tinha demonstrado pendor principalmente pelas tapeçarias que a seduziam, pois, dotada de inata concepção do belo, era para ela um prazer tecer uma tela, estudar os



matizes vários e confrontar, como artista, o final, analisando demoradamente o trabalho, corrigindo detalhes, fazendo modificações de acordo com o seu fino gosto e rara sensibilidade.

Sensibilidade tão marcante que transmitiu ao seu único filho, fazendo dele também um peregrino do belo, um eterno insatisfeito, buscando haurir intensamente de todas as fontes de artes o prazer para a sua curiosidade artística, sempre insatisfeita, à procura de novas sensações.

Muito moço, pôde seu filho ser um dos homens mais viajados do Cantão, percorrer todo o mundo, conhecer todos os lugares célebres: pôde estudar os problemas que o interessavam, colecionar tudo quanto desejava e transformar sua residência num verdadeiro e estuendo museu de artes, que será mais tarde descrito pormenorizadamente.

Tão grande era a sensibilidade de Li e tão profundo o seu gosto pelas coisas belas que, mesmo prisioneira numa pequenina e estreita sala, pôde encontrar logo o lenitivo e a alegria perene para os dias longos do cativo. Não fosse uma artista perfeita, teria sucumbido pela tristeza e pelo vácuo do isolamento, mas tal não aconteceu. Ela encontrou, como artista, o deslumbramento para os seus olhos de esteta do Belo. Na simples contemplação do azul do céu, ou do verde forte das árvores, do barulho cadenciado das águas do rio, do canto longínquo dos rudes barqueiros, Li ficava extasiada e, satisfeita, esquecia que era doente e prisioneira.

Só lhe faltava uma companheira para poder conversar, o que lhe foi um certo dia concedido, encontrando-a num lindo pássaro que alegremente pousou na janela da sua cela, vindo de um galho florido que pendia junto à grade. Estava sentada no banquinho, entregue aos seus pensamentos, quando ouviu o trinado da avezinha. Não se levantou para não assustá-la. Ergueu os olhos e viu que era linda, muito linda a sua visitadora. Cantava alegremente, tirando da sua pequenina garganta privilegiada os mais suaves acordes, os gorjeios mais delicados, que fariam inveja às mais decantadas cantoras. Li, imóvel, escutava a bela avezinha. E foi pesarosa que a viu partir célere, livre e feliz pelo espaço azul. Quando ela voou e o silêncio voltou a pairar no aposento, Li sentiu tão profunda tristeza, que pediu fervorosamente a Deus que lhe concedesse a ventura de poder sempre ouvir um recital tão belo como o que a pequenina e frágil avezinha lhe concedeu.

No dia seguinte, ela teve o cuidado de colocar na janela alimento, esperançosa de que o pássaro voltasse para alegrá-la novamente. Sentou-se no banquinho e, como uma ingênua adolescente que espera ansiosa o seu amado, ouvindo o coração bater acelerado, assim ficou à espera da vista. Em dado momento, ouviu o trinado junto à janela, pois a avezinha, de cabeça baixa, comia satisfeita todas as migalhas. Terminando, sacudiu a linda plumagem como se estivesse ajeitando as dobras de rico traje, para depois dar início ao seu recital de agradecimento. Livremente a avezinha cantou, e Li, contrita, a ouvia sentadinha no pequenino banco. Depois novamente o bater de asas, e o silêncio. Muitos dias foram passados e Li, continuando a colocar as migalhas para a avezinha, que assiduamente vinha comer e, em seguida, cantar para depois partir deixando-a triste e só.

— Quero agora ver se consigo que ela não tenha medo de mim, quero ver se a posso pegar para acariciá-la como merece. Atenciosa, esperou o amanhecer para tentar a experiência.

Muito cedo já estava contemplando o Sol, que despontava lentamente entre as grandes e azuladas montanhas. Cuidadosamente, colocou as migalhas e, desta vez, não sentou no banquinho, procurando ocultar-se como costumara fazer, mas ficou em pé, segurando fortemente as grades. Não demorou muito a ouvir, num galho próximo, o trinado

alegre e suave da avezinha que se preparava para ir buscar o alimento costumeiro. Impaciente, Li observava todos os movimentos do pássaro e foi com emoção que viu quando ele deixou o ramo e direto veio pousar na janela. Chegando, não demonstrou receio, abaixou a linda cabecinha e calmamente comeu. Emocionada, Li não perdia um só movimento da graciosa visitante. Depois, muito sutilmente, tentou passar de leve a mão sobre a macia plumagem da encantadora avezinha e, maravilhada, viu que ela não deixou de comer; então, esperou mais alguns instantes para tentar novamente pegá-la. Surpreendida, pegou a avezinha, que não demonstrava o menor temor. Trêmula, ficou com ela nas mãos, receosa de magoá-la. Desceu depois e sentou-se no banquinho. Colocou com delicadeza a avezinha no colo e ficou emocionada vendo que ela se conservava aconchegada junto aos seus braços. Chorou de contentamento, pois já eram passados tantos meses de confinamento, sem ter uma só pessoa com quem pudesse falar. Surpreendeu-se como o eco de sua própria voz, quando disse:

— Agradeço, amiguinha delicada, a visita amável...

A avezinha ergueu a cabecinha parecendo que tinha compreendido as palavras de Li.

— Quero dar-lhe todo o carinho... Como poderei chamá-la? Como? Quero um lindo nome... Mei-ling... Mei-ling... sim, assim chamar-se-á a minha amiguinha.

Estranha coincidência... Li deu o nome de Mei-ling ao pássaro, sem poder saber que, alguns anos mais tarde, o seu filho escolheria para esposa uma linda adolescente que teria também o doce nome de Mei-ling. Voltou Li e colocou a avezinha na janela, sentando-se em seguida no banquinho. Atenta ouviu o gorjeio alegre e em seguida o bater das asas que, aos poucos, foi se distanciando até desaparecer por completo. No dia seguinte, novamente conseguiu prender a avezinha e com ela conversar demoradamente. Estava assim Li satisfeita, tendo tudo quanto desejava, pois diariamente recebia também a demonstração afetuosa da amiga desconhecida que lhe ofertava flores, testemunhas mudas de uma grande amizade.

Muitos meses já eram passados, e Li via resignada a marcha da moléstia implacável. Muitas vezes pensou no filho ingrato, que ela ainda adorava; lembrou-se também de Tung, seu companheiro de tantos anos; revia saudosa a velha casa, e em pensamento percorria todos os seus recantos, desde o grande salão até o jardim, e as margens poéticas do rio onde costumava passear com Kiang ainda pequeno. Lembrava-se dele sentadinho na areia branca, brincando descuidado. Parecia que ouvia a sua vozinha terna chamando para que voltassem. Lembrava-se depois do dia terrível em que Tung a prendeu no quarto, horrorizado com a revelação da moléstia terrível. Ouvia as palavras de Kiang; — Você é uma leprosa... você é uma leprosa... você é uma leprosa... Li tapava os ouvidos, ainda estarecida com a crueldade do seu pequenino filho. Mais tarde lembrava-se de Tung, ordenando que ela o seguisse, para encarcerá-la no subterrâneo, sem piedade, onde, desde longos meses vinha suportando resignada o cativeiro imposto por seu esposo e pelo seu único filho. Falava então alto:

— Será que estou mesmo totalmente esquecida deles? Resta-me ainda um pouco de esperança, não posso crer que tenham deixado de se recordar de mim, assim como eu não posso de todo olvidá-los...

### **III - GRANDE REVELAÇÃO DE PEQUENO PUNHAL**

Durante os anos em que Li esteve afastada, prisioneira na longínqua casa de pedras, Tung e Kiang desfrutavam de uma vida

calma e feliz. Nunca mais o nome de Li tinha sido pronunciado no seu lar. Estava para

sempre esquecida, tendo Tung feito ciente aos seus amigos que ela, doente, repousava afastada na sua casa de veraneio em companhia de servidores dedicados e fieis.

Porem, decorridos alguns meses, fez constar que ela havia falecido repentinamente e que, conforme seu expresso desejo, tinha sido sepultada no mesmo lugar onde falecera. Tung, em companhia de Kiang, passou uns dias afastado, voltando em seguida para receber impassível as demonstrações de pesar de todos os seus amigos que, em consideração à sua imensa fortuna e ao seu grande talento, acorreram para testemunhar o grande pesar. E foi depois dessa fase que Tung respirou aliviado e procurou coordenar melhor os seus negócios, pois desejava afastar-se da China, levando Kiang para estudar num centro de cultura mais elevado, porque desejava que o filho tivesse uma educação aprimorada, sendo preciso afastá-lo logo, para que ele ficasse de todo ambientado num meio mais culto e onde pudesse livremente aprimorar os seus dotes de invulgar inteligência. Conhecedor como era dos meios mais seletos, tendo amigos proeminentes, não lhe foi difícil fazer a escolha. Assim meditava seus planos:

— Irei com ele e guiarei os seus primeiros passos. Mais tarde viajaremos juntos, e serei novamente seu guia. Não quero que ele retorne à China, só quando já estiver preparado e, assim mesmo, depois de ter percorrido todos os países do mundo e de ter conhecido as mais decantadas regiões, então sim, virá rever a sua pátria e aqui ficará trabalhando para o seu soerguimento.

Dias após dias Tung trabalhou incessantemente numa faina intensa de preparativos para a partida. Ficaria a grande casa fechada, entregue aos seus velhos criados. Cuidadosamente guardava as preciosas peças antigas, desde os raros marfins finalmente esculpidos, ate as delicadas porcelanas pintadas à mão por artífices renomados; porcelanas essas que vinham pertencendo à família Fu desde os mais remotos tempos. Depois, em companhia dos criados, providenciou também para que fossem guardadas as tapeçarias ricas e raras, algumas tecidas por seus antepassados — verdadeiras joias de requintado gosto, não só pelas nuances perfeitas como pelos anos que tinham, pertencentes à ilustre família da qual Tung era o último representante, e que avaramente guardava para seu filho Kiang.

Foi o próprio Tung que, procurando auxiliar os criados, tomou uma das tapeçarias para guardar numa grande caixa, e ao contemplá-la mais nitidamente, reconheceu como sendo uma das criações de Li. Lembrou-se do momento em que ela terminara esse trabalho c, submissa, pedira sua apreciação, e ele não pudera deixar de reconhecer que estava diante de verdadeira obra-prima, onde sobressaíam tonalidades perfeitas e acabamento esmerado. Era uma grande tela representando uma linda paisagem, com altas árvores e um campo verde coberto de lindas florzinhas de cores diferentes; ao fundo, quase encoberto pelas árvores, via-se um pedaço de céu muito azul. Sentado à sombra da mais frondosa das árvores, um casal de mãos dadas contemplava as flores, sendo que a dama tinha no seu regaço uma braçada delas. Perfeitos eram os traços dos dois, assim como os trajes típicos de fidalgos chineses.

Tung entusiasmou-se tanto por esse trabalho que o colocou no luxuoso salão, e muitas vezes veio sentar-se em frente para melhor contemplá-lo. Agora que para todos ela era considerada morta, foi para ele um choque quando reconheceu entre suas mãos a tela de Li. Sentiu um estremeamento violento, e um escuro encobriu a sua vista. Resoluto, sentou-se, tendo a tela presa nos seus dedos nervosos. Fechou os olhos e recostou a cabeça no alto espaldar da velha cadeira. Sem poder reter o turbilhão das suas emoções, reviu Li delicada e bela, sentadinha e silenciosa bordando ao seu lado. E no âmago da sua alma torturada, ele cedeu aos impulsos imperiosos dos seus sentimentos e reconheceu, nesse momento, que foi

cruel, foi desumano, e não podia deixar de recordar com saudade a terna e mansa criaturinha que ele, por um desmedido e alucinante egoísmo paterno, atirou sem piedade numa fria e escura prisão, num velho e abandonado subterrâneo. Tão absorto estava na recordação da esposa, que não notou quando Kiang sutilmente entrou e, junto da cadeira, alarmado, observava o pai. Notou presa ainda fortemente às suas mãos a tapeçaria. Kiang, violentamente, a retirou. Depois o interrogou:

— Por que o vejo tão apreensivo, olhando esta tapeçaria?

Tung não respondeu; e Kiang mais uma vez o interrogou, pedindo-lhe esclarecimentos daquela estranha postura.

Então, olhando firmemente para o filho, falou:

- Kiang, esta tapeçaria foi tecida há muitos anos por sua mãe, e hoje, casualmente ao contemplá-la, senti que algo estranho me perturbou fortemente. Não sei definir positivamente o que senti, mas pela primeira vez recordei-me de Li, e confesso, meu filho, senti saudades dela...

Kiang era ainda muito jovem, mas possuidor de rara inteligência que Tung, desde muito, vinha orientando também com o seu invulgar talento, procurando despertá-lo e orientá-lo para os grandes problemas da vida que ele via com acentuada agudeza. Kiang era um discípulo excepcional, sagaz, não lhe passando despercebidos os mínimos detalhes das lições recebidas de seu pai. Foi, pois, quase com ironia que ele ouviu Tung dizer que sentia saudade de Li. Sorrindo, indiferente, olhou a tela e disse:

— Surpreenderam-me, meu pai, as suas palavras. Então está com saudade de minha mãe? - riu alto... — saudades... ela já morreu para nós... tratemos de nos preparar e esqueçamos de uma vez esta história da nossa vida.

Atirou para longe a tela e saiu apressado do salão. Tung continuou sentado e, em silêncio, meditou. No seu cérebro exausto perpassou velozmente toda a sua vida, desde o instante em que conheceu Li, mimosa menina, quase da idade que Kiang tinha agora. Depois recordou o seu enlace, muitos anos passados. Foi como quase todos os casamentos chineses, mera escolha dos progenitores de ambos. Mesmo pertencendo a uma ilustre família e tendo sido educado numa adiantada capital européia, era Tung um chinês cumpridor fiel das suas tradições, aceitando resignado todos os seus rituais. Foi assim que se uniu a Li, também pertencente a abastada família. Depois de casados, Tung, inteligente como era, não pôde deixar de reconhecer não só a delicadeza de Li, como a sua rara beleza e a inteligência aprimorada. Apaixonou-se loucamente por ela e, se não fosse a sua arraigada convicção pelo cumprimento de dever de cultivar todos os ensinamentos dos seus antepassados, teria feito dela uma grande dama que, com orgulho, poderia apresentar nas mais seletas sociedades da Europa. Porém, Tung nada fez nesse sentido e até mesmo a sua paixão procurou disfarçar. Era para todos o chinês imperturbável e austero. Agora, sozinho, pensava, e na sua alma torturada sentia que não podia esquecer jamais a sua infeliz companheira.

Ainda muito tempo ficou Tung entregue aos seus pensamentos. Cabeça baixa, olhos fechados, continuava revendo todas as fases da sua vida, procurando, num esforço supremo, afastar da sua mente a visão saudosa de Li. Porém, debalde. Ela surgia nítida em toda a sua plenitude, de beleza e ternura. Reconhecia que, realmente, Li fora a mulher mais encantadora que cruzara na sua vida. E abrindo os olhos fitou ainda a tela que Kiang havia retirado das suas mãos e atirado sobre um velho canapé, defronte onde ele estava sentado. Não podendo recalcar as saudades, aflito, exclamou:

— Li, perdoe-me, tudo fiz em benefício do nosso filho Kiang!

Nos seus olhos tristes, claras lágrimas brotaram e mansamente deslizaram pelo seu

rosto... depois, mais calmo, levantou-se e foi condnuar o trabalho interrompido. Estava só, pois ordenara aos criados que se afastassem e que ele mesmo terminaria como desejava.

. Num recanto do amplo salão, verdadeiro relicário de preciosos ornamentos, distinguia-se um antiquíssimo móvel, obra valiosa, datada de muitos anos, vindo de gerações em gerações, tradicionalmente cobiçado por todos os rebentos da velha família Fu, e que orgulhosamente ele o guardava como uma peça de inestimável valor. Era todo esculpido e incrustado de finas madreperolas, tendo diversas gavednhas, todas abertas por meio de um segredo, tão artisticamente disfarçado que causava espanto ao mais conhecedor e hábil colecionador de raridades chinesas. Desde muito jovem possuía esse móvel, e nas suas minúsculas gavetas guardava todas as joias e pequeninas preciosidades adquiridas durante suas viagens.

Foi esse móvel que Tung procurou arrumar cuidadosamente. Sentou-se, foi abrindo lentamente as gavetas e redrando tudo para rever.

Notava-se o interesse que ele unha por todos aqueles objetos guardados com tanto carinho. Colocou em cima do móvel diversos deles, e entre eles um pequeno punhal, também peça rara e preciosa, assim como arma terrível. Fora adquirido numa das suas longas viagens na velha cidade de Pequim, num recanto sórdido, de um chinês colecionador de armas perigosas e traiçoeiras. Tung o comprou pela originalidade, não só do tamanho, como também pelo acabamento exótico e pelo perigo que podia provir da minúscula lâmina cortante e perigosa. Esteve com ele muito tempo nas mãos examinando como cosmmava fazer, todas as vezes que abria a gavetinha, e sempre entusiasmava-se pela beleza do punhalzinho. Depois colocou-o ao lado e continuou a rever o que tinha guardado.

Em dado momento, descuidou-se e bateu com o braço violentamente, derrubando diversos objetos, entre eles o punhalzinho, que foi cair sobre o seu pé. Ele calçava um sapato de fino tecido, muito usado pelos chineses, principalmente em casa; e foi fácil o punhal penetrar profundamente. Alarmado, abaixou--se e retirou-o bruscamente, com coragem, e, impassível, viu o sangue manchar o tapete. Porém, estremeceu e ficou lívido. Pois apesar de o ferimento ser profundo, e da grande perda de sangue, não sentiu a menor dor. Estarrecido, ficou muito tempo com o punhalzinho preso nas mãos. Olhar desvairado, como louco, contemplou o seu próprio sangue que dngia o rico tapete. Sentia-se subjugado, como preso por possantes algemas à cadeia. Debalde tentou levantar-se, porém, inútil o esforço. Queria chamar o filho, mas incontinenti lembrou-se do momento terrível em que Kiang, ao ouvir o apelo alucinante de sua mãe, nas mesmas condições em que ele se encontrava agora, bradara impiedoso:

- “Você é leprosa... você é uma leprosa... você é uma leprosa...”

Tung levou as mãos aos olhos, enxugou as lágrimas que abundantes deslizavam pelas suas faces ardentes. Depois, recostou a cabeça no alto espaldar da antiga e preciosa cadeira, e deixou-se vagar pelo mundo misterioso dos seus pensamentos, preso às suas malhas confusas. Só agora, passados tantos anos, nesse momento cruciante da sua vida, é que se lembrou de Li e avaliou o seu calvário. Acabrunhado, pensou nela, tolhida na sua liberdade, prisioneira num abandonado subterrâneo, frio e triste. Sentiu agora intensamente a sua dor, que era também a dele. Reconheceu que a história de Li jamais seria contada, tão dolorosa ela era. Ele nunca teria a coragem precisa para deixar transparecer a verdade do seu desaparecimento, que seria uma nódoa na vida, não só dele, como do filho único e adorador. Reconheceu a sua crueldade e como devia ter sido mais humano para com a doce criaturinha que compardlhava da sua vida e que era a mãe de Kiang. Viu horrorizado o hediondo crime que, silenciosamente, praticou, amparado pela fortuna imensa que possuía e pelo prestígio do

seu nome ilustre. Reconheceu e avaliou que os homens não valem nada pelos seus talentos, nem pela glória efêmera das suas posições, mas valem, sim, pelas refulgências do seu espírito. E ele, Tung Fu, nada mais era do que um vil e cruel monstro, acobertado pelo dinheiro, indiferente e dissimulado, digno do desprezo de Li. Recordou-se do olhar indiferente e da passividade dela ao ouvir as suas palavras. Parecia que estava vendo o seu rosto pálido e perfeito, a contemplá-lo firmemente, sem uma só frase de revolta. Soluçou baixinho e murmurou:

— Não poderei, agora, jamais esquecer este atentado... Terei coragem para disfarçar de Kiang esta terrível verdade?

E ainda soluçando convulsivamente, debruçou-se sobre o rico móvel, de que tanto se orgulhava de possuir, entregue à sua grande Dor.

Quando Tung se levantou, surpreendeu-se de estar no escuro, e pôde avaliar nitidamente o longo tempo em que esteve entregue à sua imensa mágoa. Sentia o cérebro confuso com um grande entorpecimento em todo o corpo. Olhou demoradamente para o vasto salão envolto em tênue penumbra. Da janela entreaberta vinha a fresca aragem da noite. Com dificuldade levantou-se e, arrastando-se, chegou até a janela onde, debruçado, ficou contemplando o firmamento estrelado. E no recôndito de sua alma torturada chegou, em borbotões, toda a recordação de sua vida, desde a infância até o momento presente, em que ele reconhecia os erros que praticou; e sentia já o arrependimento que iria acompanhá-lo, não só o arrependimento, como o remorso que o perseguiria como um fantasma tremendo, torturando-o constantemente.

Ele reconheceu toda a realidade que se apresentara clara e ameaçadora. Fitando o céu, meditou na finalidade da Vida e na sua eterna filosofia, porque Tung, como um chinês de arraigadas tradições, era também um filósofo profundo. Com o aprimorado talento que possuía, e com a sua grande cultura, ele tinha sabido haurir de todas as fontes inestimáveis conhecimentos, a força precisa para a resolução lógica e positiva de todos os seus intrincados problemas,

mas... agora... curvou a cabeça e, impotente, ficou ante as terríveis verdades que se deparavam à sua frente. Até então todos os seus reveses eram por ele calmamente resolvidos, como o filósofo que na realidade era... mas... tornou a murmurar:

— Agora... agora... é por demais intenso o que sinto e o que me atingiu... e a minha filosofia é também impotente para esclarecer-me e amparar-me neste transe difícil em que me debato! Terei coragem para enfrentar impávido e sozinho esta dura batalha? Kiang é tão jovem, e tenho certeza de que mais tarde terá horror de mim.

Lembrou-se do seu rostinho contraído, do olhar espavorido quando soube que sua mãe estava leprosa; entretanto, era uma criança. Pensou em quando ele não pudesse mais ocultar a verdade e, atemorizado, ficou pensando também como iria resolver esse seu problema. Apertando fortemente a cabeça, continuou entregue aos seus alucinantes pensamentos. Estremeceu violentamente quando sentiu o contato da mão de Kiang pousar levemente no seu ombro. Voltou-se bruscamente e fitou firme o filho, que assustou-se com o olhar espavorido e ameaçador de Tung. Em frente um do outro, ficaram em silêncio até que Kiang o interrogou:

— Por que o encontro tão diferente e tão acabrunhado?

Tung não respondeu. O filho tornou a perguntar, desta vez em tom alto e ríspido, porém ele continuou calado, olhando firme para o filho. Só depois de muito tempo é que, com dificuldade, conseguiu falar e pausadamente disse:

— Kiang, não me sinto bem, preciso de repouso, pois na realidade estou muito

cansado.

— Tratemos então de abreviar a nossa viagem, que espero lhe seja benéfica.

E Kiang saiu sem demora, deixando o salão. Tung ficou novamente só e entregou aos seus funestos pensamentos. Até tarde da noite esteve no vasto salão, e só pelo raiar do dia se levantou da grande cadeira e mais uma vez foi à janela onde ficou admirando o despontar lento da aurora.

Sentiu na sua alma torturada um bem-estar delicioso na contemplação do espetáculo magnífico que nunca tinha sido visto por ele. Respirou profundamente, haurindo da aragem fresca da manhã um tônico precioso para o seu organismo, enfraquecido pelas emoções violentas que tinha experimentado nesse dia fatídico da sua existência, até então sossegada e feliz. Deixou que o vento batesse livremente no seu rosto, e de um galho verde, que ousadamente tentava penetrar na janela, lhe caíssem nas faces algumas gotas de orvalho fresco da noite. Preso no êxtase da contemplação, sentiu também os reflexos dos raios benfazejos do Sol que despontava rubro por entre as montanhas altas.

Refeito e mais calmo, deixou o salão, para ir ultimar as ordens necessárias, pois desejava agora partir brevemente para bem longe, procurando se esquecer de seus nefastos pensamentos. Julgava que, engolfando-se no turbilhão entontecedor das grandes capitais, encontraria o refúgio certo para a sua mente cansada. Sem querer, voltou a pensar em Li, prisioneira, e estremeceu ligeiramente, sentindo um frio penetrar na sua epiderme. Sentiu também uma vontade alucinadora de ir até à casa de pedras para ter notícias detalhadas dela; pois, só assim, pensava, teria a paz necessária para empreender a longa viagem. Por isso, resolveu ir, naquela mesma noite, até a longínqua casa de pedras para ouvir do velho e leal servidor algo sobre o estado de lá.

Resoluto, chamou pelo criado e, cauteloso, ordenou que lhe preparasse um carro, pois desejava fazer uma *ligeira viagem*, assim como pediu para que mandasse Kiang à sua presença. Sentou-se e ficou à espera do filho, que não demorou muito a vir. Surpreendido com a resolução do seu pai, insistiu para acompanhá-lo, o que Tung não permitiu, dizendo ser uma viagem *rápida e cansativa*. Conformado ficou Kiang e seu pai pôde partir livremente.

\*\*\*

A tarde findava lentamente, e toda a cidade estava encoberta pela tênue claridade vinda dos últimos raios do Sol. Tung tomou o pequenino carro e velozmente seguiu para a casa de pedras. Ia só e durante o longo percurso deixou que o seu pensamento vagasse livremente. A estrada era larga, cheia de subidas, algumas bem íngremes, porém Tung não se amedrontava e fustigava violentamente os animais que, sentindo a dor da chibata que os feria, corriam celcemente. Mesmo assim, a distância a percorrer era grande e só muito tarde da noite foi que ele, protegido pela claridade da Lua, distinguiu ao longe a casa de pedras. Procurou fustigar ainda mais os animais que, espavoridos, chegaram ao imenso portão.

Ligeiro, Tung desceu, deixando ao abandono o carro. Com força bateu, e como não fosse imediatamente atendido, puxou repetidas vezes a argola de bronze, que provocou um barulho intenso e estridente. Instantes depois a pesada porta foi aberta e o criado, ao deparar com Tung, recuou alarmado, e trêmulo ficou quando olhou mais demoradamente e viu o olhar aflito dele como desejando descobrir num só relance toda a casa. Tung ordenou que se fizesse luz e logo foi interrogando o leal servidor:

— Diga-me, como vai a sua senhora?

— Creio que vai bem, pois conforme suas ordens, nunca mais a vi, sendo que minha mulher é quem desce diariamente, porém para levar uma só vez os alimentos necessários. Sei que ainda vive porque devolve a bandeja em que é levada a refeição.

Tung, com o olhar alucinado, fitou o criado. Pediu em seguida que se retirasse, pois desejava repousar, e pela manhã daria as ordens necessárias.

Ficando sozinho, Tung procurou um antigo canapé e deitou-se, tentando descansar, pois devido à longa viagem sentia o corpo dolorido. Deitado na semiescuridão, tentou coordenar melhor as suas idéias e pensou em como deveria agir:

— Quero ver Li... quero... preciso ver pessoalmente como ela está... deve estar bem doente e horrível... a moléstia é medonha e a sua marcha é lenta, porém, destruidora.

Reviu, comovido, Li quando jovem, na plenitude dos primeiros anos de casados. Sentiu ainda o coração bater fortemente na recordação dos dias felizes em que ela, meiga e delicada, lhe fazia companhia... parecia que ouvia a sua voz melodiosa, cantando baixinho e bordando uma encantadora tapeçaria; atento, observava o cuidado com que escolhia as cores e depois como procurava harmonizar os matizes. Muitas vezes, Tung a auxiliou com o seu comprovado conhecimento, dado às numerosas vezes em que percorreu os célebres museus de artes e os requintados salões de pinturas. E agora, na mesma casa de pedras, sozinho no grande salão, recordou-se de todos esses pormenores. Foi preciso que uma forte dor o ferisse para que ele reconhecesse os seus erros e curvasse a cabeça arrependido. Já vinha despontando o dia, e Tung continuava deitado, recapitulando toda a sua vida. Quando sentiu que o Sol vinha surgindo, levantou-se bruscamente e saiu em direção ao quarto que dava passagem para o subterrâneo onde Li estava prisioneira. Abriu com cuidado a porta e, puxando a grande argola, deparou com a escada que, ligeiro, desceu. Ao defrontar com a porta do quarto de Li, encostou-se à parede fria, pois sentiu uma vertigem turvar-lhe a vista.

Passados alguns instantes, e refeito do abalo, corajosamente colocou a chave e ouviu o ranger da porta, para depois, empurrando-a vagarosamente, abri-la de todo. Aberta a porta, Tung deparou com Li sentada no pequenino banco, tendo no colo uma formosa avezita de linda plumagem, que ela carinhosamente afagava.

Estava singelamente vestida e penteada caprichosamente. Tung reconheceu o vestido, pois era o mesmo que ela vestia quando anos passados ele a trouxera para enclausurá-la. Apesar de velho era ainda, vestido por Li, muito elegante. Quando ouviu o barulho da porta que se abria, Li ergueu apressada a cabeça e, ao deparar com Tung em pé, parado junto à mesma, não demonstrou o menor sinal de surpresa; voltou-se novamente para a avezita e continuou a acariciá-la, indiferente. Tung continuava o exame, e surpreendido ficou ao constatar que ela estava, como sempre, bonita, e que a moléstia parecia estacionada, não demonstrando quase nada de anormal nas suas feições belas e perfeitas. Vendo que Li não o observava, encaminhou-se para mais perto dela; foi quando ela se levantou e, subindo no banquinho, colocou a avezita na janela, observando o seu vultozinho gracioso desaparecer ao longe, na amplidão infinita do céu. Desceu devagar e voltou-se para Tung que estava bem perto dela. Fitou-o demoradamente, porém, sem dizer uma só palavra, e depois foi aos poucos se afastando dele. Tung aproximou-se outra vez dela e com voz comovida disse:

— Li, vim até aqui me despedir, pois partirei brevemente com Kiang, que vai para o estrangeiro iniciar os seus estudos.

Li continuou calada. Novamente Tung insistiu, dizendo:

— Li, por que não responde? Você deve compreender que o que fiz foi exclusivamente em benefício do “nosso único filho”.

Era a primeira vez que Tung se expressava assim, pois sempre dizia — “Meu filho”. Então Li, erguendo a cabeça e olhando-o firme, respondeu com delicadeza:

— Agradeço, sinceramente, a sua visita e desejo para ambos muitas felicidades.

Muito tempo ficou Tung olhando para Li, que continuava sentada e cabisbaixa.



Depois, mais uma vez falou:

— Quero que compreenda o meu gesto, pois apesar de parecer ingratidão, não foi assim por mim pensado... Insisto em dizer que tudo fiz em benefício de Kiang, e espero que mais tarde ele também saiba avaliar este meu gesto, e recompense-me agradecido.

Ela ouviu estas palavras silenciosamente, sem nem sequer erguer a cabeça. Irritado com a atitude de Li, ele encaminhou-se para a porta, abrindo-a pela última vez; olhou para a sua antiga companheira e comovido voltou para junto dela, que recuou bruscamente, atemorizada. Então, Tung, com voz trêmula, murmurou:

— Adeus, Li... talvez venha mais tarde compartilhar com você desta prisão... talvez. Li... adeus... — e saiu ligeiro, fechando com violência a pesada porta.

Quase correndo, Tung subiu os degraus da longa escada e, ofegante, chegou ao salão, caindo sobre o canapé. Neste momento, o criado, ouvindo os seus passos, dirigiu-se também para o salão e viu cair desfalecido. Apressado, procurou socorrê-lo, quando entrou também a muda, e juntos tentaram levantar o senhor. Minutos depois, lentamente, Tung abriu os olhos e deparou com os dois fiéis servidores ajoelhados ao seu lado. Agradeceu e, levantando-se com dificuldade, ordenou ao criado que preparasse o carro, pois desejava partir imediatamente.

Ficando só com a muda, ele a fez sentar-se e, com gestos expressivos, pediu-lhe tratar bem a senhora; ela compreendeu o pedido e respondeu-lhe pondo a mão sobre o coração e apontou o quarto que dava passagem para o subterrâneo onde Li estava prisioneira. Depois tentou perguntar por que ele a prendeu. Tung abaixou a cabeça e, ao levantá-la, a muda, surpresa, viu que ele estava chorando. Esquecendo que era uma humilde criada, e levada pelo sentimento e pela bondade nata de sua alma, tomou as mãos de Tung e as apertou junto de seu coração. Nesse momento, o criado entrou e ficou admirado vendo sua mulher perto do senhor. Mandou que ela se retirasse, no que foi repreendido por Tung, fazendo com que a muda voltasse. Quando os dois juntos dele, transmitiu ao criado ordem para que nada faltasse a Li, e que a muda teria permissão para visitá-la, com ela passando alguns momentos. Mais uma vez demonstrou ao velho criado a sua confiança entregando-lhe as chaves do subterrâneo, recomendando o mais absoluto sigilo. O criado curvou-se respeitosamente e afirmou que as suas ordens seriam cumpridas fielmente. Participou que iria viajar por muito tempo e saiu para tomar o carro, que, pronto, o esperou no grande portão. Fustigou os animais que, rápidos, tomaram a direção da estrada. Na curva, Tung olhou mais uma vez para a casa de pedras e alto exclamou:

— Adeus, Li... adeus...

\*\*\*

Exausto, Tung chegou, depois da longa caminhada e fortes emoções; foi com alívio que repousou num canapé do luxuoso salão. Repousou e meditou, e nas sombras do passado distante reconheceu que tudo desaparecera para ele, pois Li nunca mais poderia perdô-lo. Recordou, emocionado, os momentos felizes que passou, não esquecendo uma só fase nem uma só reminiscência... Comovido, reviu na penumbra longínqua da sua vida, a silhueta expressiva de Li. Reconheceu agora que era impossível olvidá-la e que ela ficaria sempre pairando sublime no seu coração. E na luta em que se debatia, julgava a si mesmo e uma atroz melancolia invadiu sua alma torturada. Lutava para afastar para bem longe o pesadelo cruciante, mas debalde... era muito mais forte a dor que o atormentava. Porém reconheceu que nunca era tarde para remir um erro, e um dia, talvez, poderia ainda, das torturas de agora, fruir a ventura de um futuro feliz... feliz... será possível?

Veio então à sua imaginação o vulto jovem de Kiang. Só nesse transe terrível é que

pôde, conscienciosamente, analisar a personalidade do filho adorado. No seu pensamento surgiu mais uma vez Kiang, e Tung, amedrontado, reviu os seus olhos sugestivos e pareceu-lhe ouvir a sua voz que, desde já, tinha um timbre autoritário e ríspido. Sabia que não encontraria nele o amigo que idealizava, que teria de palmilhar sozinho a estrada longa e difícil, mas reconheceu também que era justo, pois afastando Li, que era a verdadeira amiga e companheira, praticou um atentado monstruoso e que devia, por isso, agora, levar sozinho a pesada cruz. Tentou reter os seus pensamentos e recuperar a calma anterior... porém não conseguiu; eles voavam como folhas soltas ao léu do vento forte... e em reviravoltas pairavam sempre no mesmo ponto: Li... Li... Li...

Sentiu, nesse instante, a ausência dela e uma saudade crucian-te e infinda, qual uma chaga dolorosa que o maltratava e aniquilava... sabia que essa saudade não teria fim... que o acompanharia para sempre, até que pudesse voltar a unir-se a ela... inconsciente, Tung exclamou alto:

— Irei, Li, para junto de você... irei...

Foi quando ouviu a voz de Kiang, que junto dele estava e pôde ouvir perfeitamente as suas palavras. Ríspido, perguntou:

«

— Estava sonhando? Ouvi dizer uma coisa tão absurda! Diga-me, exijo, estava mesmo sonhando? Ou está doente? Pois, do contrário, não pronunciaria jamais esse nome, até agora completamente olvidado por nós.

Tung ficou silencioso e Kiang outra vez o interrogou:

— Estou preocupado com você há muitos dias! Vejo-o sempre triste e procurando evitar-me. Noto algo diferente e gostaria de saber o que se passa! Já pensei que talvez tivesse recebido notícias desagradáveis daquela desgraçada mulher.

Tung levantou-se inopinadamente e, tomando o filho pelas mãos o sacudiu violentamente, atirando-o depois sobre o mesmo canapé onde estava repousando. E alto, em tom até nesse momento nunca ouvido por Kiang, gritou furioso:

— Como ousa chamar sua mãe de mulher desgraçada, como ousa fazer tal coisa, filho ingrato e cruel?

Kiang também levantou-se ligeiro e enfrentou seu pai com um olhar que desprendia verdadeiras fagulhas de ódio... e exclamou:

— Desde que você mesmo a afastou do nosso convívio que a chamo assim, e nunca tive uma só palavra de reprovação; por que, pois, agora reprova o meu procedimento, quando você mesmo já a chamou diversas vezes de desgraçada, e ainda mais de leprosa?

Em frente a Tung, cabisbaixo, o jovem insistiu e, batendo fortemente o pé, gritou:

— Não tolero que pronuncie nunca mais o nome dessa desgraçada... desgraçada... desgraçada... ouviu?! — e saiu furioso, batendo com estrondo a pesada porta do salão.

Tung continuou de pé, chorando silenciosamente... depois dirigiu-se ao canapé e deitou-se exausto. De momento a momento constatava o seu terrível erro e um pesar lento invadia a sua alma sofredora. Sofrendo profundo remorso, assim meditou:

— Terei de expiar este pecado até que a morte chegue impassível e leve-me... mas se a morte tardar muito, será para mim um calvário... tenho, entretanto, de seguir, tenho que percorrer todo o longo percurso, triste e sozinho... tenho que levar a minha desdita com paciência, porque eu mesmo fui o culpado, porque eu mesmo inutilmente me enveredei por esse caminho tenebroso, pensando assim encontrar a felicidade. Afastei de mim o verdadeiro amor, por um outro que eu julgava elevado e puro. Mas agora estou certo de que errei e que na vida só Li era a doce e meiga criaturinha que devia compartilhar comigo a suprema

felicidade, espargindo em torno do nosso lar tranquilo, o amor e a paz...

\*\*\*

Na manhã seguinte, muito cedo, Tung chamou Kiang e, com voz baixa e suave, disse:  
— Filho, você deve partir breve e quero que olvide para sempre o que se passou ontem. Procurarei encontrar um bom professor para que seja o seu guia, estou cansado e sinto-me seriamente enfermo.

Kiang, surpreso não só com o tom de voz de seu pai, mas também com o seu abatimento visível, aproximou-se dele e delicado pediu:

— Só partirei na sua companhia, pois do contrário não sairei daqui. Não quero professor nem guia algum, quero somente a sua companhia.

Tung abraçou o filho, prometendo então seguir com ele para o estrangeiro.

— Providenciarei rapidamente.

E assim, dias depois, seguia com Kiang para a Europa, onde ele pretendia estudar num aristocrático estabelecimento de ensino.

#### **IV - A ESPERADA VIAGEM**

Foi para Kiang, jovem e idealista, um deslumbramento a viagem. Guiado por Tung, velho e experimentado viajor, era um prazer inédito para o adolescente, que nunca tinha saído da tradicional cidade de Cantão, vislumbrar todas as belezas que lhe oferecia a longa travessia. Ansioso, esperava a chegada no primeiro ponto da Europa. Queria não só conhecer as cidades modernas, mas ainda os seus costumes e tradições. Kiang, desde muito pequenino, demonstrou tendência para ser não só um fino cavalheiro, como também um artista perfeito. Herdou de Li, romântica e sentimental, o gosto pelas coisas belas, e de Tung, inteligente e esforçado, o prazer de encontrar sempre definição para todas as suas curiosidades e forças para enfrentar todos os obstáculos que pudessem surgir à sua frente. Muito criança, já gostava de transmitir ordens e orgulhoso ficava quando era obedecido.

Era também com alegria que adquiria pequenos objetos e cuidadosamente os colocava em armários caprichosamente feitos para ele. Assim, muito jovem, já era possuidor de coisas raras, que seriam mais tarde aumentadas com o decorrer das suas longas peregrinações por todos os recantos do mundo. Tung notava com satisfação esse pendor do filho, pois ele também era um fanático colecionador de preciosidades. A sua residência era um verdadeiro museu de raras e ricas variedades de magníficas peças de marfim esculpido e de finas porcelanas que seriam significativamente aumentadas por Kiang. Ansiosos estavam os dois pela chegada ao primeiro ponto da Europa para adquirirem outros objetos que iriam enriquecer a soberba coleção da antiga e ilustre família Fú.

Kiang esperava impaciente e frequentemente estava interrogando Tung, fazendo inúmeras perguntas a que ele pacientemente ia respondendo e dando, ao mesmo tempo, as explicações necessárias. Sentados em frente um do outro, Kiang dizia:

— Quero estudar na França, quero conhecer profundamente a sua história e a sua literatura.

Tung curvava a cabeça, pois era seu desejo que ele estudasse na Alemanha onde tinha velhos e prestigiosos amigos, que poderiam na sua ausência guiá-lo convenientemente. Porém, nada disse, e combinou com Kiang que ele iria logo para a França.

De surpresa em surpresa, passaram os longos dias de viagem. Kiang estava radiante de felicidade, pois desde que saíra de China, vinha reconhecendo quanto ele era ignorante e quanto áanha ainda de ver e admirar. Muitas vezes, afastado de Tung, ficava a meditar, pois

apesar da sua pouca idade, era dotado de invulgar inteligência e fina concepção. Observador arguto, nada lhe passava desapercibido. Reconhecia que, com a fortuna que possuía, podia ter tudo quanto desejava. Sorria satisfeito antevendo o seu futuro na grande e sedutora cidade de Paris. Em tudo, Kiang demonstrava uma precocidade singular. Educado nos moldes de uma sociedade rígida e essencialmente tradicionalista, ele, entretanto, ainda bem jovem, discordava de Tung, quando este tentava aconselhá-lo no cumprimento fiel das velhas e austeras tradições da família Fú. Dizia seu pai que ele podia experimentar da vida todas as sensações, que podia haurir de todas as fontes o prazer almejado, mas quando tivesse de combater, teria de pensar em primeiro lugar na sua pátria e na sua família, assim como devia procurar na China a esposa, para com ela manter o prestígio e as tradições que ele, como filho único, tinha deveres imperiosos de cumprir. Kiang ouvia, e com desdém respondia:

— Isso será resolvido só por mim mesmo — e saía indiferente.

Uma noite em que Tung, protestando ligeira indisposição, se recolheu mais cedo, deixou-o em companhia de alguns amigos palestrando animadamente. Era a primeira vez que ele tinha oportunidade de ficar apenas com jovens da sua idade e com eles conversar livremente. Quando voltou para seus aposentos ia cabisbaixo e pensativo, pois na conversação que manteve com os amigos ficou ciente de que era, na essência, um ignorante. Revoltou-se intima-mente contra seu pai, que o tinha educado tão severamente, nos seus princípios rígidos, austeros. Deitado, olhando para Tung que dormia calmamente, com rancor ele dizia baixo:

— Agora começa para mim uma nova existência e saberei impor minha vontade, custe o que custar.

Só altas horas da noite foi que conseguiu conciliar o sono, mesmo assim tendo sonhos alucinantes que o fizeram acordar muito cedo e mal-humorado. Saiu sutilmente e foi sentar-se num banco distante, entregue novamente às suas inquietações. Tung, ao acordar, ficou admirado de seu filho já ter saído sem o despertar. Alarmado, ficou pensando que talvez ele tivesse vindo tarde, pois o deixara com diversos jovens e isso pela primeira vez. No seu imenso desvelo pelo filho único, que adorava, ficou preocupado. Saiu depressa para procurá-lo e indagar não só o motivo por que tinha se levantado tão cedo assim, como a hora exata em que tinha voltado para o aposento. Quando o encontrou, sozinho e afastado, com a fisionomia apreensiva, teve um sobressalto e, ligeiro, foi ao seu encontro. O jovem não notou a aproximação de Tung, tão absorvido estava nas suas meditações. Só quando o pai, depois de estar muito tempo sentado ao seu lado, bateu de leve no seu ombro, foi que ele ergueu a vista e encarou firmemente Tung, que aflito o olhava. Então, rudemente foi dizendo:

— O que deseja, e por que me olhou assim tão assustado?

— Eu que pergunto o que você faz aqui tão cedo e por que o vejo com esse olhar revoltado... Por quê? pergunto. Responda!

Kiang, indiferente, olhou o pai. Depois, com ironia na voz e no olhar, respondeu rudemente:

— Não tenho nada e quero de uma vez para sempre adverti-lo de que estou farto dos seus desvelos e dos seus conselhos. Estou já na idade de guiar-me por mim mesmo. Quero agora que seja somente um bom e agradável companheiro de viagem. Sei que é ótimo amigo, e que tudo tem feito para proporcionar-me uma vida verdadeiramente superior. Reconheço a sua grande cultura e o seu invulgar talento. Sei que será para mim o companheiro indispensável, portador não só de conhecimentos altamente valiosos, perante as finas sociedades, assim como de relações de amizade que serão para mim de muito valor. Mas quero que compreenda que só deve dar conselhos quando eu os pedir.

Tung, olhos muito abertos, fitou o jovem filho. Sentados no mesmo banco, quase em frente um do outro, ele podia ver nitidamente, pela expressão forte e firme de Kiang, que seria de agora em diante completamente diferente. Não podia acreditar que aquele filho adorado fosse, embora tão jovem, quase um tirano, pois as suas palavras repassadas de ironia e rancor penetraram profundamente no seu coração de pai dedicado, ferindo-o cruelmente. Queria responder com autoridade e firmeza, mas as suas palavras morriam antes de serem pronunciadas. E nos seus olhos pequeninos as lágrimas afluíram, caindo mansamente, umas após outras. Nesse instante doloroso de sua vida, o seu pensamento celeremente pousou na lembrança esmaecida de Li... Abaixou a fronte cansada e reviu comovido a sua fiel companheira agora tão distante. Não pôde deixar de sentir arrependimento de a ter abandonado pela segunda vez, para seguir o filho que era a razão suprema do seu viver. Tinha duplamente cometido um grande erro. Devia ter ficado na China, procurado alcançar o perdão de Li e a ela dedicar todo o seu afeto e ternura. Tudo isso perpassava pelo cérebro de Tung, qual um tufão terrível e arrasador. Tinha as faces ardentes e as mãos apertadas fortemente. Queria voltar à calma habitual, porém, debalde, pois o seu pensamento perturbado vagava veloz, e ele era impotente para reprimir a sua fúria.

Enquanto Tung, cabisbaixo, estava entregue à sua dor, Kiang, indiferente, contemplava o mar, azul e belo, e também pelo seu cérebro corriam os mais loucos pensamentos. Tendo passado a noite quase toda sem dormir, sentia agora um cansaço imenso e uma grande vontade de poder ficar só e repousar. Vendo que seu pai continuava calado e sem erguer a cabeça, levantou-se e saiu devagar. Muito tempo ficou Tung pensando. Depois lentamente foi erguendo a cabeça e viu que estava só. Recostou-se então melhor no banco sentiu um grande alívio. A manhã estava linda, e uma leve viração vinda do mar trazia para ele um bem-estar agradável. O céu muito azul, de um azul forte, tendo pequeninas e brancas nuvens que corriam ligeiras em direções diferentes até se perderem por completo no infinito. O mar estava calmo e Tung, sentado no banco, olhava indiferente a beleza majestosa da manhã.

Mais alguns dias e estaria terminada a viagem há tantos anos arquitetada por ele; estariam na célebre e bela cidade de Paris, tão sua conhecida através de suas inúmeras viagens. Revia a cidade em todo o seu esplendor e grandeza. Recordava-se dos amigos e senda satisfação em reencontrá-los. Tantas vezes pensou nesse momento e na alegria de poder apresentar o seu único filho. Muitas noites ficou em vigília, só pensando como poderia iniciar a apresentação de Kiang na culta cidade. E agora, sozinho em plena viagem, via contristado o desmoronar de todos os seus castelos. Eles ruíram tão inesperadamente que Tung não podia ainda acreditar que era uma realidade. Mas passados alguns momentos, via que era necessário acreditar no seu desmoronar, assim como era preciso coragem para se erguer das suas ruínas. Precisava coordenar melhor os seus pensamentos para encontrar uma solução certa na terrível emergência em que se encontrava. Não podia deixar que seu filho, ainda tão jovem e inexperiente, ficasse entregue a si mesmo. Teria autoridade necessária para repreendê-lo severamente e impor a sua vontade. Passado o momento desagradável, sentia Tung, outra vez, forças para lutar com Kiang, que ele reconhecia ter um temperamento violento e rebelde.

— Hei de fazê-lo ver o seu erro e de torná-lo novamente um filho amigo — consigo mesmo conversava. — Kiang é muito jovem e nessa idade tudo toma proporções incríveis. Não posso, principalmente agora, abandoná-lo. Terei de, pacientemente, procurar acalmá-lo, fazendo-o seguir os meus conselhos.

Mais animado, Tung levantou-se e foi à procura do filho, na esperança de conseguir

dele a promessa de deixar que ele fosse por mais algum tempo seu guia e conselheiro...

\*\*\*

Com passos vagarosos, Tung dirigiu-se ao seu aposento. Com cuidado, abriu a porta e entrou. Um raio luminoso de sol invadiu o grande quarto, onde num largo e confortável leito dormia Kiang. Em pé, olhou silencioso o filho. Analisou detalhadamente todos os traços do jovem adolescente, que para ele era tudo quanto sonhara e desejara na vida. Viu que o filho seria em breve um belo tipo de fidalgo chinês, porém o que mais impressionava nele eram os olhos. Pequenos como de todos os de sua raça, só divergindo na tonalidade que era de um verde azulado, sombreado por longas e sedosas pestanas. Quando fitava qualquer pessoa, principalmente quando irritado, tinham os seus olhos uma expressão ameaçadora, como se irradiassem faíscas elétricas. A pele, levemente bronzeada, era de uma palidez rara, o que o tornava ainda mais sedutor. Cabelos finos e lisos, cuidadosamente tratados, sendo que Kiang tinha por eles zelos especiais. Vestido em trajes típicos chineses, mas de chineses de casta elevada, era digno do pincel de um mestre genial de pintura, que poderia tirar inigualáveis movos para uma grande e bela tela. Foi o que fez mais tarde Tung, procurando, na França e na Itália, renomados pintores para exigir deles a reprodução imorredoura, num grande quadro, do retrato do filho belo e adorado, na grandiosidade exuberante de sua mocidade. Vcsudo à moda europeia, era também Kiang um jovem sedutor. Tung pensou, em contemplação muda que fez com o filho adormecido à sua frente, e sentiu que era preciso empregar todas as suas energias para conter o caudal verdginoso que vinha de Kiang, como o murmurar longínquo de possante rio que tende a desprender-se no abismo profundo. Entristecido, pensou no que arquitetara durante longos anos, para fazer dele um chinês culto, viajado e, sobretudo, um baluarte na defesa do ideal sacrossanto que era o soerguimento da China, pobre e sofredora, apesar de seu passado cheio de heroísmo, apesar dos séculos e séculos martirizantes em que ela sempre sobreviveu dos seus escombros para a glória e a admiração dos outros povos, que a teriam sempre como exemplo para as gerações vindouras. E ele, descendente de velha e tradicional família, desejava contribuir, não só com o seu quinhão de sacrifícios, como também com a dádiva do seu único filho, para a defesa desse pedaço imenso de terra que lhe tinha servido de berço. Sentado em frente a Kiang, deixava que o seu pensamento corresse livremente enquanto o filho dormia placidamente.

Tudo em redor era luxuoso, pois Tung fez sempre questão de proporcionar ao filho o máximo que ele podia desejar. Assim, logo ao iniciar a travessia, procurou dar a ele a sensação e conforto de uma viagem num grande e confortável navio. Foi para ambos reservado o mais caro e belo aposento. Agora, entregue à sua mágoa, vendo o filho rebelde, sentiu a profundidade de sua desdita e chorou convulsivamente. O silêncio era impressionante, e pela janela aberta chegava mansamente o leve bater das ondas ao encontro do navio. E ao fixar o olhar no pequeno pedaço do céu, tornou a se lembrar de Li e pelos seus olhos cheios de lágrimas surgiu outra vez a silhueta dela sentadinha no banco, tendo no regaço a linda avezita e ao alto uma pequenina janela igual à do navio, que deixava também a descoberto um recorte de céu azul. E nas brumas do seu passado, surgiu a visão dolorida que desde muito vinha torturando sua alma inquieta. Não pôde conter o pensamento na voragem impiedosa que o fazia sentir remorsos e vacilar timidamente ante a expectativa terrível do momento que lentamente se aproximava. Momento que ele, Tung Fú, temia e sentia que era inevitável. Desde alguns anos que a sua vida vinha sendo uma tortura, um cruciante calvário que ele subia muito devagar, tropeçando e se levantando para cair novamente, menos encorajado para seguir até o ponto final. Sentado, continuou sem ânimo para acordar o filho, e com ele conversar severamente como tinha resolvido. Quis deixar por um momento de

pensar na atitude rebelde de Kiang, mas não conseguiu. O seu cérebro trabalhou vertiginosamente, e ele meditou:

— E justo o meu sofrer, pois pratiquei, acobertado pelo meu prestígio e pela minha fortuna, um grande crime. Estou imune perante os homens, mas constantemente julgado pela minha própria consciência, que é um juiz terrível e implacável... Sabia que teria de passar por esta tortura, desde aquela fatídica noite em que levei Li para aprisioná-la no subterrâneo oculto, e depois fazê-la passar como morta. Nunca pude esquecer essa noite, mas agora, depois que Kiang demonstrou o seu verdadeiro caráter, foi que senti mais fortemente a inutilidade do meu sacrifício.

Tinha certeza de que não encontraria no filho querido o apoio que iria necessitar. Kiang seria para ele um tirano mais cruel do que fora para a sua bondosa e terna mãe. Quando Li adoeceu, ele era uma criança; mesmo assim foi decidido na sua atitude. E quando ele, Tung, não pudesse mais ocultar a terrível revelação, Kiang já estaria na posse completa do seu desenvolvimento. Só ao pensar nesse momento, estremeceu apavorado. Sentiu-se só e sem esperanças, e alucinado exclamou:

— Como poderei encontrar forças para enfrentara realidade dolorosa?

Apesar de profundo filósofo, não encontrou arrimo na doutrina magnífica e altamente interpretada por ele, cujas bases sólidas e arraigadas o tinham feito até então um forte. Mas... ele agora não encontrava nesse momento, em que tanto sofria, o conforto ardentemente almejado. Era um vencido... apertava as mãos e, apavorado, reconhecia que elas estavam para sempre inertes... já era total a dormência... e indeléveis no seu corpo surgiam as minúsculas manchas, reveladoras positivas da horripilante verdade. Mais alguns meses talvez... depois a confissão inevitável... e gritou então muito alto:

— Kiang! — e caiu sem sentidos junto ao leito do filho.

O jovem acordou com o barulho da queda e, atordoado, viu seu pai lívido e prostrado no tapete. Abaixou-se e tomou nos seus braços possantes o corpo inerte de Tung e com carinho depositou-o no mesmo leito onde estava repousando. Depois, correu em busca de socorro. Quando retornou, viu que seu pai continuava desacordado. Ajoelhou-se junto ao leito e o chamou muitas vezes. Ficou aliviado quando Tung abriu os olhos e o fitou demoradamente. Afrito, perguntou:

— O que sente?

Tung nada respondeu e continuou a olhá-lo insistentemente. O filho tomou as suas mãos e apertou-as com força. Tung estremeceu e as retirou bruscamente. Assim ficaram em silêncio muito tempo até que Kiang se levantou e foi procurar a cadeira onde Tung esteve sentado longamente em meditação. Ficou olhando com insistência o pai, que continuava deitado e silencioso. Passados, porém, alguns instantes, o jovem, impaciente, tornou a perguntar:

— Mas, o que sente, meu pai? Quero saber!... Não pode ser devido às minhas palavras, pois deve compreender que eu teria o direito de pedir a minha liberdade. Não sou mais o tímido menino que era guiado exclusivamente pela vontade de seu pai. Creia que o admiro e o quero também bastante, creia que sinceramente desejo que seja ainda por algum tempo o meu guia e o meu conselheiro. Porém sou por índole um liberto.

Tung nada respondeu. Levantou-se e foi até perto do moço, e pondo as mãos sobre os seus ombros, disse em voz baixa:

— Sim, filho, por mais algum tempo, continuarei seu guia, e sempre que necessitar de conselhos pode me procurar — e saiu vagarosamente, deixando Kiang só.

\*\*\*

Normalmente corria a viagem desde o incidente passado com Tung e Kiang; e nem uma só palavra fora jamais pronunciada sobre o ocorrido. Continuaram, como sempre, muito amigos e eram vistos constantemente juntos. Porém, na intimidade, faltava aquele elo de confiança que os tinha ligado tão fortemente desde a infância até o momento em que Kiang exigiu a sua liberdade. Tung, temeroso, deixava que seu filho agisse de acordo com o que desejava. Procurava mesmo se esquivar propositadamente para que ele ficasse o mais livre possível. Quando via Kiang em companhia dos seus recentes amigos, afastava-se e ia sentar-se de modo que pudesse observar todas as atitudes do filho. Era impressionante a fisionomia de Tung ao olhar de longe Kiang. Quem visse aquele pequeno chinês, de olhar compassivo e triste, não podia avaliar a tortura de sua alma sofredora. Nunca mais perguntou a Kiang o que conversava com os amigos, e não o repreendeu jamais quando voltava altas horas da noite. Só fazia observar e analisar todos os seus gestos e atitudes, como procurando sondar aquele despontar violento para as delícias da vida, e reconhecia que seu filho procuraria sorver, com ímpetos fortes e desorientados, todas as emoções que eram dadas a sentir aos homens do temperamento de Kiang. Tinha certeza que ele iria buscar em todas as fontes de prazer, desde os mínimos detalhes até o auge supremo e alucinante da sensação máxima que poderia desejar. Fechava os olhos e via Kiang pelo prisma claro e positivo em que ele se retratava, na realidade sincera do que seria o seu filho quando na posse integral de todos os seus atos e de todas as suas energias. Baixava a cabeça grisalha e se entregava à verdade e à concepção real da certeza de que não poderia nunca conter a avalanche forte e impetuosa do caráter e do temperamento excepcionalmente raro do jovem.

Tentava Tung fazer planos para o futuro, porém, de balde...

Não era mais aquele homem decidido e intrépido, que tinha resoluções fáceis e sabia rapidamente resolver os seus intrincados problemas. Reconhecia que só era forte quando a vida lhe proporcionava meios fáceis, quando ainda não tinha sido atingido por uma grande dor. Até então a vida lhe tinha sido benévola, pois nascido na riqueza, e tendo vivido fartamente, nunca experimentou e nem teve oportunidade para enfrentar realmente um grande problema, e ter, então, certeza de que era capaz de resolvê-lo com coragem e destemor.

Muito jovem, Tung teve, certa ocasião, oportunidade de ver, numa das ruas da grande cidade de Cantão, um grupo numeroso de leprosos, que, qual um rebanho de pacientes ovelhas, se dirigiam para o lugar reservado àqueles infelizes e desgraçados seres atingidos pela moléstia medonha e repelente. Foi casualmente e rápido esse encontro, mesmo assim ficou por longo tempo gravado na sua retina, e ele não mais podia esquecer o semblante horrível daqueles monstros disformes. Tempos depois, já casado, percorrendo o vasto parque da sua rica habitação e, lembrando-se dos leprosos, não podia imaginar que, na sua própria casa, a sua esposa já era uma leprosa e que ele, mais tarde, seria também atingido pela moléstia traiçoeira e cruel. Nesses momentos, pensava que só um caminho existia para quem sofria dessa doença — o suicídio; entretanto, agora que tinha certeza que era um leproso, lhe faltava a coragem para executar o que tão fácil julgava. Comprimindo fortemente a cabeça, pensava:

— Mas como Li adquiriu esta moléstia?... Creio que nunca viu um leproso... Como foi, pois, atingida? A minha deve ter vindo dela, que viveu muitos anos em plena união com todos.

Eram esses os pensamentos constantes de Tung, que vivia desde muito preso nesse penoso sofrer... Deixou de ser para sempre o homem alegre, o filósofo convicto, para ser um mísero e desgraçado sofredor. Desejava ardentemente encontrar uma solução para a sua



torturada existência. Porém, o que mais o amedrontava era a revelação imperiosa que teria um dia, não muito distante, de fazer ao seu filho. Muitas e muitas vezes pensava qual seria a atitude de Kiang... Talvez fosse melhor fazer logo a confissão, e depois voltar para junto de Li, na casa grande e silenciosa. E assim, nesse constante penar, corriam morosamente os dias para ele, e aproximava-se o momento do término da longa viagem. Entretanto, esses últimos dias tinham sido por demais compridos para o infeliz pai, que via constantemente o filho cercado de novos amigos, ouvindo atentamente a suas aventuras com uma expressão deveras impressionante, como querendo tirar das palavras dos companheiros a explicação cabal para o seu breve aprendizado, no setor da vida mundana, até então restrita para ele na austera sociedade da velha e tradicional cidade de Cantão e no círculo dos amigos de seu pai. Vivia observado minuciosamente por Tung, que não perdia mesmo de longe um só dos seus movimentos e via, contristado, que seria inútil o seu esforço para vencer aquela vertigem de emoções que vinham de Kiang, como o desabrochar imperioso da semente pequenina e ressequida atirada à terra fecunda, mas que despontaria breve e com vigor, no romper forte e altaneiro, verde e bela, com a força misteriosa que fazia remover sem esforços todos os obstáculos, e erguer bem alto os seus galhos para o céu, à procura da luz. O jovem não podia conter essa onda de entusiasmo que o invadia diariamente, ao saber de novos pormenores, de revelações que o deixavam aturdido de curiosidade. Para o seu temperamento impetuoso, essas revelações tinham um poder e uma influência tão alucinadora que o faziam ficar completamente transtornado, pois tinham sido feitas mui inesperadamente, sem o preparo conveniente que era necessário a um jovem educado austeramente como ele tinha sido. E Tung, que a tudo observava, não podia deixar de reconhecer essa verdade insofismável. Sentia grandemente, pois era seu desejo ser ele o desbravador dessas verdades ao filho, até então seu amigo inseparável.

Devia, pensava agora Tung, ter primeiro sondado o caráter de Kiang, para depois iniciar convenientemente esta viagem. Reconhecia o erro grave que cometera tendo cedido, desde criança, a tudo quanto ele desejava, sem a menor restrição. Auxiliou com sua complacência para que o temperamento forte de Kiang fosse gradativamente se firmando até torná-lo mais tarde um Urano. E agora era demasiado tarde para tentar impedi-lo, ou mesmo tentar uma ligeira modificação. Tinha de curvar-se submisso, e esperar resignado a recompensa da sua dedicação e do desmedido afeto.

Depois do incidente havido entre os dois, raramente o jovem procurava Tung para pedir a sua opinião. E quando isso acontecia, era visível e constrangimento de ambos. Desapareceu por completo aquele elo de intimidade que os ligava tão estreitamente. Tung limitava-se a responder friamente as perguntas banais do filho. E Kiang simplesmente fazia poucas perguntas, despedindo-se logo para só revê-lo à noite, isso mesmo muito tarde. Tung esperava pacientemente que ele o procurasse para juntos resolverem o programa da estadia de ambos em Paris, e também como deviam ser iniciados os seus estudos na grande capital francesa. Antes de saírem da China, quanto existia troca de opiniões entre eles, o filho demonstrou mais de uma vez o desejo de estudar na França, seguindo o Curso de Direito e Filosofia e após o seu término iniciar suas viagens através do mundo. Revelava a Tung o seu ardente anseio de conhecer outras terras e outros costumes, e ter oportunidades de conviver com grandes diplomatas, pintores e escultores célebres. Desejava conhecer a intimidade das grandes personalidades... Tung ria satisfeito quando ele demonstrava e descrevia entusiasmado os seus projetos futuros, e depois prometia-lhe a realização de todos os seus desejos. Juntos combinaram a viagem e juntos acertaram que logo que chegassem a Paris, o moço iniciaria os estudos, começando por contratar um professor capaz de orientá-lo e

prepará-lo, para que pudesse, o mais depressa possível, entrar e cursar o tradicional Instituto que Kiang desejava. Tudo bem planejado, iniciaram a travessia... mas sucedeu o inevitável... Kiang, logo no primeiro encontro com os novos amigos, e vendo as primeiras grandes cidades, foi tomado de um entusiasmo tão intenso, que esqueceu rapidamente tudo quanto tinha planejado com o seu velho e bondoso pai. Foi rápido o desmoronar de tudo quanto tinha arquitetado há tantos anos... Tung sentia um desfalecimento completo, pois via em poucos dias que baldados tinham sido os esforços para fazer do filho único o homem forte e excepcional que ele idealizava. Sabia que Kiang era inteligente, e que seria fácil galgar as altas esferas sociais, assim como seriam fáceis para ele os estudos. Só o que o deixava acabrunhado era a revelação estonteante da independência que Kiang demonstrava. Pensava Tung que o filho seria sempre obediente às suas ordens, tudo fazendo ouvindo primeiro o seu conselho, mas ele logo o decepcionou rudemente, dizendo e demonstrando que era independente e seria sempre senhor absoluto de sua vontade. Compreendeu a inutilidade de lutar com o filho, cedeu e ficou entregue aos seus caprichos. Talvez se Tung não estivesse atacado da terrível moléstia, teria forças para enfrentar o despotismo do filho... mas ele era um vencido... um infeliz.

Certa tarde estava Tung sozinho, sentado, olhos fechados, quando sentiu que mãos fortes batiam nos seus ombros. Abriu rapidamente os olhos e deparou com Kiang sorridente ao seu lado. Era uma tarde cinzenta e amena, o céu de um azul forte e sem o enfeite de uma só nuvem, e do mar, também azul e calmo, chegava de leve o barulho das ondas. Nenhum passageiro estava admirando a tarde, que era deveras triste e sombria. Sentindo a mão de Kiang pousar-lhe no ombro, ele ficou surpreso, pois há muitos dias que o seu filho não o procurava. Foi o jovem, quem primeiro falou:

— Meu pai, desejo conversar amigavelmente com você, quero organizar os planos para a nossa estadia em Paris. Faltam poucos dias e ainda não resolvemos como devemos fazer logo que tenhamos chegado.

Tung respondeu, calmamente:

— Estava esperando que viesse me procurar para dizer o que deseja. Estou pronto para satisfazê-lo em tudo. Naturalmente já tem os seus planos e pode contar com o meu auxílio em tudo quanto for necessário.

Kiang olhou insistentemente o pai, e no rosto pequeno e impassível de Tung não descobriu as torturas que ele tinha gravadas na sua alma. Ele continuou o exame como procurando encontrar no olhar do pai qualquer início de revolta, mas... Tung nada demonstrou e o moço encontrou, na sua impassibilidade, uma barreira forte, que não deixou margem para os seus interrogatórios. Calado ficou Kiang algum tempo, fitando demoradamente seu pai, que parecia não ver os olhares insistentes do filho, procurando fixar seus olhos no horizonte longínquo, evitando desse modo encarar o filho sentado bem junto dele. Aproveitava Kiang para analisá-lo melhor, sondando com o seu olhar forte e persistente a fisionomia triste e abatida de Tung. Não podia deixar de reconhecer, depois de longo exame, que seu pai estava seriamente doente, e que no seu rosto pálido se via nitidamente que ele encobria uma profunda e dolorida mágoa. Tentou mais uma vez interrogá-lo, mas foi baldado o seu esforço. Tung respondia delicadamente as perguntas, para voltar depois ao silêncio impressionante que vinha mantendo há muitos dias. Foi preciso que o rapaz batesse com força no seu ombro para que ele desse mais atenção às suas palavras, agora repassadas de revolta.

— Por que você não responde com mais atenção o que pergunto? Quero providenciar tudo de acordo com a sua vontade...

Tung, com um ligeiro movimento, tentou afastar a mão de Kiang pousada ainda no seu ombro, e depois, devagar, falou:

— Estou ouvindo com prazer e atenção as suas palavras, e estou de acordo com os seus planos. Prometo providenciar tudo logo que chegarmos a Paris. Pode contar com a minha aprovação.

Kiang se levantou e ficou em pé defronte a Tung, que voltou a fitar a linha azulada do horizonte. O seu olhar era parado, e na sua córnea brilhante o moço parecia ver que ele tinha gravado um mundo de reminiscências, pois não era possível que naquele olhar tão repassado de limpidez, ele não reconhecesse que seu pai havia deixado de ser o homem feliz, rico, culto e viajado para ser um homem sofredor, sucumbido pela dor de uma decepção tremenda, de uma saudade torturante e de um arrependimento sincero. Kiang era ainda muito jovem para poder analisar e sentir todo o peso do infortúnio paterno. Ele vivia no presente a fase esplendorosa da transição magnífica e exuberante em que o menino alça os primeiros voos para as delícias e os encantos da vida até então desconhecidas; e nesses voos altaneiros ele pensava que era o senhor de todas as coisas, que é o vitorioso feliz de todos os empreendimentos. Então para um temperamento fortemente emodvo com o dele, não havia barreiras que poderiam impedi-lo de ser o idealista impetuoso e destemido que desabrochava violentamente para a vida e para o amor... Fitando o velho pai, sentado, de olhos tristes em contemplação silenciosa e resignada, em vez de sentir piedade e ternura, ficou exasperado e revoltado com o indiferentismo com que ele ouvia as suas pretensões. Batendo com força os pés, Kiang exclamou com ímpeto:

— Exijo que explique por que o vejo agora sempre com esse olhar parado e essa fisionomia triste!... Responda!... Quero imediatamente saber o que se passa!... Será porque ainda se lembra e sente saudade daquela mulher que devia estar para sempre morta e esquecida? Daquela mulher doente e miserável, que nos deixou uma terrível nódoa difícil de ser apagada? Não, meu pai!... Não posso crer que, inteligente e forte como é, possa ficar triste e abatido como o vejo, por causa de uma insignificante criatura digna somente do nosso desprezo e do nosso completo esquecimento...

Vendo e ouvindo Kiang em pé, falando alto, Tung aos poucos for erguendo a cabeça e, à proporção que o filho pronunciava as palavras duras e cruéis, com entonação ríspida e violenta, como num desafio à sua atitude calma e pacífica, se levantou também e, destemeroso, ficou em pé na frente do filho rebelde que, surpreso, notou a transformação operada subitamente em seu pai, pois o rosto, até então triste e pálido, se transformou rapidamente em contrações fortes e rugas profundas, dando ao mesmo, aspecto feroz e ameaçador, e o seu olhar bondoso e límpido, Kiang, amedrontado, viu transformar-se num olhar alucinado como de um possesso em iras difíceis de serem contidas... Tung se elevou nas pontas dos pés como querendo se avantajear para melhor castigar o filho insolente, que não respeitava a sua dor e o seu infortúnio. Levantou a mão pequenina e nervosa para fazer Kiang calar, e reverente respeitar aquela terna e delicada mulher que lhe deu a vida e que o embalou, cantando suavemente durante noites e noites seguidas nos seus braços frágeis e amigos, que acompanhou deslumbrada e feliz os seus incertos passinhos no salões vastos e luxuosos da rica residência, nas margens plácidas do lendário Rio Cantão, agora tão distante... Quando ia bater fortemente no rosto largo e expressivo do jovem, sentiu como que uma leve pressão de macia mão suster o seu gesto e surgiu nitidamente na sua frente o vulto de Li, para mais uma vez proteger o seu filho... Tung deixou cair pesadamente a mão e, quase correndo, saiu em direção ao seu aposento. Kiang ficou ainda algum tempo atordoado, sem poder se afastar do lugar onde mais uma vez feriu dolorosamente seu pai. Só depois de

passado o abalo e o forte estremecimento que sentiu quando viu Tung erguer a mão para castigá-lo severamente, foi que deu demonstração da sua revolta e, como fez seu pai, saiu também correndo na mesma direção. Ninguém teve oportunidade de assistir ao que se passou entre ambos... Tudo era silêncio... e o navio continuava normalmente a viagem... A tarde estava prestes a findar, já era bem escuro o céu, quando Tung, apressado, saiu para o aposento, empurrou bruscamente a porta e, cambaleando, caiu sobre o leito, soluçando convulsivamente. Kiang entrou logo depois e sentou-se numa cadeira ao lado, calado e indiferente. Não podia compreender a transformação de seu pai até bem pouco tempo forte e corajoso, alegre e um perfeito fidalgo... Achava que ele devia estar muito doente, pois só uma grave moléstia é que poderia transformá-lo tão sensivelmente. Deixou que ele chorasse livremente e quando não ouviu mais os soluços foi que, com delicadeza, falou:

— Meu pai!...

Não houve resposta e ele outra vez o chamou:

- Meu pai!...

Tung se voltou e, com os olhos ainda nublados de lágrimas, respondeu:

— O que deseja?

- Quero saber por que está tão nervoso e sensível... Sente-se doente?

Tung estremeceu imperceptivelmente e disse:

— Não venho me sentindo bem há muito tempo, e agora, com a viagem, me parece que o meu mal se acentuou...

— Por que, então, não me disse logo que estava doente?

— Porque tínhamos de fazer esta viagem há muito projetada. Espero, logo que chegue em Paris e que esteja convenientemente ambientado, voltar para a China e de lá não me afastar mais.

— Como? Então pretende me deixar?... Sempre esperei tê-lo ao meu lado como guia e conselheiro!

— Sim — respondeu Tung —, eu também pensava que era necessária a minha companhia, porém há dias você me fez ciente de que era desnecessária a minha presença. Assim sendo, pretendo apresentá-lo a amigos ilustres e eminentes que tenho em Paris, acomodá-lo com todo o conforto, enfim, providenciar para que a sua estadia seja a melhor possível. Que possa viver sem preocupações, e que tenha tudo quanto desejar, de acordo com a minha fortuna e o nome fidalgo que possui. Só assim poderei voltar tranquilo para a minha velha e querida China, no meu amado Cantão. Na minha casa grande e silenciosa, cheia de imorredouras reminiscências, esperarei pacientemente a sua volta... Sentir-me-ei feliz, rodeado de tudo quanto amei... Encontrarei distração revendo minhas relíquias preciosas, pois em cada uma delas lembrarei episódios saudosos. Cada uma delas terá para mim uma lenda, uma saudade que me fará por alguns instantes voltar ao passado... Bendigo agora ter colecionado aquelas relíquias, pois elas me darão a força e o lenitivo para enfrentar a minha velhice só e sem esperança. Na minha casa erma e triste pretendo viver os meus últimos anos... Tenho certeza que a minha vida não será vazia, pois tive a sábia previdência, quando jovem e feliz, de angariar tudo quanto era belo, bom e útil, e agora terei a ventura de encontrar nesses objetos e adornos a distração para os meus dias cansados de velho e solitário... Terei ainda a ventura de poder viver no meu torrão querido, no meu Cantão amado, de poder admirar a paisagem sempre sedutora de minha terra, de ver meu lendário rio, largo e tranquilo, refletindo nas suas águas límpidas, o azul do céu incomparável... Quando o silêncio for por demais impressionante descerei até às margens do meu rio e, sentado nas suas areias alvas e finas, ouvirei o cântico sonoro e alegre dos remadores fortes,

nos seus barcos típicos, levando os seus produtos, frutos dadivosos de um trabalho rude e penoso... Ouvirei o trinado dos pássaros alegres... Enfim, a música da própria natureza, no sussurro do vento embalando as folhagens das árvores... Terei a companhia amiga dos meus servidores leais... E se ainda sentir nostalgia, irei à casa grande de pedras, meu último reduto para a espera da partida definitiva...

Tung falou tão apressado que não deu oportunidade de Kiang interrompê-lo. Depois, sensivelmente cansado, ficou calado por muito tempo, sem ser perturbado pelo filho que mantinha a mesma posição, sentado e olhando fixamente o pai. Porém, passados alguns momentos, foi o moço quem falou:

— Então é inevitável a sua volta?

— Sim — foi a resposta de Tung. — Tenho confiança que você poderá viver em Paris muito bem sem a minha presença, e quando tiver de iniciar as suas viagens, já terá adquirido o necessário conhecimento, e para que, sozinho e mais livremente, possa percorrer todos os países que desejar...

Kiang sentiu que era inútil tentar fazer reviver a antiga intimidade que existia entre eles; seu pai era muito sensível para poder esquecer rapidamente uma decepção sofrida. O rapaz compreendeu que perdera o melhor e o mais sábio dos amigos, mas, dotado de um temperamento muito forte e de um desmedido orgulho, nem mesmo para com o seu bondoso pai teve o gesto humilde e complacente de pedir perdão pela sua atitude irreverente, pelas palavras cheias de desdém, pelo seu imperdoável indiferentismo à dor imensa em que vivia imerso seu pai, assim como pelo infortúnio de sua mãe, que ele sabia, vivia prisioneira por sua causa, num frio e oculto subterrâneo... Kiang era um desalmado e perverso. Limitou-se em dizer a Tung que seria capaz, conforme ele dizia, de viver independente, precisando somente que ele lhe desse o necessário para enfrentar folgadoamente a vida. Tung sentou-se e com voz pausada respondeu:

— Já lhe disse e promedi que terá tudo quanto desejar. Agora, peço que me deixe só, preciso descansar, estou fadado e quero ficar completamente isolado.

Kiang saiu imediatamente e foi sentar-se no mesmo banco onde estivera há poucos instantes conversando com o seu progenitor. Cabisbaixo, entregue aos seus pensamentos, ficou muito tempo, até que, com um rápido movimento, levantou-se e foi recostar-se a uma coluna, olhando o mar calmo, perdido no turbilhão das suas idéias confusas. Queria poder coordenar melhor os planos para o futuro que se apresentava cheio de surpresas, pois calculava o muito que teria de ver e admirar na grande capital onde iria ficar por longo tempo. Pelo que soubera por seus recentes amigos, já sentia uma curiosidade incrível de poder ver de perto tudo quanto lhe fora descrito por eles, já iniciados na trama tentadora da sedutora cidade. No adolescente inexperiente, que desabrocha brusca-mente para os encantos e atrações da vida mundana, era natural a ansiedade que sentia de poder logo experimentar as sensações, até então desconhecidas, principalmente quando ouviu de jovens ricos e pervertidos, a descrição minuciosa de todos os segredos até então nunca desvendados... Kiang se revoltava com a educação que recebeu de seu pai, que jamais o fez sabedor dessas coisas, que ele agora desejava ardentemente conhecer. Nas conversações que manteve com os jovens companheiros de viagens, sentiu-se de tal maneira humilhado com a sua ignorância, atribuída unicamente à educação austera que recebera de Tung, que sentiu grande alívio quando ele lhe participou que não o acompanharia mais.

— Assim — pensava ele —, ficarei senhor da minha vontade e saberei em pouco tempo tudo quanto desejo, talvez mais do que os meus amigos, para isso tenho dinheiro bastante. Quero conhecer tudo quanto for possível da vida, nada me poderá deter, sou livre, e

todos os obstáculos que por ventura surjam à minha frente, serão derrubados com a força da minha vontade e do meu poder...

A noite despontava lentamente e, já no céu quase todo escuro, apareciam estrelas brilhantes, clarcando-o com o brilho intenso de suas luzes... Já se ouvia o ruído de passos apressados dos passageiros que se preparavam para a hora da refeição. Kiang então notou que tinha ficado muito tempo na mesma posição, absorvido no intrincado dos seus sonhos... Saiu vagarosamente em direção do seu aposento, para também ultimar o seu traje e voltar. Quando abriu devagar a porta, sobressaltou-se não vendo Tung no mesmo. Quis ainda recuar e voltar à sua procura, mas se lembrou do que ocorrera à tarde e desistiu. E conveniente evitar o encontro para que a cena não se repita. Já resolvi o que devo fazer e nada mais me deterá — meditou.

Cuidadosamente se vestiu, e, pronto, procurou o grande espelho para ver se estava correto o seu traje, e foi com satisfação que constatou que era na realidade um belo jovem. Elegantemente trajado, com os cabelos negros e sedosos bem penteados, os olhos de uma tonalidade rara, de olhar sedutor e enérgico, ereto na atitude arrogante, Kiang era um magnífico e raro tipo de chinês.

Contente, saiu para logo encontrar os amigos que estavam à sua espera. Foi recebido com demonstrações entusiásticas, devido à sua esplêndida aparência. Depois, todos reunidos, conversando animadamente, se dirigiram ao salão donde já vinham os acordes de uma orquestra pronta para deliciá-los com músicas selecionadas e belas até altas horas da noite. Estava prestes a findar a viagem, e eles queriam aproveitar da melhor forma possível esses últimos dias. Tinham organizado diversos programas de divertimentos, todos repletos de interessantes atrações, para preencher todos os dias restantes. Finda a refeição, juntos ainda foram para um recanto do salão, onde, bebendo e ouvindo música, cada um contava uma das suas aventuras românticas passadas em diversas cidades do mundo, pois todos eles eram jovens ricos, viajados e pertencentes a famílias nobres. Vinham de uma viagem à China, país até então desconhecido de todos, e voltavam maravilhados com o que viram e com o encanto e pureza da mulher chinesa. Kiang, envergonhado, pois era o único entre eles que nada tinha para contar, nem uma só conquista, nem uma só viagem, não conhecia outra cidade além do seu Cantão. Era também o mais jovem e todos prometiam, logo que chegassem a Paris, proporcionar a ele momentos alegres com noitadas boêmias, onde ele poderia iniciar com êxito a sua entrada nos círculos elegantes da sociedade francesa.

— Portanto, não fique decepcionado, pois brevemente estará engolido no turbilhão alucinante da fascinante capital, e preso pelos seus tentáculos gigantes — diziam rindo os jovens...

Ao longe, Tung via o filho elegantemente vestido entre os amigos, rindo alto, bebendo, demonstrando toda a alegria que transbordava de sua alma... No salão fartamente iluminado, todos demonstravam satisfação pelo término da viagem, já tão demorada. Poucos dias faltavam e era com alegria que todos desejavam chegar, apesar de a viagem ter sido divertida e interessante. Muito tarde foi que Kiang voltou para o quarto depois de uma noite de prazer. Tung viu quando ele entrou e logo mais ouviu o seu ressonar tranquilo, porém ele não pôde conciliar o sono; passou todo o resto da noite pensando como deveria fazer logo que chegasse a Paris. Só pela manhã, quando o Sol já aparecia no horizonte além, foi que ele, cansado, conseguiu dormir, mesmo assim para sonhar e acordar rapidamente, assustado e trêmulo. Mas olhando para o leito do filho viu que ele ainda não tinha despertado. Continuava a dormir calmamente... feliz... muito feliz...

## V - IMPORTANTES REENCONTROS EM PARIS

Finalmente, depois de muitos dias de viagem, chegaram a Paris. Tung, exausto, abatido e doente. Kiang, forte, alegre e cheio de esperanças, tendo na mente exaltada os mais loucos pensamentos. Já bastante conhecedor da grande capital, foi com desembaraço que Tung deu os primeiros passos para a instalação confortável do filho. Não deixou de causar admiração ao jovem a facilidade com que seu pai tudo resolvia, como um perfeito conhecedor de todos os costumes franceses, assim como lhe surpreendeu ver a grande admiração e respeito com que ele era recebido nas mais cultas e renomadas Sociedades e Institutos célebres. Kiang, ao seu lado, ouvia atento Tung falar como se fosse, na realidade, um autêntico francês. Eram inúmeros os convites que chegavam para que ele concedesse entrevistas, assim como pedidos insistentes para que realizasse conferências, principalmente sobre a velha civilização chinesa, de que ele era abalizado conhecedor.

Os dias corriam velozmente, pois eram tantos os assuntos a resolver que não deixavam nem um instante de folga para o descanso necessário; só mesmo à noite é que podiam repousar. O moço, junto ao progenitor, sentia profundamente quanto era necessário ainda estudar, não para se igualar à cultura imensa e profunda de Tung, mas poder ao menos aproximar-se. Estava constantemente pedindo a ele que o ensinasse, porque pouco conhecia do idioma francês e sentia grande dificuldade, temendo sair só e não querendo pedir ao amigos. Queria parecer a eles que era realmente instruído. Tung continuava a tratá-lo com toda a atenção, porém sem aquela demonstração de afeto com que ele o tratava desde criança. Atendia a todos os seus pedidos, e queria que ele manifestasse com sinceridade o que desejava.

— Quero fazer — dizia Tung — tudo conforme a sua vontade, pode expor os seus planos...

Kiang recusou diversos convites dos amigos, alegando não poder sair, pois estava atarefado com a sua instalação e precisava urgentemente começar a estudar, porém prometera breve procurados, e então, sim, poderiam juntos sair para os passeios combinados. Tung ouvia Kiang desculpar-se perante os companheiros, e sorria, admirado do poder de dissimulação do filho que, assim fazendo, dava tempo para que pudesse ambientar-se melhor e então aparecer com mais desembaraço perante os amigos. Convidou diversas vezes seu pai, para sair, no que foi atendido, indo a todos os lugares que ele queria, a diversos divertimentos e visitas, sendo que o rapaz cada vez mais se surpreendia com a facilidade de Tung; quer visitando personalidades eminentes, quer entrando nos mais requintados salões, ele não sentia a menor dificuldade. Ele era, na realidade, um perfeito fidalgo. As suas maneiras distintas e seu poder de atração pessoal eram deveras impressionantes. Tudo nele era correto, desde o trajar impecável até o porte distinto e simples. Então, quando conversava, trazia todos presos à magia das suas palavras. Conhecedor abalizado de todos os assuntos, era um prazer ouvir as descrições feitas por ele, principalmente das suas viagens aos pontos mais exóticos e afastados. Em tudo ele demonstrava uma cultura invulgar; mas quando falava sobre a China, ele se transformava completamente, como querendo que as suas palavras pudessem transmitir o mais claro possível todo o esplendor, toda a grandeza e todo o valor da pátria imensa, salpicada das mais positivas provas de heroísmo dos seus filhos diletos e abnegados. Tung sabia contar, repassado do mais entranhado entusiasmo, toda a história da China, como a patriarca venerável de todas as nações do mundo. Sentia-se, ouvindo as suas palavras empolgantes, o contágio do seu entusiasmo.

Convidado por uma renomada instituição literária para fazer uma conferência no salão do tradicional centro de cultura, ele quis recusar, no que foi impedido por Kiang, que assim fazia não por admirar o valor real de seu pai, mas por vaidade de poder aparecer como o filho de um homem tão culto e admirado. Tung compreendeu a atitude do filho, e mais uma vez, para satisfazê-lo e protegê-lo, aceitou ao atencioso convite. Foi uma noite de gala a recepção ao ilustre chinês, que com a sua presença honrava a sociedade francesa, proporcionando à mesma momentos de incomparável beleza, ouvindo as suas palavras repassadas do mais requintado encanto e do mais profundo valor. A satisfação de Kiang chegou ao apogeu quando, em companhia do pai, penetrou no austero e tradicional Instituto, sendo ambos recebidos com as mais tocantes provas de entusiasmo e veneração pela culta e fidalga assistência que se comprimia para ouvir mais uma vez as palavras do chinês talentoso que os distinguia com a sua presença cativante e altamente honrosa. No salão iluminado e florido, ao centro, numa grande e antiga cadeira, Tung tomou assento, para dar início à sua palestra. Porém, antes de começar, pediu permissão para, ousadamente, num capricho de pai, apresentar a todos os amigos e admiradores o seu único filho, que vinha da China distante, haurir nas fontes incomparáveis da civilização francesa, todo o esplendor e todo o valor da sua cultura imensa e admirável. A esses amigos bondosos que o recebiam com tão gratas demonstrações de benevolência, tinha, no momento, a suprema coragem de apresentar seu filho Kiang Fú. Levantando-se e tomando Kiang pela mão, da cadeira distante onde estava sentado, o trouxe para junto dele. Uma grande e prolongada salva de palmas reboou, quando Tung, em pé, apresentou Kiang, pálido e nervoso...

Enquanto pai e filho recebiam no aristocrático salão da capital francesa os mais efusivos aplausos da assistência seleta, que os recebia nesse momento molvidável, em que Tung, ao lado do jovem, era aplaudido com delírio, ele, comovido, deixou que seu pensamento pairasse muito além, num pequenino pedaço do seu Cantão distante, numa sombria casa de pedras, onde entreviu, como num sonho, o vulto delicado de uma linda chinesa, pequenina e frágil, qual uma preciosa estatueta de inestimável valor, sentada silenciosa numa úmida cela, tendo unicamente para consolo da sua solidão o estreito vão de uma minúscula janela, onde ela podia mirar um pedacinho do céu azul... Era, entretanto, essa mulher, a bondosa companheira dos seus dias felizes, da mocidade longínqua, e a mãe admirável e terna do seu filho adorador... Foi essa mesma pequenina e frágil mulher chinesa, vislumbrada agora nas brumas da sua sentida recordação, que lhe proporcionou os momentos mais felizes da sua vida, dando-lhe a satisfação de conhecer todas as emoções e todos os êxtases que um homem pode desejar de mais sublime para o prazer de seu ser, sempre insatisfeito e egoísta. Era essa mulher que ele agora entrevia, ofuscado pelas múltiplas luzes do salão parisiense, a mesma que ele e seu filho, como recompensa de tudo quanto de bom receberam dela, enclausuraram sem piedade, para depois fazê-la passar como morta. Mas ela ressurgia sempre na consciência de ambos, como um dardo penetrante, para fazê-los reconhecer o erro tremendo que cometeram. Para fazê-los sentir quanto foram ingratos, sem nunca proferir uma só palavra de revolta, sem um só gesto de protesto, Li fez com que ele, Tung, nunca mais pudesse apagar da sua mente a hediondez do ato que praticara. Assim seria sempre para ele um recapitular constante dessa passagem horrível da sua atribulada existência. Mesmo tentando, num esforço inaudito, seria debalde conseguir esquecer essa visão que o torturava constantemente, pois, jamais poderia apagar da sua vida essa mancha escura que ele voluntariamente deixou cair nas páginas do livro da sua existência. Tinha gravada, com letras incandescentes no seu coração, a história de Li.

Quando terminaram os últimos aplausos, Kiang voltou para o mesmo lugar e Tung



deu início à palestra, debaixo do mais absoluto silêncio. Todos atentos, ouvindo-lhe as palavras sábias e ricas de expressões, não podiam imaginar que o seu coração nesse instante estava profundamente ferido. Na impassibilidade do seu rosto e do seu olhar, ninguém descobriria um só traço que demonstrasse as torturas cruéis em que vivia imerso. Só o seu filho é que, de longe, num exame minucioso, compreendia o esforço supremo que ele fazia para ocultar as mágoas e as dores que sofria. Kiang ainda ignorava que seu pai estava doente, e não sabia que ele, não muito depois, teria de lhe fazer a mais terrível das revelações... Quem visse Tung, falando a uma assistência tão fina e elegante, não podia imaginar que esse homem forte já tinha sido atingido pela mais tremenda das moléstias, que o faria, não muito longe, ser repellido com horror por todos, que seria esquecido totalmente, que seria banido como um ser repelente... Ele, Tung, compreendia isso e pelo muito que ainda queria ao filho, desejava aproveitar os derradeiros dias em que podia disfarçar a sua desdita, e dar a ele o último testemunho da sua dedicação; não só os anos seguidos em que acumulou uma fortuna sólida para ele, como também se esforçou para galgar todos os degraus da fama e do prestígio, que, deixando de aureolar o seu nome, pudesse passar a fulgurar na frente de Kiang. Por isso foi que aceitou ao honroso convite para fazer a conferência que, no momento, iniciava, calculando de antemão a possibilidade de poder, como fez, apresentar Kiang à sociedade francesa, reunida para ouvir a conferência tão ansiosamente aguardada.

Se no rosto calmo de Tung não se descobria nada que denotasse o quanto sofria, o mesmo se dava com Kiang, sentado ao longe, atento, ouvindo as palavras de seu pai; entretanto, distante estava da realidade de ouvir o que ele dizia, pois o seu pensamento vagava no mundo de cogitações tão confusas que ele não podia facilmente detê-lo. Só depois que chegaram foi que ele viu claramente quanto Tung era respeitado e como era grande o seu talento, e a facilidade com que sabia se portar num meio tão diferente do que habitualmente frequentava. Quem tivesse oportunidade de ver Tung, vestido com os tradicionais trajes chineses, percorrendo a grande casa estilo mongol, nas margens tranquilas do rio Cantão, não podia deixar de surpreender-se vendo-o depois vestido elegantemente à maneira européia, falando desenvolto o mais perfeito francês. Tão marcante era essa metamorfose que até ao próprio filho causava verdadeira e impressionante surpresa. Kiang só agora compreendeu quanto errara ao dizer rudemente ao seu pai que não precisava da sua companhia e dos seus conselhos. Mediu o quanto lhe seria vantajoso tê-lo ao seu lado, facilitando-lhe o caminho para que pudesse, com mais rapidez, galgar as altas esferas sociais tão ardentemente almejadas por ele. Sabia que seria inútil tentar recobrar a confiança dele. Ele o tinha magoado tão fortemente, que seria baldada uma tentativa para fazê-lo esquecer. Devia procurar, o mais depressa possível, que ele lhe facilitasse todos os meios necessários para que, depois de sua volta, pudesse com mais desembaraço se movimentar sozinho numa sociedade tão oposta à que estava acostumado a frequentar.

Quando Tung terminou a conferência, foi rodeado de inúmeras pessoas que, calorosamente, o foram cumprimentar e agradecer pelos momentos de imenso prazer que lhes proporcionara, dando-lhe o ensejo de ouvir a palavra ponderada e sábia de um grande filósofo e historiador eminente. Cortesmente recebia a todos e apresentava pessoalmente seu jovem e único filho Kiang, que, impecável, retribuía as saudações, esforçando-se para falar o mais correto possível.

Entretidos, conversavam com os presentes, quando Tung sentiu que braços fortes o apertavam de surpresa. Voltou-se imediatamente e deparou com um chinês já idoso que o abraçava comovido. Foi um momento de tão grande satisfação para ambos, que ficaram esquecidos de onde estavam, falando o intrincado dialeto mongol, como se estivessem no

próprio rincão querido. Todos os presentes, silenciosos, contemplavam aquela efusão de alegria dos dois velhos amigos. Só depois de passados os primeiros momentos foi que se lembraram de onde estavam e, sorridentes, se voltaram para os convidados, pedindo desculpas. Notou Tung que o amigo não estava só, pois ao seu lado uma linda chinesinha contemplava os dois. Foi quando o velho chinês a tomou pela mão e trouxe-a para junto de Tung, dizendo:

— Apresento-lhe a minha filha Mci-ling, que quando a viu pela última vez era ainda uma pequenina criança; hoje está quase moça.

Tung tomou as mãos da formosa jovem e carinhosamente a cumprimentou, para logo afastá-la bruscamente, movimento este que não deixou de ser notado pelo amigo. Imediatamente Tung apresentou o seu moço, dizendo também:

— Agora quem vai fazer a surpresa sou eu — este é meu filho Kiang.

Kiang aproximou-se e cordialmente cumprimentou o velho chinês, que não deixou de admirar o belo jovem, filho do seu antigo companheiro. Depois fez a apresentação de Kiang a Mci-ling. Parados em frente um do outro, sem dizer uma só palavra, ficaram os dois contemplando-se mutuamente. Mei-ling admirou o porte elegante do rapaz e o modo distinto com que ele a cumprimentou, igual ao de um autêntico parisiense, porém, Kiang, ao ser apresentado à jovem chinesa, sentiu inopinadamente uma atração tão violenta, que com esforço conseguiu manter-se corretamente, não deixando transparecer todo o entusiasmo que lhe causou a aproximação inesperada. Era realmente Mei-ling encantadora, na radiosidade primaveril dos seus quinze anos. De porte pequenino, porém gracioso e leve, qual delicada libélula que, liberta de estreito casulo, tenta alçar os primeiros voos em busca da liberdade, já atraída pelo perfume inebriante de sedutoras flores. Assim, Mei-ling, mimosa florzinha transportada da China distante para a entontecedora capital francesa, era para Kiang, também no despertar violento da vida, uma tentação irresistível. Mudo, analisa meticulosamente a beleza impressionante da chinesinha que, embaraçada, estava parada junto dele. Reconheceu que ela era um verdadeiro tipo de beleza. Tudo em Mei-ling era perfeito, porém o que mais o impressionou foram os seus olhos oblíquos, desmesuradamente brilhantes e sedutores; e quando ela os fixou demoradamente, eles ficaram como que parados qual um feixe de luz resplandecente, iluminando o seu rosto e dando ao mesmo uma expressão estranha e atraente. Kiang sentiu que ela ficaria para sempre no seu coração, pois desde o momento em que a viu junto de si não pôde deixar de sentir que a jovem era, na realidade, o tipo idealizado por ele. Outras mulheres poderiam cruzar na sua vida, mas Mei-ling nunca seria igualada. Naquele mesmo instante ele, com todo o seu poder de vontade, determinou que ela lhe pertenceria. Quando Tung e seu amigo se voltaram e viram os dois jovens juntos, conversando alegres, sorriram satisfeitos. Depois os quatro saíram, sendo que Mei-ling e o pai foram atenciosamente acompanhá-los ao local onde se hospedavam.

\*\*\*

Tieng Pei era um distinto chinês que há muitos anos residia em Paris, sendo que Mei-ling, sua última filha, veio para a França com poucos meses, não conhecendo portanto sua verdadeira pátria. Como Tung, Tieng era também natural de Cantão e foram muito amigos, desde a infância. Juntos fizeram inúmeras viagens pelo mundo, pois Tieng era muito rico. Casaram-se quase na mesma ocasião, e a senhora Pei era uma chinesa muito distinta, não tendo porém a beleza de Li. Amigas sinceras, foi para Li uma imensa tristeza quando Nai deixou definitivamente Cantão. Os seus múltiplos negócios motivaram a resolução de Tieng em deixar sua pátria, encontrando na França grandes possibilidades que não lhe eram fáceis

na China. Além de Mei-ling, tinha Tieng mais dois filhos, que estudavam no mesmo Instituto onde Kiang pretendia também se matricular. Tung sempre encontrou no velho companheiro um verdadeiro amigo, mas como ele tinha deixado de vir há muitos anos a Paris e agora, chegando, não o tendo procurado imediatamente, Tieng quis lhe fazer uma surpresa indo assistir à sua anunciada conferência. Convidou Mei-ling e, juntos, foram à procura do amigo querido. Quando voltou, lembrou-se de que Tung não dissera uma só palavra sobre Li, e ele, na confusão do momento, imperdoavelmente, não tinha também lhe perguntado. Mei-ling, que era um filha extremosa, surpreendeu-se com a atitude de Tung e de Kiang, demonstrando sinceramente a seu pai que eles não foram corretos assim fazendo. Tieng notou isso, mas desculpando o amigo, disse que, naturalmente fora devido exclusivamente ao momento, um tanto tumultuado. Quando chegaram foi a primeira pergunta de Nai:

— Como passa minha amiga Li?

Tieng, embaraçado, não soube como responder. Nai insistiu e ele, atrapalhado, tentou explicar à esposa que, devido ao grande número de pessoas em volta de Tung, não teve oportunidade de fazer certas perguntas, no que ela o reprovou severamente, dizendo que era imperdoável o procedimento dele para com Li, amiga dedicada que sempre foi de ambos. Mais calma, perguntou outras coisas, e o esposo, então, contou que Tung veio trazer o filho para estudar em Paris. Com entusiasmo, descreveu Kiang para Nai, participando que ele e seu pai viriam breve visitá-los. Mei-ling, sentada ao lado, ouvia tudo quanto o seu pai contava. E veio então na sua mente o vulto de Kiang, e sentiu que ele lhe deixara forte impressão. Tentou afastar o pensamento do jovem chinês, mas não conseguiu... Ao mesmo tempo, ficou surpreendida de ele também não ter dito uma só palavra a respeito de sua mãe, ausente e sozinha na pátria distante e, voltando-se para Nai, pediu:

— Conte-me como é sua amiga Li.

Nai voltou-se, ao ouvir da filha fazendo uma pergunta tão inesperada, e a interrogou:

— Por que deseja saber como é minha amiga Li?

— Curiosidade, simplesmente... Ela é uma chinesa e tudo quanto se refere à minha pátria gosto de saber.

Nai sorriu bondosamente e contou à sua filha:

— Li é de uma rara beleza, difícil de ser encontrada, além disso, de uma bondade incalculável. Delicada e simples, atrai irresistivelmente... Não posso compreender como Tung, tão inteligente, viajado, culto, admirador do belo, não tenha por sua esposa verdadeira admiração. Nunca viajou com ela, o que me surpreende, pois tenho certeza que Li despertaria, em qualquer sociedade, grande entusiasmo pela sua beleza impressionante. Quando deixei Cantão, Kiang era bem pequenino, e Li tinha pelo único filho uma idolatria sem par. Estou ansiosa para que Tung venha logo nos visitar e possa dar notícias detalhadas dela.

Mei-ling ouviu atenta tudo quanto Nai contou e, mais uma vez, reprovou a atitude, principalmente de Kiang.

\*\*\*

Ficando a sós com Tung, Kiang deu expansão ao seu entusiasmo pela beleza de Mei-ling. Sentado em frente ao pai que, exausto pelo esforço despendido, estava deitado, o crivou de perguntas:

— Por que não procurou há mais tempo Tieng, seu velho amigo?

— Pretendia, logo que estivesse mais descansado, fazer-lhe uma surpresa.

— Por que você nunca falou de sua filha Mei-ling?

Tung olhou demoradamente seu filho e, com um leve sorriso, respondeu:

— Queria, mais uma vez, lhe proporcionar uma bela surpresa!

Kiang olhou para o pai, que continuou deitado, tendo fechado os olhos. Porém, o moço não levou isso em consideração e, ansioso, continuou a interrogá-lo insistentemente:

— Você sempre foi amigo de Tieng?

— Sim — respondeu Tung.

Kiang ficou por alguns instantes calado e foi então que Tung, abrindo ligeiramente os olhos, viu o filho com uma fisionomia sombria, demonstrando que um pensamento forte o perturbava muito, porém não quis interrogá-lo, ficando à espera de que ele voltasse a conversar outra vez. Momentos passados, Kiang bruscamente perguntou-lhe:

— A mãe de Mei-ling era também amiga de minha mãe?

Tung, como se tivesse sido atingido por uma faísca elétrica, sentou-se incontinenti no leito, demorando o olhar penetrante em Kiang, que, impassível, não retirou os olhos do rosto congestionado de seu pai, que, pela primeira vez, depois de muitos anos, ouvia inesperadamente seu filho balbuciar estas palavras há tanto tempo esquecidas por ele: “Minha mãe...” e com uma entoação delicada. Ficou sentado, sem poder articular uma só sílaba. Frente ao filho, ele sentiu uma emoção tão diferente que não pôde, no momento, subjugar-la como desejava. Foi depois de prolongada espera que o rapaz, impaciente, renovou a pergunta, e Tung, num esforço tremendo, disse:

— Sim, foram amigas inseparáveis, e é esse o motivo principal por que temo a visita aos meus velhos e sinceros amigos. Nai vai nos crivar de perguntas, assim como não nos perdoará facilmente por não termos informado a morte de Li.

lung pronunciou essas palavras como se elas toassem brasas acesas que tivessem queimado dolorosamente a sua epiderme. Kiang também denotou contrariedade ao ouvir seu pai referir-se à morte dissimulada de sua infeliz mãe, prisioneira de ambos. Veio na sua mente e recordação de Mei-ling, tão delicada, e já sentia que não poderia jamais esquecê-la. Sentiu, como seu pai, um forte estremecimento ao pensar que ela pudesse algum dia vir a saber que sua mãe era leprosa e vivia. Debalde praticaram o hediondo atentado, pois Li ressurgia, constantemente, como um fantasma ameaçador e terrível para fazê-los reconhecer o quanto erraram. Seria um fantasma que os haveria de seguir passo a passo, muito lentamente, mas que não os deixaria nunca... nunca... O jovem era, porém, muito forte, e foi passageiro esse momento de reflexão e hesitação. Logo se levantou como para reaver as energias perdidas. Andou muito tempo, no pequeno espaço do aposento, com as mãos fortemente apertadas e a fisionomia carregada. Enquanto assim fazia, Tung se mantinha sentado, com a cabeça baixa, em silenciosa atitude. Era muito tarde da noite e estavam cansados das emoções violentas que experimentaram nesse longo dia. Kiang abriu as janelas do aposento e uma rajada intensa de vento frio invadiu todo o interior. Sentiu um bem-estar agradável quando o vento da noite bateu no seu rosto, refrescando-o delicadamente. Foi até a janela e aspirou longamente o ar puro, haurindo assim mais calma e energia. Olhou o firmamento estrelado e pensou, então, na grandeza do céu sem fim... Sem querer, sentia uma estranha nostalgia... sentia, naquela noite longa e fria, em que ele se via solitário, aparecerem à sua frente fantasmas que, ameaçadores, faziam-no rever episódios de sua vida até então quase completamente olvidados. Rememoração que o induzia, sem desejar, a um autoexame minucioso, reconhecendo-se, forçado pela consciência — juiz implacável —, que era um grande culpado; voltou-se depois de alguns momentos e viu que seu pai estava sentado na mesma posição. Penalizado dele, veio sutilmente sentar-se ao seu lado no leito. Pôs a mão sobre o seu ombro e delicadamente falou:

— Vamos, meu pai, é muito tarde e você deve estar exausto. Esqueça tudo isso.

Tung se deitou e o mesmo fez Kiang. Logo mais ele dormia tranquilo c seu pai, ainda acordado, repetia mentalmente suas palavras:

— Esqueça isso... como se fosse fácil e possível...

Kiang era jovem e nessa fase tudo era passageiro, mas Tung era velho e, na sua mente cansada, pelo constante meditar, era difícil esquecer como seu filho o aconselhou. Pensava:

— Preciso visitar Tieng, tenho de ir, necessito de todas as minhas energias para poder resistir ao interrogatório de Nai.

E assim, num constante pensar, as horas iam se passando Jentamente e a aurora já se aproximava; Tung ainda não tinha conseguido dormir. Só com os primeiros albores da madrugada foi que ele conseguiu dormir. Dormiu, mas, mesmo assim, perturbado com sonhos terríveis. Sonhou que estava na casa grande de pedras... Descia às ocultas a velha escada do subterrâneo. Abriu cuidadosamente a pesada porta, receoso de assustar Li. Queria ver logo como ela estava. E qual não foi a sua surpresa, ao deparar não com Li leprosa e horrível, mas via à sua frente Li, jovem e bela, como nos primeiros anos de casados.

Estava parado, surpreso, sem poder articular uma só palavra, quando Li gritou horrorizada:

— Saia da minha frente! tenho medo!... tenho medo!... Quem é você? O que vem fazer aqui? Saia!... Saia!...

Tung tentou se aproximar dela, que corria espavorida para junto da porta tentando fugir...

— Saia! — gritou alto. Quem é você?

— Sou Tung, seu marido, que vem de muito longe para revê-la.

— Não!... Está mentindo! Tung é forte e belo, e você é um leproso horripilante... Afaste-se de mim!... Tenho medo de seu rosto coberto de chagas que sangram. Saia!... Saia!...

Tung, em soluços, tentou explicar:

— Venha, Li, venha. Li!... Não tenha medo, sou Tung e não sou leproso!...

— Mentira!... Mentira! Olhe no espelho! — e correndo voltou--se para apanhar um pequenino espelho, que estava pendurado na parede muito alva, e o apresentou a ele, que, olhando, viu refletido na transparente lâmina de cristal o seu hediondo rosto de leproso.

Gritou e acordou trêmulo. Foi tão aflito o grito de Tung que acordou Kiang. Vendo então seu pai sentado nas bordas do leito, com a cabeça entre as mãos e soluçando convulsivamente, levantou-se e chegou junto a ele, perguntando angustiado:

— O que sente? Por que chora tanto? Fale, meu pai!

Tung ergueu a cabeça e, olhando o filho, com voz entrecortada pelos soluços, disse:

— Sonhei com Li...

Kiang mudou de expressão e, com voz irônica, respondeu:

— Julguei que fosse mais sério o seu sonho. Então, por que sonha com uma mulher, chora desse modo e fica nesse abatimento tão acabrunhador? Que é isso, meu pai? — perguntou novamente. — Por acaso está ficando um homem fraco? Tente reagir, deixe de lado essas tolas preocupações e continue a viver alegre!

Mas ele continuou com a cabeça entre as mãos, alheio às palavras do filho. Este, vendo que ele não dava atenção aos seus conselhos, saiu do aposento, deixando-o só. Muito tempo ficou Tung na mesma posição. Só levantou a cabeça quando sentiu que um raio forte de sol batia sobre ele, dando uma sensação desagradável, pois era abrasador nessa hora. Levantou-se vagarosamente, sentindo os membros entorpecidos pela posição forçada em que esteve durante muito tempo. Com dificuldade, conseguiu dar os primeiros passos, indo até a

janela, que estava aberta, e se debruçou, olhando indiferente o movimento intenso da larga rua, que nesse instante já era grande. Estava ainda olhando os transeuntes, que ligeiros passavam em sentidos contrários, quando viu Kiang, impecavelmente vestido, atravessar a rua e seguir apressado. Vendo ao longe o filho, observou-o até perdê-lo completamente de vista. Depois que voltou, foi sentar-se na cadeira em que Kiang costumava ficar. Outra vez deixou que seu pensamento vagasse alheio a tudo; só pensava em Li... Era impossível esquecer-la... Sentia forte desejo de voltar breve para a China...

Tung, em poucos dias, resolveu todos os seus problemas. E atendendo ainda a um pedido do filho acedeu de, antes de seguir para a China, ir com ele até à Itália, numa ligeira viagem de recreio, aproveitando também para apresentá-lo, como fez em Paris, a alguns de seus velhos amigos italianos. Em esses dias em que ele, apressado, procurava organizar tudo para Kiang, de modo que ele não sentisse grande dificuldade quando estivesse só, pediu-lhe, certa tarde, quando ambos conversavam amistosamente:

— Kiang, agora que já providenciei tudo quanto você precisava, tenho um pedido a lhe fazer.

Admirado, o moço olhou para ele, pois há muito que seu pai não falava com esse tom de voz, igual ao que Unha antes do incidente passado no navio. Alegre, respondeu:

— Pode pedir, meu pai, estou ansioso por saber o que deseja.

Tung demorou a fazer o pedido. Depois, quase com dificuldade, pediu:

— Quero que vá comigo à casa de um pintor, antigo amigo meu, e que pose em traje tipicamente chinês, para uma tela que desejo levar para a China.

O rapaz deu uma grande gargalhada e disse:

— Meu pai, pensei que fosse mais sério o seu pedido.... Porém, estou pronto a satisfazê-lo; pode marcar o dia para o início e pedir ao seu amigo para apressar, pois muito breve, temos de ir à Itália.

Logo no dia seguinte, Kiang começou a posar para o renomado pintor, que, com a maestria do seu genial talento, ia, com nuances fortes e perfeitas, fazendo surgir, como um milagre do pincel, a imagem maravilhosa de um autêntico chinês, vestido ricamente e soberbamente belo no esplendor da sua mocidade...

Essa tela Tung levaria para a China e seria a sua companheira inseparável na solidão em que iria viver na luxuosa casa, nas margens do rio Cantão. Dias após dias, o jovem, incansável, posou e aliviado respirou quando foi terminada a célebre tela. Durante esses dias em que ele ia, em companhia de seu pai, ao ateliê do pintor, Tung disse-lhe:

— Precisamos ir à casa de Tieng. Não podemos mais adiar essa visita.

Satisfeito, o filho concordou e, ao terminar a hora fixada pelo pintor, foram fazer a visita há tanto prometida. Kiang não mais tinha visto Mei-ling e era imenso o seu contentamento em poder revê-la nessa tarde.

\*\*\*

Tung caminhava ao lado de Kiang, seriamente preocupado, pois sabia que iria enfrentar uma grande luta; tinha certeza de que Nai não pouparia a curiosidade de saber pormenorizadamente toda a história de Li. Sabia que ele teria de enfrentar a situação sozinho, pois Kiang só pensava em poder rever Mei-ling, deixando tudo entregue a ele que, realmente, era o maior responsável. Trêmulo ficou ao deparar com a residência de Tieng. O seu coração bateu aceleradamente ao ouvir passos que se aproximavam. Sentiu uma forte emoção e foi preciso se apoiar nos braços do filho. Quando Tieng avistou seu velho amigo, foi logo abraçando-o fortemente e chamando alto por Nai. Esta, chegando, e vendo Tung ao lado do esposo, foi, antes mesmo de cumprimentá-lo, dizendo:

— Tung, como vai a minha amiga Li?

Ele abaixou a cabeça, deixando o casal surpreendido. Todos ficaram calados, até que Tung, com dificuldade, disse:

— Nai, a sua amiga Li morreu...

— Mas, Tung, conte-nos como foi e quando!

Tieng voltou-se para ela, e bondosamente pediu:

— Nai, tenha paciência, Tung nos contará tudo; antes, veja Kiang como está um belo jovem.

Foi quando Kiang se aproximou e cerimoniosamente a cumprimentou. Nai ficou muito tempo olhando para ele, e depois disse:

— Parece incrível que seja o mesmo menino que eu deixei nos braços de minha inesquecível Li. Kiang... deve sentir uma grande tristeza por ter perdido tão cedo a sua mãe, aquela adorável amiga que nunca deixei de recordar e sentir saudade. E muito jovem ainda para realmente avaliar o que tão cedo perdeu... Sua mãe, além da incomparável beleza que possuía, tinha a mais privilegiada alma, era inata a sua bondade... Filho, sinceramente, compartilho da sua dor por ter perdido tão prematuramente a sua linda mãe — e comovida abraçou Kiang, durante muito tempo. Depois, ainda com voz entrecortada pelos soluços, disse:

— Aqui, meu filho, você encontrará sempre uma amiga sincera e um lar onde pode compartilhar como se fosse seu. Quero, se for possível, fazer tudo o que você desejar, em homenagem à minha querida Li.

Tung, Tieng e Mei-ling, silenciosamente, presenciavam essa manifestação emocionante e carinhosa de Nai.

Foi Mei-ling quem primeiro falou:

— Sim, Kiang, assim como disse minha mãe, eu também ofereço a minha amizade e fique certo de que sinceramente compartilho, como meu pai, da grande dor, que sei, ainda tortura sua alma e a de seu pai — voltou-se e abraçou afetuosamente Tung, que tinha os olhos cheios de lágrimas...

Tieng, desejando terminar a tocante cena, num esforço disse:

— Deixemos isso para depois, vamos agora conversar alegremente... Vamos, Nai! Venham, Mei-ling e Kiang!...

Sentaram-se os cinco e procuraram conversar satisfeitos, porém, forçados, pois parecia que pairava entre eles a sombra de Li... Era Tieng quem mais se esforçava para manter uma palestra agradável. Perguntou a Tung quando voltaria à China, interessado em saber detalhes da sua querida cidade, dos amigos e do comércio, pois ele ainda possuía lá grandes e prósperos negócios. Tung a tudo respondeu, procurando contar tudo o mais minuciosamente possível. Depois participou a sua próxima partida para a Itália, onde ia numa rápida viagem, somente para apresentar Kiang a velhos amigos e rever também algumas cidades que, outrora, tanto gostava de visitar.

\*

— Sei que esta será a minha última viagem; irci depois para a China, esperar o momento da última e definitiva viagem...

Todos conversavam, só Nai é que se mantinha calada, ouvindo atentamente tudo quanto diziam. Em dado momento, bruscamente olhou para Tung e Kiang, e perguntou:

— Ainda não sei do que Li morreu... foi repentina a sua morte, Tung?

Este, atingido pela inesperada pergunta de Nai, voltou-se tão rapidamente e com um olhar aflito que impressionou a todos; ficou olhando Nai, que, também angustiada, olhava

para ele... Sem poder pronunciar uma só palavra, deixou que lágrimas brotassem nos seus olhos pequeninos e deslizassem pelo rosto pálido. O silêncio era completo; ninguém ousava interrompê-lo... Todos estavam impressionados com a pergunta brusca de Nai e com o aspecto de Tung, que continuava calado, deixando que as lágrimas deslizassem mansamente. Foi depois de um longo silêncio que Tieng conseguiu dizer:

— Tung, meu velho amigo, perdoe a Nai essa curiosidade, que é motivada somente pela grande e sincera amizade que a ligava a Li. Mas fique certo de que todos nós lamentamos profundamente a grande perda que você sofreu.

Mais uma vez Tung voltou-se para ouvir atento as palavras do amigo, o mesmo fazendo Kiang, que olhou com insistência para o pai, como atemorizado de que ele, num momento de exaltação, pudesse deixar escapar a revelação terrível, confessando a verdade aos velhos amigos. O jovem tinha receio, pois há muito tempo notava que seu pai vinha sofrendo, e a causa principal era a moléstia de sua mãe e o seu aprisionamento no oculto subterrâneo, e agora, com as perguntas constantes de Nai, temia que ele não tivesse a força precisa para dissimular toda a verdade da história de Li. Sentiu-se aliviado quando ouviu seu pai, com voz calma e pausada, responder a Tieng agradecendo as demonstrações de amizade, não só dele como de Nai. Se não tinha contado com fidelidade toda a verdade sobre a morte de Li, era porque lhe faltava coragem... Desde que ela desaparecera, excepcionalmente falava no seu nome, nem mesmo com Kiang.

— Compreendo, meu bom Tung, a sua mágoa e a sua perda, e acho que tem razão de assim proceder.

Nai, cabisbaixa, olhava demoradamente agora para Kiang, que, alegre, conversava com Mei-ling, não denotando o menor vestígio de constrangimento pela cena desagradável passada há tão poucos instantes. Tung e Tieng, a convite deste, tinham saído para o terraço, onde, sentados em cômodas cadeiras, conversavam baixo. Nai podia observar livremente o jovem filho da sua grande amiga. Ela não podia compreender por que sentia essa vontade imensa de saber a verdade sobre a inesperada notícia da morte de Li. Dizia consigo mesma:

— Como pode Tung, tão nosso amigo e tão educado, cometer uma falta assim; não creio que fosse devido à grande dor... não... não creio... pois passados os primeiros dias, ele, já refeito do abalo, podia ter participado aos amigos distantes a triste ocorrência. Tung está muito mudado, noto que ele não é o mesmo homem alegre e forte que conheci na China. O seu olhar é triste e vago, encobrendo uma grande preocupação... Percebo também algo de anormal no seu rosto, parece que a sua pele está mais grossa e mais rosada, e ele um tanto esquivo, evitando apertos de mão prolongados, retirando-as bruscamente, receoso... Vi bem, quando Mei-ling sentou-se ao seu lado e, afetuosa, pousou a mão sobre a dele; foi rápido o movimento que fez para retirar as mãos de junto dela...

Todos esses pensamentos bailavam na mente de Nai que, ao lado, sozinha, continuava vendo Kiang e Mei-ling alegres e felizes conversando tranquilamente, o mesmo fazendo os dois velhos amigos no terraço próximo. Por que só ela, Nai, é que tinha essas dúvidas, desde o momento que Tung viera visitá-los? E tão imersa estava nos seus pensamentos, que não viu que já estava escurecendo e que uma tênue penumbra invadia o grande salão. Apressada, levantou-se à procura de luz, voltando logo trazendo um rico e artístico candelabro, tendo diversas velas, e colocando-o numa mesinha situada num recanto do salão. Mei-ling, delicada, sorriu para ela e, levantando-se, chegou bem junto dela, beijando-a com afeto. ligeira, voltou para perto de Kiang que não deixou de notar o gesto terno e amigo de Mei-ling. Momentos depois, Tung e Tieng também entraram. Nai os recebeu com alegria, oferecendo novamente uma cadeira a Tung, que agradeceu, recusando



devido ao adiantado da hora. Chamou a atenção de Kiang e, despedindo--se dos amigos, retirou-se, participando a sua breve partida para a Itália, onde demoraria pouco, pretendendo voltar o mais breve possível para a China...

## **VI - EM BUSCA DA FÉ NO REGRESSO À CHINA**

Poucos dias depois, Tung e Kiang deixaram Paris rumo à Itália. Iriam primeiro a Roma, onde passariam poucos dias, seguindo, então, numa ligeira excursão, pelas formosas cidades que o moço tinha mais vontade de conhecer.

- Quero ver Veneza, meu pai, sinto por essa cidade uma atração incrível, quero percorrer os seus canais e as suas vielas, quero ver de perto os seus palácios, pois só assim poderei compreender toda a história dessa cidade sem par... Nas suas gôndolas tradicionais levadas por remadores românticos, ouvindo as suas canções dolentes e mornas, quero percorrer, um por um, todos os seus canais... Vamos logo visitar Veneza, depois, então, com mais vagar, veremos Roma.

Tung ouvia atento seu filho e com ele tudo concordava.

— Sim, podemos, logo ao chegarmos, organizar o nosso itinerário. Iremos para onde você quiser.

E foi assim que resolveram ir logo a Veneza. Foi para Kiang um deslumbramento a realização desse sonho, há tanto tempo esperado. Em companhia de Tung, que como em Paris não sentiu a menor dificuldade, percorreram todos os recantos da linda cidade tradicionalmente falada. Dias após dias foram de surpresa para o rapaz. Atento, ouvia as explicações do seu pai que ele reconhecia ser o melhor “cicerone” que se podia desejar. Respondia com abalizadas explicações tudo quanto ele perguntava. Porém, o que mais surpreendeu Kiang foram as visitas aos museus de arte onde ele, artista e profundo admirador do belo, encontrou margem para a sua completa satisfação. Defronte às grandes telas, mudo de emoção, via, concretizados em cores e contornos, os sonhos maravilhosos de geniais artistas italianos. Era preciso que Tung o despertasse da contemplação para fazê-lo voltar à realidade.

— Vamos... Temos tanta coisa ainda para ver.

E Kiang, então, dizia:

— Tenho de voltar muitas vezes à Itália para poder sentir melhor a beleza desse pedaço privilegiado do mundo. Compreendo agora, meu pai, por que gostava tanto de aqui vir.

Foi com dificuldade que convenceu o filho a sair de Veneza, seguindo a visitar outras importantes cidades. Foram todas verdadeiras surpresas para Kiang, que não podia reter o seu grande entusiasmo diante de tanta beleza e de tanta arte. Florença foi para o jovem chinês uma surpresa inesquecível. No perambular pelos museus famosos, ficava parado diante dos quadros, numa contemplação que só mesmo os inspirados na divina arte eram capazes de sentir o que o jovem sentia. Era sincero o seu entusiasmo pelas maravilhas que lhe eram dadas, no momento, apreciar. Tung o seguia pacientemente constatando que, na realidade, seu filho seria muito em breve a personificação do que ele fora. Nesses mesmos museus ele passara horas de imorredoura alegria percorrendo os imensos salões, junto com outros admiradores, ou então, sozinho, para maior deleite de sua alma, sempre em busca do belo. Nessa mesma cidade, teve oportunidade de conhecer inúmeros artistas que se tornaram verdadeiros amigos, a quem ele agora iria apresentar seu filho, também sincero admirador das artes. Foi a um desses renomados pintores que Tung encomendou mais um retrato de

Kiang, vestido como ele gostava, em trajes típicos de fidalgo chinês. Tiveram de demorar mais alguns dias em Florença para que Kiang posasse para a realização de mais um desejo de seu pai, que era levar outro retrato dele feito por célebre pintor, e que iria enriquecer ainda mais a sua valiosa coleção de pinturas, no rico salão da sua residência em Cantão. Foram, depois, ligeiramente, visitar mais algumas cidades. Milão, outra maravilha da Itália, orgulho de seus filhos, patriotas exaltados não só das suas preciosidades artísticas guardadas cuidadosamente nos museus, como das suas famosas igrejas, dos seus palácios majestosos, e sobretudo dos seus ilustres e célebres filhos, como diversos papas que ocuparam o trono de São Pedro, o que era motivo ainda maior para que os filhos de Milão ostentassem grande orgulho de terem nascido naquele pequeno e glorioso pedaço da Itália.

Kiang quis ainda conhecer, em companhia de Tung, outras cidades, não atendendo o pai ao seu apelo, pois desejava voltar logo à China.

— Quero ver Gênova — insistia ele.

E Tung, não podendo negar nada a ele, foi a Gênova, que também não visitava há muitos anos, pois da última vez em que esteve na Itália, não fora possível ir. Era uma cidade de que ele não só gostava muito, como tinha também negócios importantes. Estava pronto para ir passar uns dias na grande cidade, quando foi convidado por diversos amigos para uma excursão ao longínquo Egito. Ele, entusiasmado, deixou para outra vez a visita a Gênova, sendo que era essa agora a sua oportunidade. Gênova, porto de grande movimento e intenso intercâmbio comercial, visitado constantemente por inúmeras caravanas de viajantes, atraídos por sua beleza e pelos seus museus que contêm obras célebres de incalculáveis valores. Os seus palácios eram soberbos e o seu aspecto magnífico. Kiang guardou de Gênova grata recordação, pois essa sua primeira visita ficou gravada para toda a sua vida. Quando, anos depois, conversava sobre suas viagens, ele não esquecia de citar Gênova e descrever com ardor a beleza desse encantado porto italiano.

— Agora, meu pai, ainda um pedido, quero ver de perto o lago de Como. Já conheci diversas cidades importantes e muitas outras que, apesar de menores, são também encantadoras, mas quero ir ver esse recanto tão decantado da Terra...

Tung tudo providenciou e foi para Kiang a maior surpresa que experimentou na sua vida. Cada cidade que conhecia, ele, apesar de achar tudo maravilhoso, esperava ver outras mais belas, mas ao visitar o lago de Como, o seu entusiasmo chegou ao auge, e nos transportes da mais viva admiração confessava a Tung:

— Meu pai, creio que não é possível se encontrar uma beleza maior do que esta que nos é permitido contemplar nesta paisagem encantadora.

— Sim, meu filho, este lago é único.

Kiang, extático, falava:

— Meu pai, essas colinas verdejantes... Não pode haver coisa mais bela... Não pode...

Foram dias inesquecíveis, de constantes passeios, e Kiang, cada vez mais contente, formulava já projetos para nova excursão a Como. Numa tarde de estonteante beleza, em que todo o lago era envolvido pelos últimos reflexos do sol posto, o moço se aproximou de Tung e, confidencialmente, muito baixo disse-lhe:

— Meu pai, já resolvi que a minha próxima visita a este lago será com a companhia de Mei-ling...

Tung olhou para o filho e viu que nada o demoveria desse seu desejo. Sorriu satisfeito, pois adorava a filha de seus velhos e sinceros amigos. Seria para ele a concretização de todos os seus sonhos, Mei-ling ser a senhora Fú... Tão orgulhoso ficou com a revelação de seu filho que esqueceu até mesmo a doença terrível que ocultava. Porém foi

passageiro, pois veio logo a recordação da verdade, e ele mais uma vez curvou a cabeça vencido. Kiang, ao se voltar, vendo Tung de cabeça baixa, falou alto:

— Então, meu pai... Parece que você ficou triste com a minha confissão?

Tung estremeceu e, sem poder se conter, tomou as mãos do filho, e com emoção murmurou:

— Kiang, você me deu, com essa confissão, a maior alegria. Quero a Mei-ling como uma filha — e redrou rapidamente as mãos... Agora precisamos ir a Roma, onde tenho muito que providenciar.

Saudosos deixaram Como, e numa rápida viagem visitaram ainda outras cidades, até que, numa fresca manhã, chegaram a Roma. Instalados num luxuoso aposento reservado especialmente para eles, pôde Kiang descansar da viagem apressada feita por ele e seu pai. Passou todo o dia deitado, o mesmo não acontecendo a Tung, que logo saiu para tratar dos seus negócios, pois era visível a sua vontade de voltar. Passou todo o dia ausente, e Kiang não pôde sair, pois além de não conhecer nada da grande cidade, não sabia também falar o idioma italiano. Admirava seu pai, que era um poliglota, falando corretamente diversos idiomas e inúmeros dialetos. Via quanto ainda precisava estudar para poder viajar sozinho. Só à tarde foi que ele voltou, encontrando seu filho já alarmado com sua demora.

— Por que não saiu um pouco?

— Porque não conheço a cidade e não sei italiano.

Tung sorriu e o aconselhou a tentar sair só, o que Kiang discordou:

— Não, preciso da sua companhia. Na próxima vez que aqui vier, então sim, já estarei falando com facilidade e não precisarei de ninguém. Quero mesmo fazer uma viagem só para poder saciar minha curiosidade.

— E qual foi até agora a sua curiosidade não satisfeita? — perguntou Tung.

— Nenhuma, realmente, mas estou me referindo a quando estiver mais velho — disse ele com certa malícia.

Tung compreendeu e nada mais disse. Lembrou da viagem quando saíram da China e durante a travessia em que ele fez novos amigos.

Em Roma foi anunciada a estadia de Tung, que, como em Paris, era muito conhecido e grandemente admirado. Nas suas inúmeras visitas à velha cidade, quando ainda bem jovem, fez um vasto círculo de amigos, que sempre conservou com muita estima. Quando era anunciada a estadia do riquíssimo chinês Tung Fú, movimentavam-se os círculos literários e artísticos. Os literários, ansiosos para ouvirem as conferências do abalizado historiador, e os artistas, para mostrarem verdadeiras preciosidades, pois sabiam ser ele um apaixonado colecionador de raridades, desde telas até as miniaturas, assim como armas, sendo a sua coleção uma das mais famosas. Conhecida a sua visita, logo no dia seguinte começou a receber os antigos amigos e convites para festas e reuniões. Ele recebia a todos com amabilidade, apresentando-lhes seu filho. Foram tantas as visitas, que sobrava-lhe pouco tempo para os passeios, conforme desejava Kiang. Roma era digna de ser visitada demoradamente, em todos os seus recantos; esses tinham, para Tung, uma espécie de lenda que desejava contar ao filho. Era um recapitular constante de velhas reminiscências...

quando uma noite voltavam de uma reunião em casa de antigo amigo de Tung, que os recebera para um grande banquete, em que se reuniram as mais destacadas personalidades de Roma e as mais belas damas, algumas de invulgar beleza, e que Kiang notou serem conhecidas íntimas de Tung, ele fez então uma pergunta inesperada ao pai:

— Admira-me, meu pai, que você tenha viajado tanto, tenha conhecido tantas mulheres bonitas, e foi casar em Cantão com uma insignificante mulher chinesa!

Tung respondeu logo:

— Você era bem pequeno quando sua mãe “morreu”, pois do contrário não faria esta afirmativa. Li, meu filho, foi a mulher mais bela que cruzou na minha vida.... Só vi depois outra, que me causou uma impressão tão profunda como aquela que senti quando conheci Li. Quer saber quem foi? Mei-ling!

Kiang sorriu contente, compreendendo o sentido da resposta de seu pai...

\*\*\*

Depois de muitos dias de intenso trabalho, viu-se satisfeito e já podia organizar a sua volta a Paris, onde pretendia passar poucos dias, retornando definitivamente à China. Aproximou-se a época do início do estudo de Kiang, e ele desejava voltar quando seu filho já estivesse cursando as aulas no Instituto onde estava matriculado. Queria acompanhar essa última etapa da iniciação de Kiang.

Foi alegre que voltou a Paris, indo ocupar os mesmos aposentos. Kiang, assim que chegou, manifestou desejo de ir ver logo Mei-ling, convidando seu pai que, alegando cansaço, recusou, tendo ele ido só.

Foi recebido com alegria pelo casal, assim como por Mei-ling, que já não podia ocultar o seu grande segredo. Crivado de perguntas, Kiang respondia a todos com desembaraço, descrevendo por menorizadamente toda a viagem e narrando depois, só para Mei-ling, as maravilhas da Itália. A jovem nunca saíra de Paris e era com interesse que ouvia as palavras de Kiang, que demonstrava que seria mais tarde um fino e arguto viajor. Quando descreveu as belezas do lago de Como, aproveitou um instante em que Nai chamou Tieng para um ligeiro momento de atenção e, quase confidencialmente, disse a Mei-ling:

— De todos os lugares que percorri, foi esse lago o que mais gostei, sentindo somente estar só com meu pai diante de tanta beleza. Lembrei-me então como seria agradável tê-la ao meu lado para juntos podermos apreciar tantas maravilhas.

Mei-ling olhou demoradamente para Kiang, sentado ao seu lado, e com um terno e expressivo olhar agradeceu-lhe por ter-se lembrado dela quando distante.

Nai voltou com Tieng e continuaram ouvindo Kiang. Depois, respondendo a uma pergunta de Nai, o rapaz respondeu-lhe que seu pai logo partiria diretamente para a China. Despedindo-se logo depois, Kiang deixou a casa de Mei-ling, prometendo voltar breve.

Chegando, encontrou Tung deitado à sua espera.

— Sente-se aqui, Kiang, desejo conversar com você.

— Pronto — atendeu Kiang, sentando-se ao lado do pai.

— Meu filho, resolví seguir imediatamente para Cantão, pois já está por demais demorada a minha estadia aqui. Tudo providenciei para que nada lhe falte e caso ainda precise de alguma coisa, pode procurar Tieng, que fica encarregado de me substituir. Espero que saiba aproveitar convenientemente o tempo em que estiver estudando. Depois, então, poderá, com facilidade, gozar como deseja a sua vida. Para isso tem o bastante. Quero, neste momento, e talvez pela última vez, conversar seriamente com você. Quero fazê-lo lembrar que é o único descendente de uma família ilustre, que sempre cumpriu fielmente todos os seus deveres. Lembre-se também que é chinês e que a sua pátria ainda precisa do seu auxílio.

Kiang, comovido, ouvia os conselhos de Tung, mas agora era muito orgulhoso para deixar transparecer ao seu boníssimo pai o que sinceramente sentia. Quando Tung deixou de falar, ele se levantou e começou a percorrer com passos largos e ligeiros o aposento. Tung não o interrompeu. Só depois de muito tempo foi que ele, em pé junto ao pai, falou:

— Sinto bastante a sua partida, mas prometo que não esquecerei os seus conselhos e logo que termine os meus estudos voltarei definitivamente para a China.

Tung olhou o filho e sentiu que ele não estava dizendo com lealdade o que sentia, porém se manteve calado.

Dias depois, numa tarde cinzenta e fria, Tung deixou Paris e seu filho. Foi uma despedida simples. E se não fosse a presença amiga de Tieng, Nai e Mei-ling ele não encontraria uma só palavra de afeto e saudade, porque Kiang não demonstrou um só vislumbre de carinho para com seu velho pai, que tanto o queria. Mei-ling, sim, demonstrou quanto era carinhosa e sensível ao abraçá-lo ternamente. Tung, com os olhos cheios de lágrimas, disse-lhe quanto iria sentir a sua ausência; o mesmo fazia Nai que, comovida, tentava demonstrar que ainda era a mesma velha amiga de outros tempos. Não deixou, nem mesmo nessa ocasião, de relembrar a antiga amizade que tinha por Li e que por essa mesma amizade tudo faria por Kiang.

— Pode voltar tranquilo, Tung, Kiang será agora nosso filho...

Só Tieng é que se mantinha calado observando a atitude de Tung, e se convenceu de que o seu amigo sofria cruelmente, encobrendo grande mágoa.

Só depois que Tung partiu foi que Kiang sentiu a sua falta, pois era a primeira vez que se separava do seu velho pai. Foi, porém, um sentimento passageiro e muito breve. Se não fossem as contínuas visitas à casa de Tieng, onde ele era sempre lembrado, talvez o jovem o tivesse olvidado de todo. Nai, principalmente, não deixava de se referir a Tung, assim como recordava constantemente Li. Certa vez, em que Mei-ling, muito delicada, o interrogou querendo saber se ele sentia profunda saudade de sua mãe, Kiang ficou perturbado e com dificuldade foi que pôde responder:

— Mei-ling, quando minha mãe morreu eu era bem pequeno e por isso guardo poucas recordações dela, e mesmo porque meu pai exigiu que não se pronunciasse jamais o nome dela em nossa casa, e foi então, aos poucos, desaparecendo por completo a sua lembrança, até que ficou quase totalmente esquecida...

\*\*\*

A volta de Tung foi muito monótona, bo, no grande aposento, alheio a todos os divertimentos, afastado de todos, passava o tempo deitado, entregue às mais diversas divagações. Pensava constantemente em Kiang, sozinho e ainda inexperiente em Paris, talvez rodeado de novos amigos, sem temer a quem quer que fosse, ainda tão jovem e do temperamento violento, sedento de conhecer a vida e de tudo haurir com sofreguidão. Pai extremo, e desejoso de possuir um filho digno do nome ilustre que possuía, temia só em pensar na possibilidade de seu filho fracassar e não levar adiante o ideal tão ardentemente ambicionado por ele... ter um filho para que fosse o seu sucessor na vida. A viagem era longa e muitos dias teria Tung de enfrentar a solidão... ansiava ardentemente que esses dias passassem rapidamente e que ele pudesse chegar, o mais breve possível, na sua casa e então, com calma, coordenar melhor os planos para o futuro que se apresentava cheio de nuvens pesadas. Uma noite, em que não podendo conciliar o sono, resolveu sair para um pequeno passeio em volta do aposento, deparou com um espetáculo de magnífica beleza, que o tomou de verdadeiro entusiasmo e de grande alegria. No céu calmo e belo surgia majestosa a Lua, na plenitude de sua fase máxima, clareando a imensidão do oceano e cobrindo-o com um leve véu prateado... No vaivém constante das ondas, os reflexos da lua eram empolgantes... Tung, ardente apaixonado do belo, ficou encostado à grade de ferro do tombadilho, para depois se debruçar, embevecido na contemplação do espetáculo maravilhoso que se apresentava diante dos seus olhos.

E nessa contemplação lhe veio à mente cansada a lembrança tentadora de como seria suave encontrar o descanso no seio daquelas ondas calmas e cobertas pelos raios pálidos da

Lua. Seria, pensava ele, um túmulo digno para quem passou pela vida em busca constante do belo. Foi para ele, Tung Fú, tão imperiosa essa mística beleza, que fez dela quase um culto... Diante de uma tela, ele, contrito, se deixava empolgar tão profundamente como seria se estivesse diante de um altar, rezando uma prece sincera... E assim, sozinho diante daquela beleza sem par, ele teve a visão nítida de como seria bom ter nas ondas do oceano imenso, o túmulo para o fim da sua trajetória pela Terra, e ainda mais encantadora se lhe apresentava essa noite enluarada... Estava já quase resolvido a pôr em execução o seu intento, finalizando assim rapidamente o seu martírio, quando, sem poder conter, seu pensamento — como um raio rápido — cruzou o céu e foi parar na casa grande de pedras, e surgindo, à sua frente, Li, presa no lúgubre subterrâneo. Tung olhou o oceano inundado de luz e reconheceu a covardia do seu Eu, não tendo a coragem precisa para enfrentar a adversidade que o cercava. Lembrou-se de que ainda poderia encontrar no perdão de Li a suprema paz e, talvez, ainda juntos pudessem viver isolados e felizes. Como se estivesse carregando pesado fardo, Tung sentiu um alívio imenso e respirou mais calmo, antevendo a possibilidade de rever Li... Foi como se a sua lembrança o fizesse depositar o fardo no ponto exato que lhe era destinado... Sorriu satisfeito e, olhando a Lua grande e cercada por um rendado de nuvenzinhas graciosas, intimamente entoou um cântico de agradecimento ao Senhor dos Céus por ter recuado do seu intento, que o iria fazer passar, perante seus amigos, como um covarde e um mistificador das suas próprias afirmações, quando dizia perante os grandes auditórios, que “o homem só tem real valor pelas suas atitudes claras e positivas, e pelo destemor com que souber enfrentar as batalhas árduas da vida cotidiana.”

Lembrava-se de Confúcio, o filósofo mais célebre de sua pátria, o mais perito e o mais elevado, aquele que deixara gravada em letras fulgurantes de luz a base de uma sólida doutrina, de uma moral altamente elevada e de um ideal puro, que transmitiria aos seus milhões de adeptos a coragem para pacientemente enfrentarem, audazes e destemidos, todos os revezes e todas as torturas, na clara esperança de encontrarem nessa doutrina o lenitivo que os faria, com o decorrer dos séculos, os homens mais fortes e raros de todo o Universo... E ele, Tung Fú, que tão cuidadosamente tinha estudado essa doutrina, a filosofia de Confúcio, ia trair na primeira ocasião a sua profissão de Fé, a crença em que ele tanto confiava e que tanto amava, onde encontrava força e alegria para enfrentar o infortúnio. Era na sua própria filosofia que ele agora — ao deixar de ser homem feliz e acatado, rico e ilustre, para se tornar um mísero sofredor atingido pela mais repelente moléstia, tendo na sua consciência uma negra mancha difícil de ser apagada — iria encontrar o bálsamo suavizador e o lenitivo precioso para fazer com que ele não esmorecesse e, impávido, seguir o caminho do seu calvário, até que pudesse corajosamente depositar a pesada cruz do seu infortúnio. Não fossem as longas horas que dedicara aos estudos complexos das teorias religiosas e filosóficas, ele seria agora um fracassado, um perdido para sempre...

Depois da noite em que, desesperado, Tung esteve olhando a Lua, sentiu quanto errado estava, pensando em dar fim à própria vida. Ficou mais conformado e esperançoso.

“Devo e tenho obrigação de dar exemplo ao meu filho. Quero, quando desaparecer, deixar para ele, como um livro sagrado, a minha própria vida. Quero que ele leia suas páginas, repassadas de ensinamentos, e, mirando em meus exemplos possa caminhar desassombrado e feliz. E se, por qualquer motivo, encontrar dificuldades no trilhar pelas veredas múltiplas, ou nas encruzilhadas embaraçosas, possa procurar no livro, que eu lhe deixo escrito com a trinta rubra dos meus sofrimentos e da minha Dor, a solução precisa que o possa guiar” — meditou.

Sentia-se mais aliviado, e esperava com paciência chegar e poder iniciar a sua nova

vida. Entretanto, continuava a manter-se esquivo de todos, pois sabia que era necessário afastar-se de todo o convívio. Sabia quanto era traiçoeira e terrível a moléstia que trazia consigo. Excepcionalmente conversava com alguns passageiros, isso mesmo, mantendo certa distância. Foi, pois, com verdadeira alegria que divisou ao longe, no horizonte azul-cscuro, uma pequenina mancha negra que era o sinal de aproximação de terra. Junto à grade fria, ainda úmida do orvalho da noite, senda Tung um alvoroço incontido, quando viu claramente ao longe a brancura do casario de sua terra natal...Depois, quando transpôs a outro veleiro, dpicamente chinês, que o levaria veloz pelas águas do rio Cantão... sentado indolentemente no tosco banco, olhos parados, cm mudo êxtase, alheio ao barulho da embarcação e ao vozerio de seus remadores, deixava que o barco deslizasse ligeiro até que ancorasse junto às escadarias da sua luxuosa residência, que ficava às margens do lendário rio. Ele voltou sem avisar os seus servidores. Queria chegar sozinho para poder melhor haurir a sensação da volta tão almejada à sua casa. Sentia uma saudade intensa que invadia toda a sua alma... Nesses poucos meses que passou ausente foi tão cruciante a sua vida, que só esperava poder encontrar paz no silêncio e no alheamento absoluto que só ali podia ter. Foi por isso não participou o seu regresso.

\*\*\*

Deixando a embarcação, Tung subiu lentamente a escada que o levaria ao grande parque. Reinava um profundo silêncio e Tung pôde livremente dar expansão aos seus devaneios. Sentou-se debaixo de uma grande árvore e ficou recordando emocionado todo o seu passado. Revia Li, muito delicada e vestida elegantemente, tendo os cabelos lustrosos e crespos, penteados caprichosamente, com um raminho de mimosas florzinhas presas ao lado com dois minúsculos alfinetes terminados por pontas de cores vivas, e nos braços, Kiang de poucos meses. Debaixo dessa mesma árvore em que ele repousava, ela vinha se sentar com o filhinho que idolatrava. Muitas vezes ele veio ocultamente observá-la, e alegre ouvia quando ela cantarolava apertando Kiang junto ao coração. Revia ainda quando ele, já crescidinho, corria na frente de Li, e ia se sentar nas areias brancas da margem do rio para fazer os seus brinquedos prediletos, casinhas e mais casinhas. Recordou ainda quando, certa ocasião, ouviu Li cantar alto, uma canção desconhecida, cuja música terna e harmoniosa o deixou deveras comovido. Quando ele entrou, curioso, quis saber onde Li tinha ouvido aquela melodia tão expressiva, e foi atônito que soube que era composição dela. Esforçou-sc para se lembrar da mesma e com dificuldade pôde recordar algumas palavras, que baixinho repetiu: “Felicidade c sonho e é quimera...” Tentava poder lembrar mais, porém esforço inútil... Até que, depois de longo silêncio, lembrou-se de outro trecho que também murmurou: “Esperança que um dia nos espera... Já libertos dos acintes da dor...” Não pôde reter as lágrimas que afluíram nos seus olhos doloridos e cansados, mas deixou que o seu pensamento vagasse livre, embora as recordações o ferissem profundamente, e na sua retina encoberta pelas abundantes lágrimas tinha fixo o quadro do seu passado distante... Viu quando Kiang, já um menino garboso, veio uma tarde já quase extinta à frente de sua mãe, de olhar irritado, demonstrando visíveis sinais de cólera enquanto Li, cabisbaixa e triste, o acompanhava. Arrependido, recordava quando ele veio ao seu encontro e com rudeza a interrogou: Não é a primeira vez que a vejo triste. Por que chora?”; c sem esperar resposta foi tornando a dizer: “Tem você tudo quando deseja, por que então ainda chora? Por quê?” e Li, sem erguer os olhos, com delicadeza respondeu: “Nada...” O ccu nessa tarde era cinzento escuro, sem uma só nuvem para enfeitá-lo, e Tung lembrou-se agora desse pormenor, que há anos era para ele insignificante, mas que hoje, na sua recordação sentida, tinha uma significação sublime...

Sentado ainda ficou muito tempo, até que, com coragem, resolveu seguir. A passos lentos, Tung foi aos poucos se aproximando de sua casa e, já bem junto dela, foi que um dos criados casualmente deparou com ele. Tomado pela inesperada surpresa, mal pôde balbuciar algumas palavras. Então, muito delicado, bateu nos ombros do velho servidor e, sorrindo, disse:

— Propositadamente deixei de avisar a minha volta; queria causar a todos esta surpresa... Vamos, quero entrar, estou ansioso por tornar a rever a minha casa.

E, afastando o criado, entrou depressa, acompanhado pelo servidor que, ainda não refeito do abalo, o seguia de cabeça baixa. Mas tarde, todos reunidos foram levar-lhe os cumprimentos e testemunhar a alegria que sua volta causava... Tung, comovido, agradeceu sinceramente a demonstração dos seus leais servidores. Depois de alguns meses ele retornava à sua pátria e à sua casa para nunca mais se afastar.

Muitos dias passou ignorado de todos, e, ao contrário do que costumava fazer, procurou se afastar definitivamente do círculo das suas relações. Até os próprios servidores notaram a sensível diferença imprimida por ele. E, às ocultas, comentavam... Entre eles, um não compartilhava da opinião dos mesmos, pois sendo o mais antigo criado, conhecia bastante o seu senhor e sabia que algo de extraordinário o tinha afetado profundamente. Julgava que fosse devido à ausência do filho único, até então seu companheiro inseparável...

\*\*\*

Tung vivia isolado, desde que chegou, e passava os dias perambulando pelos vastos salões. Sentado na antiga cadeira de que tanto gostava, ficava analisando as mãos e vendo que, aos poucos, surgiam ameaçadoras manchas e seus dedos estavam intumescidos e insensíveis... Certa tarde, procurou um pequeno espelho e, horrorizado, constatou a diferença já bem visível estampada nos contornos do seu rosto... Viu que as feições estavam completamente modificadas, sentiu que os seus pés estavam dormentes e uma pequena ferida aparecia junto aos dedos, quase que o impossibilitando de poder calçar os sapatos. Nessa análise dolorosa, Tung viu que seria de balde tentar encobrir a sua desdita. Seria brevemente forçado a fazer a confissão dolorosa. Sentia-se desamparado, sem o consolo de um só amigo a quem pudesse confiar toda a sua desgraça. E Kiang? Estremecia ao lembrar de quando o seu filho fosse sabedor da terrível verdade... Como Kiang receberia a fatal revelação? Era o que ele temia. Confessar a Tieng... não. Tieng estava muito longe e nada podia fazer; melhor que ignorasse. Para todos os lados que se voltava não encontrava o amparo que precisava. Só os servidores é que tinha ao seu redor. E a esses ele queria ocultar e desejava mesmo afastá-los todos. Só confiava em um. O velho Chan, seu leal criado desde os primeiros anos de casado. Tinha também o casal da casa de pedras, mas esses ele não podia afastar de lá, pois precisava deles para Li. Meditou muitos dias até que resolveu chamar o velho servidor, e a ele fazer a confissão urgente. Precisava de outra opinião e de um apoio para resolver o máximo problema de sua vida.

Esperou mais uns tempos, até que uma noite chamou o velho Chan para com ele conversar. Levou-o para o seu salão e fechou cuidadosamente as portas diante do velho criado, que não podia compreender a atitude de seu senhor. Depois sentou-se, tendo ao lado uma pequena cadeira. Chan, em pé junto a ele, esperava ouvir as suas ordens. Tung olhava com insistência para o velho criado, como procurando encontrar, no seu rosto rugoso e nos seus olhos baços, a confiança precisa para fazer a revelação difícil. Por fim, disse:

— Chan! Sente-se aqui junto a mim.

O velho obedeceu. Tung ficou calado, sem poder saber como iniciar a sua confissão. Reconhecia que esse momento era o mais terrível que tinha deparado na sua vida. Era,



realmente, o começo da subida do seu longo calvário.

— Chan, necessito do seu amparo.

— Como, meu senhor? — perguntou ele. — Em que posso eu, humilde e pobre, lhe servir?

— Quero a sua amizade para poder fazer a você, meu único amigo, a mais dolorosa das confissões.

Chan encarou resoluto Tung, pois há muito que ele desconfiava que o seu senhor estava escondendo um grande segredo, e às ocultas tinha procurado olhar com mais vagar para ele, e não podia compreender o que sentia, mas notava que ele não era o mesmo. Estava diferente, muito diferente. Quando Tung o chamou e o fez sentar-se perto dele, foi então que Chan, horrorizado, notou que seu senhor estava com as feições de um... não... não... não podia ser, pensou tremulo o criado. Mas, ao ouvi-lo pausadamente dizer que tinha uma confissão dolorosa a fazer, anteviu logo o que seria, porém, esperou que o senhor falasse.

— Chan!!! Estou leproso!!!

Essas poucas palavras custaram tanto para Tung poder pronunciar, que quando ouviu a sua própria voz dizendo — leproso — foi para ele, infeliz e desgraçado, um instante de alívio. Julgava que jamais poderia pronunciá-las, mas as pronunciou no seu luxuoso salão, tendo por única testemunha o velho criado e amigo. Parecia que, mesmo depois, ainda o eco de sua voz enchia o salão e ele ouvia nitidamente as mesmas palavras... leproso... leproso... leproso. Quando conseguiu dominar a forte emoção, fitou Chan e, comovido, viu que ele soluçava baixinho e que, aos poucos, foi erguendo a cabeça muito alva e, olhando para ele, disse:

— Meu senhor, em que posso servi-lo? Não o abandonarei, ficarei ao seu lado. Não tenho família e aqui há muitos anos vivo. Estou velho e nada tenho.

Tung olhou Chan e reconheceu a bondade e a dedicação do velho criado.

— Agradeço-lhe, meu bom amigo, e se o procurei para fazer esta confissão, é porque, tinha certeza, encontraria em você o amparo de que necessito. Quero dispensar os criados e ficar só com você, mas como poderei fazer?

Chan pensou um pouco para depois aconselhar:

— Pode, meu senhor, dissimular uma viagem e assim dispensá-los; quando voltar, podemos ficar sozinhos ou então ir para outra casa, mais afastada.

— Não quero deixar esta casa, onde sempre vivi.

Foi quando Chan lhe fez outra pergunta:

— E quando seu filho voltar?

Tung não respondeu logo, e o criado não o interrompeu. Depois de longo silêncio, ele disse:

— Chan, não posso saber como meu filho irá encarar o meu estado de saúde, porém, espero que ele saiba compreender bondosamente, e que tenha por mim muito afeto e profunda piedade. Não o perturbarei jamais, e ele pode livremente viver bem, afastado daqui, até que eu desapareça. Nesta casa, espero viver os meus últimos anos. Será o meu derradeiro reduto.

O velho Chan percorreu com o olhar o salão repleto de raros e preciosos ornamentos, de ricas e custosas telas, de antigos móveis e depois pousou o olhar no seu senhor, sentado na cadeira antiga, com a cabeça grisalha e as feições alteradas. Veio então ao humilde e inculto criado uma grande compaixão pelo seu rico senhor, e, mais uma vez, querendo testemunhar todo o seu apoio e amizade, tornou a refletir: “Meu senhor, fique certo de que eu não o abandonarei nunca”.

Quando Chan deixou o salão, Tung continuou sentado e voltou a pensar nas palavras do criado: “E quando seu filho voltar?”

Kle não queria ainda pensar na atitude que Kiang poderia tomar, porém, lembrou-se de quando ele, ainda muito criança, foi decisivo na sua resolução contra a própria mãe que o adorava... Recordou o rostinho transtornado dele quando ouvia a palavra: leprosa... E quando ele viesse a saber que seu pai era também um leproso, já estaria um homem na plenitude de seu desenvolvimento e assim, talvez, pudesse melhor agir, e tomar uma resolução mais humana e mais afetiva. Entretanto, Tung pouco confiava no filho, pois sabia que ele era egoísta, violento e ambicioso.

E, no turbilhão confuso dos seus pensamentos, ele não podia deixar de se lembrar de Li, agora tão perto... Uma vontade imensa apoderou-se dele, um desejo ardente de poder revê-la ou ter notícias exatas de como ela passava. Uma grande curiosidade de poder saber a marcha da moléstia, que primeiro a vitimou. Imaginava como Li devia estar transformada... Penalizava-se quando revia o seu rosto perfeito e belo, os olhos brilhantes, a tez pálida e o sorriso meigo, para depois pensar na destruição implacável causada pela terrível doença. Calculava toda a extensão do mal, vendo que ele em pouco tempo já estaria deformado e horrível... Pensava quanto ela devia ter sofrido, pois, sozinha, no oculto subterrâneo, na estreita pequenez do minúsculo aposento, sem ouvir sequer a voz amiga de uma só pessoa, pois conforme “ordem” sua, só a muda é que tinha permissão para, uma vez ao mês, descer até à sua prisão. Enquanto ele tinha os seus vastos e luxuosos salões, circundados das mais preciosas antiguidades, para o deleite dos seus olhos e para a divagação do seu espírito, ela nada possuía além da pequenina janela, que lhe proporcionava a ligeira visão de uma nesga do céu e um recorte minúsculo de uma volta do rio. Tung pendia a cabeça e, no âmago profundo do seu coração, reconhecia que tanto ele, como Kiang, eram indignos do perdão de Li. E também era justo o que ele estava sofrendo. Só agora é que, depois de conhecer profundamente o sofrimento, deu o verdadeiro valor ao que Li passava.

Recordou que numa das suas viagens, quando teve oportunidade de passar uns dias na lendária cidade de Atenas, pôde sentir e estudar mais de perto a doutrina ali pregada, há muitos anos, por um dos maiores vultos da Grécia e que agora ele, fazendo um ligeiro retrospecto, via que realmente algo de sublime existia no seus ensinamentos, quando perante os seus acérrimos inimigos vulgarizou destemerosamente a sua doutrina baseada na grande verdade de que: O bem e o efeito essencial para o esclarecimento da inteligência e da própria ciência”. Tung reconhecia que só com a prática do bem é que podemos ter uma consciência calma e uma diretriz perfeita nos nossos atos e julgamentos. Se ele concebesse realmente o valor da prática do bem, não teria enclausurado Li. Mas, naquela ocasião, ele não era bom, nem pensava na prática do bem, que nos aproxima e nos dá de Deus um ideal sublime. Nas suas longas horas de meditação, Tung procurava recordar tudo quanto tinha estudado nas doutrinas e nas várias religiões, assim como nas bases da Filosofia, numa ânsia incontida de encontrar em qualquer uma delas um lenitivo para o seu sofrimento e uma explicação para o mesmo. Tinha momentos de verdadeiro desespero e queria encontrar apoio seguro para poder, estoicamente, como fez Sócrates, o ilustre filósofo que ele tanto admirava, levar o seu corpo de veneno aos lábios e morrer corajosamente...

Mas ele não tinha ainda essa fé arraigada e forte, que o fizesse capaz de um gesto desses; ele ainda procurava e tentava encontrar essa convicção que o faria agora um herói forte e audaz. Tung precisava de uma te mais sincera, para sentir a verdadeira resignação. Lembrou-se que Li era inculta, que não tinha, como ele, nenhum conhecimento de dogmas nem princípios, mas que, entretanto, soubera corajosamente enfrentar a sua desdita sem uma

só palavra de revolta e sem um só gesto de desespero. Ela fora muito mais atingida do que ele, que até aquele instante não tinha recebido uma só demonstração de hostilidade e repulsa; pelo contrário, ao primeiro que confessou, o seu velho criado, encontrou nele o amigo leal, o companheiro fiel, que a tudo prometeu renunciar para ficar ao seu lado. E Li? Ninguém teve para ampará-la quando ele e Kiang a repudiaram. Mas ela os fitou como um desafio, tendo somente para guiá-la a luz viva da sua fé. Essa Fé magnífica de Li, que ele desejava possuir e não possuía, mesmo tentando sofregamente encontrá-la nas doutrinas pregadas pelos pensadores e filósofos que já passaram pelo mundo. A todos, ele, Tung, tinha recorrido em busca desse facho luminoso que sabia existir, mas não podia saber onde... Nos seus preciosos livros, percorrendo com ansiedade as suas páginas, ele passava os dias e até altas horas da noite em demorado estudo; mas de balde, não encontrava nada que pudesse explicar e suavizar sua desdita.

\*\*\*

Foi um claro despertar de uma linda manhã, cheia de luz e sol, quando a natureza soberba se engravatava das mais belas flores, no desabrochar da primavera, quando tudo sorria inundando do mais vivo entusiasmo, desde a passarada feliz e livre cantando nas árvores floridas até as sutis e leves borboletas, ébrias de luz e perfumes, pousando inebriadas nas corolas entreabertas, sugando o néctar precioso para depois, tontas, em voos rápidos, ganharem a ampuação íntima... Tung, sentado junto a janela, olhava extasiado toda essa grandiosa beleza, e erguendo depois os olhos cansados, procurava o céu... Foi quando, inesperadamente, o seu pensamento pousou no vulto até então esquecido dele: Jesus!... e mais uma vez recordou as suas viagens e lembrou-se quando, com um grupo alegre de companheiros, visitou Jerusalém, percorrendo os lugares santos, indo até à poética cidade de Belém... Reviu então Jesus... Lembrou-se que, quando forte e sadio, subiu alguns degraus do monte Calvário, onde foi crucificado Jesus, o meigo Messias anunciado pelos profetas. Como foi dolorosa a sua vida, quanto sofreu suportando os mais atrozes sofrimentos com uma admirável e santa resignação... Tung, desde aquele momento, não pôde mais esquecer a visão de Jesus. Procurou com avidez conhecer todos os pormenores do drama terrível que abalou o mundo inteiro e que até os seus dias trazia unida uma legião de adeptos da doutrina de amor e paz, ensinada pelo humilde filho de um carpinteiro nascido na mais extrema pobreza.

Tung empolgou-se por esse místico rabi e quis estudar de moradamente o que ele pregou. E assim passava os dias, uns após outros, isolado no seu aposento, tendo como único companheiro o velho criado, cercado dos seus livros, à procura do bálsamo ambicionado. Assim, desejava encontrar explicação para o seu destino.

Cada dia mais se avolumava a ânsia de saber algo sobre Li. Foi então que, não podendo mais suportar, chamou Chan e pediu para que ele fosse até à casa de pedras e trouxesse o criado, porque precisava resolver com ele um negócio urgente. No dia seguinte, muito cedo, Chan saiu num carro para cumprir as ordens recebidas. Antes, Tung chamou-o, e pediu também para que, cautelosamente, informasse ao criado do seu estado de saúde, não ocultando dele a terrível revelação, diminuindo para ele a confissão. Tinha também no seu criado da casa de pedras, confiança ilimitada. Sabia que ele guardaria o seu segredo assim como tinha guardado o de Li...

## **VII - TUNG E JESUS**

durante o longo tempo em que Tung esteve ausente, e mesmo depois que chegou, a

vida de Li bem pouco havia se modificado. Continuava feliz, no seu quartinho humilde e silencioso, tendo por única distração os pequeninos trabalhos de tapeçaria que ela lentamente executava, ou então, quando enfadada, procurava ver da janelinha o céu azul ou a volta do rio. Quando tinha oportunidade de ouvir os barqueiros era para ela uma grande alegria. Gostava também de ver o verde das árvores e sorria contente quando via desabrochar as flores, principalmente da árvore que ficava junto à janela e cujos ramos, mais atrevidos, invadiam as grades e pendiam para o quartinho. Muitas vezes conseguiu colher as flores que, milagrosamente, entreabriam no seu quartinho, e com elas enfeitar a pequena mesa que possuía. Mas, a sua maior felicidade era quando tinha presa nas suas mãos uma das avezitas, que costumava vir apanhar as migalhas que ela depositava cuidadosamente na janela. A primeira delas, que se chamava Mei-ling, já havia desaparecido há muitos anos, mas as suas sucessoras continuavam a ter a mesma amizade pela bondosa amiga, que tão paciente as esperava e as alimentava. Só muito tempo depois que Mei-ling morreu foi que Li, chorando a sua falta, se lembrou que tinha dado à avezita o mesmo nome de uma filha de uma antiga amiga — Nai Pei...

Li também tinha sido motivo de grande alegria e surpresa quando, um dia pela manhã, ouviu o ranger da chave na fechadura e logo mais apareceu na porta, toda aberta, a criada muda. Li, tomada de espanto, ficou muito tempo olhando para ela, sem saber o que fazia... Porém, refeita da surpresa, foi para perto dela e, sorrindo meigamente, procurou, por meio de gestos, saber qual o motivo da visita inesperada. Satisfeita, viu que ela compreendeu, assim como Li também compreendeu o que ela queria dizer: tinha vindo visitá-la e ficar um pouco com ela. Li agradeceu pondo a mão sobre o coração e depois tentou explicar que não podia para ela se sentar por causa de sua doença, sendo este o motivo de estar presa. Pelo olhar espantado dela, compreendeu que a muda duvidava das suas palavras, pois ela achava que Li estava muito bonita... Com dificuldade, Li perguntou quem a autorizara a visitá-la e a muda, imediatamente, respondeu com precisão que foi o senhor, mostrando o caminho para a cidade...

Com o decorrer do tempo e pelas assíduas visitas da muda, foi fácil Li entender tudo quanto ela queria dizer e, desde então, ansiosa, esperava as suas visitas. A muda demonstrou que não tinha medo da moléstia, tomando ela mesma o pequenino banco e sentando-se calmamente, para depois mostrar a Li o leito e pedir a ela que também se sentasse. Ficaram grandes amigas e Li, para ter certeza de que ela a compreendia, certa vez pediu que lhe trouxesse, na próxima visita, um trabalho de tapeçaria, pois nada mais tinha para fazer, mostrando que precisava de muitas linhas de cores variadas, principalmente verde e, para espanto seu, ela trouxe tudo exatamente como ela pedira. Não restou mais dúvida e, desde então, contou com a dedicação daquela criatura singular e bondosa. Nunca porém viu o criado e, perguntando a ela, teve a resposta: que o senhor não permitia que ele a visitasse. Li então nunca mais perguntou pelo criado, contentando-se com a visita e a amizade da muda.

Corria lentamente o tempo e na grande casa de pedras tudo continuava normalmente como Tung deixara organizado. Foi, pois, motivo de grande surpresa quando avistaram ao longe o carro que veloz se aproximava do grande portão. Tanto o criado como a muda correram pensando ser o senhor que voltava. Mas, ao depararem com Chan, maior ainda foi o espanto dos dois. Receberam o emissário de Tung com muita alegria e curiosidade, tendo o criado perguntado logo pelo senhor e quando tinha ele voltado. Chan respondeu tudo, dizendo em seguida que tinha uma ordem urgente de Tung para ele. Chan sentou-se ao lado do criado e, conforme Tung havia pedido, contou-lhe a desgraça que atingira o senhor, e como vivia isolado tendo somente ele por companheiro. O criado ouviu estarecido a notícia

terrível c pediu a Chan que lhe transmitisse que continuaria a servi-lo fielmente. Muito tempo ficaram os dois velhos criados conversando e penalizados com a desgraça que, tão rude, tinha atingido o senhor. Amedrontados, pensavam, quando Kiang voltar, como iria receber a notícia de que seu pai estava atacado da doença terrível que ele tanto temia. Chan tinha verdadeira compaixão de Tung, pois conhecia bem o jovem desde que nascera. Acompanhava o menino e via, contristado, quanto ele era orgulhoso e rebelde. Já bem tarde foi que Chan se despediu dos amigos e tomou o carro de volta para levar ao senhor a certeza de que breve o criado iria.

Tarde da noite chegou e assim mesmo encaminhou-se ao aposento de Tung que, acordado, ansiosamente esperava por ele.

Quando ouviu o barulho do carro, foi ao encontro do criado, e ao avistá-lo perguntou aflito:

— Chan, por que ele não veio? — c respirou aliviado quando soube que breve ele viria...

Fez Chan sentar-se ao seu lado c contar, pormenorizada-mente, tudo quanto conversara; porem, ele pouca coisa tinha para relatar. Chan saiu e Tung, mais uma vez arrependido, mediu toda a extensão da sua crueldade para com aquela que, agora, podia ser sua companheira inseparável, pois, atingidos do mesmo mal, encontrariam, juntos, forças bastante para, com coragem, enfrentarem a cruel realidade. Mas, ele mesmo, com o seu desmedido egoísmo, tinha subjugado, pelo excessivo amor ao filho, aquela que devia ter amparado com mais afeto e carinho.

\*\*\*

Corriam os dias na luxuosa residência de Tung. Quanto a Kiang, raramente recebia notícias, e foi com júbilo que recebeu, mandadas por ele, as duas telas feitas em Paris e na Itália. Ele mesmo quis abrir o grande caixão para ter a satisfação de rever o filho ausente. Emocionado, descobriu as telas e surgiu à sua frente o retrato fiel de Kiang, pintado pelos dois famosos artistas. Tung colocou os quadros no grande e principal salão, um perto do outro, junto à cadeira antiga. Passou muitos dias entregue à contemplação, num recordar constante dos últimos dias que conviveu com o filho e, sem poder se conter, sentia uma saudade atroz daqueles momentos inolvidáveis. Lembrou-se também de Mçi-ling e antevia a união de Kiang e dela, que viria alicerçar solidamente as duas velhas famílias, já presas por laços de longa e sincera amizade. Se não fosse essa terrível moléstia, pensava Tung, essa perspectiva o faria imensamente feliz... mas... ele não poderia jamais ver esses dois entes amados... teria de se contentar só com a lembrança fagueira, de poder recordá-los e desejar que fossem felizes...

Dias depois, Tung recebeu a visita do criado da casa de pedras que, atendendo ao seu chamado, vinha receber as ordens. Tung mandou-o vir para o grande salão e, fazendo com que ele se sentasse perto, começou a interrogá-lo. Pouco pôde saber, pois o criado limitou-se a contar o mesmo que tinha dito a Chan. Nunca mais viu a senhora, e só a muda é que descia para passar com ela ligeiros instantes. Enquanto Tung falava, o criado olhava o seu senhor e, penalizado, via quanto a doença já estava adiantada, e que muito breve ele estaria horripelantemente mutilado. Prometeu a Tung que procuraria interrogar sua mulher e ver se podia descobrir qualquer coisa sobre Li. Testemunhou ao seu senhor a sua fidelidade c que ele ficasse certo, que assim como Chan, não o abandonaria nunca. Tung, sensibilizado, agradeceu c pediu que ele providenciasse tudo o que Li manifestasse vontade.

E, assim, sem alterações, a vida continuava calma na silenciosa casa. Só a moléstia é que acelerava sua marcha na faina destruidora. Durante esses meses, Tung sentia que piorava

constantemente e chagas profundas se abriam em todo o corpo; nas mãos, os dedos foram rapidamente atingidos... Já não podia manter por muito tempo seguro um livro e foi preciso que Chan lhe fizesse um pequeno suporte para colocar os livros que desejava ler. Atingida também, violentamente, foi a vista e, estarrecido, constatou que breve não poderia mais ter a distração da leitura, pois mesmo com o auxílio das lentes não conseguia ter mais a nitidez precisa para as longas horas de estudo. Chan nada podia fazer, pois não sabia ler... Tung procurou, nesses últimos meses que ainda tinha vista, organizar melhor todos os seus livros e preciosidades, pois sabia perfeitamente que breve não poderia nada mais fazer, contentando-se somente em poder vislumbrar alguma luz, o suficiente para caminhar sem auxílio de Chan. Continuava a receber poucas notícias de Kiang e do mesmo modo retribuía-lhe, mandando pequeninas cartas e, em todas elas, nada dizia a respeito da moléstia que furiosamente desenvolvia os seus tentáculos, abrangendo-lhe todo o corpo e o transformando to-talmente. Tinha os pés cobertos de chagas, o rosto intumescido, os olhos quase sem luz e sem cílios, raras sobrancelhas, as orelhas compridas e alguns fios de cabelos brancos. Porém, o que foi mais atingido pela destruição da doença foram as mãos.

Um dia, quando Chan levou a primeira refeição, notou, ao entrar, que o seu senhor estava parado junto à janela, tentando atirar para bem longe qualquer coisa, e tão entretido estava que não se apercebeu da aproximação do criado; e este pôde, horrorizado, ver o que ele fazia... Do indicador da mão direita, pendia uma falange que ele tentava desagregar do último liame que ainda a prendia, mas, sem forças, baldado era tentar. Chan, bem perto, via o seu martírio e não pôde reter as lágrimas, queria falar e não podia, queria se afastar e também não tinha coragem de abandoná-lo, pois era o seu único amparo. Então, sentiu ainda mais compaixão, e afetuosamente pôs a mão sobre o seu ombro, chamando-o baixinho:

— Senhor, diga-me o que deseja!

Tung voltou-se e pediu:

— Chan, meu bom amigo, me ajude, de modo com que eu possa me desvencilhar disto.

E mostrou ao criado a falange dependurada, presa por tênue fio de epidrme.

Chan sentiu um calafrio percorrer todo o seu corpo, mas corajosamente foi à procura de uma faca para cortá-la. Tung o chamou e, mostrando perto da janela um rico móvel, mandou que ele abrisse uma das gavetas, ensinando-lhe o segredo, para depois retirar um cofrezinho, obra rara de arte, e de dentro trazer um minúsculo punhal, fino e cortante. O mesmo que, há anos, lhe fora o denunciador da verdade dolorosa, quando, caindo-lhe sobre o pé, não lhe causara a menor dor. Chan, com cuidado, tomou e, conforme ordem do senhor, cortou, de um só golpe, o primeiro pedaço do corpo de Tung. Ao cair a falange sobre o precioso tapete que cobria o salão, deixou gravada uma nódoa de sangue difícil de ser retirada. Tung ficou muito tempo olhando a pequena falange apodrecida caída junto aos seus pés, também cobertos de horríveis chagas. O mesmo fazia Chan, até que, vagarosamente, deixou o salão para voltar logo depois e retirar a minúscula falange, sendo observado pelo seu senhor que, ainda de pé, olhava fixamente o pedaço do seu próprio corpo.

Quando Chan saiu, fechando a porta, Tung, exausto, sentou-se e viu surgir à sua frente a visão de Jesus, subindo o calvário, levando o pesado madeiro. Sentiu alívio ao lembrar-se do meigo rabi e, conformado com o exemplo edificante que Ele deixou aos homens, sorriu como que enfrentando acintosamente o sofrimento, e pudesse, desse modo, receber mais tarde a recompensa prometida pelo Senhor, quando esclareceu que o seu reino não era deste mundo e que só os bons e resignados terão no reino de seu Pai a glória de repousarem felizes.

“Assim espero subir o meu calvário e, talvez, possa mesmo receber galhardamente a recompensa prometida aos resignados e arrependidos.” — pensou seriamente.

Nesse momento teve vontade de escrever e procurou um pedaço de papel, com grande dificuldade, quase não enxergando mais, e com a mão direita mutilada ainda conseguiu deixar transbordar a sua grande dor, escrevendo lentamente este pequenino poema que dedicou ao seu filho Kiang:

Sofrer...

Pela última vez que escrevo, dedico ao meu filho Kiang esta recordação.

Tung Fú

I

*Sorri da vida o néctar precioso...*

*Em taça de cristal toda dourada,*

*E como um vagabundo preguiçoso*

*Nesta ilusão da vida, [re pousada.*

II

*Caminhei triunfante e bem feliez... Conheci mistérios do amor...*

*E como louco sonhador eu quis Esquecer, no pratcer, a própria dor...*

*Certo dia parei e, meditando,*

*Triste e desiludido, procurei*

*Reconhecer da minha vida o erro; e andando*

*Em outras terras, disse-me que pequei.*

IV

*Compenetrado, então, busquei o Céu;*

*Na face do Senhor vi alegria Do meu coração aflito se doeu,*

*E de lu% suavizou minha agonia.*

Timg.

Nesse momento pensou em Li, e rapidamente lembrou-se de quando ela cantava baixinho, e recordou-se de um dia em que a ouviu cantando uma canção desconhecida, e, ao interrogá-la, soube que era dela a inspiração. Milagrosamente lembrou-se e, num esforço inaudito, escreveu também para Kiang:

*Felicidade é sonho... é quimera... Nas alegrias suaves do amor... Esperança que um dia nos espera, Já libertos dos acintes da dor...*

Li Fú.

Quando escreveu o nome de Li, exausto, deixou cair o papel que foi cobrir a nódoa de sangue deixada pela falange quando se despreendeu do seu dedo...

Assim, sempre pior, iam correndo para Tung os dias. Chan, bem velhinho, mal podia zelar a grande casa apesar de Tung, há muito tempo, ter isolado e fechado completamente uma ala, pois nela guardara as mais ricas peças do mobiliário, assim como várias coleções de porcelana e miniaturas, toda a galeria de quadros, deixando somente os dois retratos recentes de Kiang e a tapeçaria feita por Li. A rica coleção de livros fora, também, recentemente, transportada para o outro lado da casa. Limitava-se agora ao salão, o seu aposento e perto o quarto de Chan. Mandara que o criado levasse o móvel que pertencera sempre à sua família, retirando porém o pequenino punhal. Guardou com cuidado as joias num artístico cofre e nele escreveu: “Para Mei-ling Pei esta recordação de Tung Fú.” Estava, portanto, tudo organizado e ele, com sublime resignação, esperava tranquilo o fim...

Restava-lhe somente uma esperança: era ainda poder ver Kiang, no anseio de encontrar no filho toda dedicação e afeto que lhe era dado esperar. Queria também obter o

perdão de Li, mas não podia mais escrever e não queria que ela visse o seu estado lastimável, bastava o quanto já vinha sofrendo com o seu infortúnio. Mas... Kiang... ele, num derradeiro lampejo de esperança, ainda guardava o desejo de revê-lo, mesmo de longe... Muitas vezes pensou escrever contando tudo, mas lhe faltava, no momento, a coragem precisa e deixava então que o tempo passasse. Mandou diversas vezes Chan até à casa de pedras saber notícias de lá, assim como queria agora ver sempre o criado, pois era a única pessoa que sabia que ela vivia ainda isolada, na casa distante. Como fez com Li, dizendo que ela havia falecido longe, assim também fez constar que iria empreender uma longa viagem e que, talvez, não voltasse mais para Cantão. Dispensou os criados, fechou a grande casa e passou a viver oculto, só, com Chan. Os anos foram passando e aos poucos foram também esquecendo-se dele. Li, “falecida” há muitos anos, Kiang estudando no estrangeiro e ele viajando, deu ensejo a que os habitantes da cidade o esquecessem por completo. Julgavam que Chan era simplesmente zelador da rica residência e que estivesse à espera de que um dia Tung Fú se lembrasse da sua cidade e viesse revê-la. Assim, quase não olhavam para o velho criado, que se limitava a sair pouco. O criado da casa de pedras, quando vinha, procurava chegar sempre à noite para evitar comentários.

\*\*\*

O mesmo acontecia com Li. Continuava a viver calmamente no subterrâneo, agora constantemente visitada pela muda, conforme autorização de Tung. Quanto à molésda, estava estacionada; poucos vesugios ela lhe imprimia, principalmente no rosto que continuava bonito e expressivo. Quem a visse não podia, de relance, julgá-la doente; só mesmo com um exame minucioso é que se podia ver algo de estranho, como ligeiras manchas nos braços, os dedos curvos e ressequidos. No lindo e lustroso cabelo negro, alguns fios brancos apareciam, dando ainda maior realce à beleza dos mesmos, e Li, num requinte de faceirice, nunca deixou de penteá-los com cuidado e de enfeitá-lo com flores, agora trazidas com capricho pela dedicada amiga. Trazia o quartinho escrupulosamente asseado, e na rúsdea mesinha tinha sempre um vaso com flores. Quando a árvore vizinha da janela se cobria de flores, ela subia no banquinho e com paciência entrelaçava os ramos pesados e floridos na grade da janela, de modo que ficasse como uma cortina alegrando e perfumando o aposento. Pela manhã, então, era encantadora a janelinha florida e as avezitas, de cabecinhas baixas, comendo as migalhas gostosas, para depois, todas juntas, nos ramos verdes, entoarem os maviosos gorjeios que deleitavam a alma romântica e sonhadora de Li. Nas paredes velhas pendiam os trabalhos perfeitos que ela vinha executando com vagar durante os longos anos de cativo. Sentada, ficava olhando as suas tapeçarias sem molduras, apenas esticadas na velha parede encardida pelo tempo, fazendo entretanto que elas sobressaíssem muito devido às tonalidades claras e vivas das mesmas. Para Li era motivo de imensa alegria quando a muda ficava parada em frente aos trabalhos e, depois, sorrindo e com gestos expressivos “dizia” que eram lindos... e vinha tomar as mãos de Li, acariciando-as de moradamente. Não saüsfcita de vir agora diariamente passar horas com a sua querida amiga, passou também a vir nas noites de luar. Juntas ficavam em pé no banquinho perto da janela mirando a Lua prateada e muito redonda, solta na amplidão do Infinito. Na volta do rio, que também se descortinava, viam os reflexos da Lua nas águas que, tranquilas, deslizavam.

Numa dessas maravilhosas noites, quando enlevadas contemplavam o espetáculo magnífico, Li ouviu, muito ao longe, chegando quase indistinta até ela, a canção triste dos barqueiros. A muda nada ouvia, mas pelo gesto da senhora compreendeu que ela ouvia. Ficou imóvel e viu quando os barqueiros passaram; Li desceu do banquinho, indo assentar-se no leito, chorando baixinho. Ela aproximou-se e, ansiosa, queria saber o que a unha magoado



tanto, fazendo-a chorar. Li explicou que se lembrou do filhinho ainda pequeno no seus braços, quando cantava para adormecê-lo... A criada abaixou a cabeça já encanecida e chorou com ela. Em tudo compartilhava com Li intimamente.

A muda notou que existia alguma coisa que seu marido ocultava, pois desde que Chan veio visitá-los ela teve permissão para descer quando quisesse ver a senhora c, que seu marido agora ia sempre à cidade. Tentou perguntar, mas ele não quis dizer nada... Perguntou pelo senhor c ele também nada explicou, mas no seu cérebro pairava uma grande dúvida. Quando foi ver Li, disse que o marido não estava, que tinha ido à casa do senhor e com gestos mostrava o caminho, e com os dedos tentava explicar que ele ia muitas vezes. Apreensiva ficou Li, pois há muitos anos que estava prisioneira e só uma ocasião viu Tung, quando este veio despedir-se e pardeipar que ia levar Kiang ao estrangeiro para estudar. Nada mais soube e agora a muda lhe fazia reviver a curiosidade de saber se ele tinha voltado. Nessa noite não pôde conciliar o sono, passando todas as horas acordada, com o pensamento fixo no filho e no esposo. Tendo vivido esses longos anos recalçando todas as suas emoções, não podia deixar de sentir uma vontade imensa de saber como estava o filho que deixou tão criança. Sentia, sem poder dominar nessa noite, uma saudade infinda dele. Via-o um belo e forte mancebo, instruído e talvez, quem sabe, já tendo escolhido a sua companheira... Quem seria ela?

## **VIII - KIANG E A FAMÍLIA DE TIENG PEI**

Durante esses anos em que Kiang estudou em Paris, desfrutou de uma liberdade absoluta, possuindo tudo quanto desejava, frequentando a mais distinta sociedade, dado o seu nome ilustre e a fama de possuidor de grande fortuna. Logo que Tung o deixou, procurou os amigos e, em companhia deles, iniciou a sua vida mundana. Com verdadeira sofreguidão quis conhecer tudo, desde os meios mais selecionados até a baixa vida dos *Bas-fonds*.

Estudava bastante, queria ser instruído e no Instituto era considerado um dos melhores alunos. Tinha pelos idiomas verdadeiro anseio de conhecê-los profundamente e com rara facilidade os aprendia. Assim é que, em poucos meses, já falava corretamente o francês, tendo iniciado, com um professor conhecedor de inúmeros idiomas, o italiano, que ele achava necessário iniciar logo, pois pretendia voltar breve à Itália para percorrê-la demoradamente. Passava todo o dia entregue aos estudos, mas a noite reservava para os passeios e conquistas. Sendo um admirador apaixonado do belo, não podia deixar de se entusiasmar quando deparava com uma formosa dama, ou uma adolescente graciosa. Teve logo oportunidade de manter intimidade com muitas mulheres belas, que conhecera, apresentadas pelos amigos nas reuniões elegantes, sem, todavia, esquecer Mci-ling, a sua predileta.

Kiang, depois da partida do pai, continuou a frequentar assiduamente a casa de Tieng Pei, encontrando nos velhos e sinceros amigos de Tung todo o afeto e carinho. Na casa acolhedora de Nai, encontrou um lar bondoso para ele. Todas as vezes que ia visitá-los, era recebido com as mais carinhosas demonstrações de amizade pelos dois amigos, que o cumulavam de atenções, procurando, deste modo, substituir Tung, pois este, antes de deixar Paris, procurou Tieng para, confidencialmente, entregar o filho, certo de que ele tudo faria para protegê-lo. Deu também ao amigo ampla liberdade de proporcionar ao filho tudo quanto ele pedisse, abrindo para Kiang um crédito ilimitado. Tieng agradeceu a confiança que ele lhe testemunhava ao entregar o seu único filho e prometeu que, sem que ele notasse, vigiaria constantemente os seus passos, assim como teria o máximo cuidado de sondar suas amizades,

e, quando necessário, o chamaria para aconselhar, como se fosse seu próprio filho. Tung, emocionado, olhou o velho amigo e, quase num momento de fraqueza, teve vontade de confessar-lhe todo o drama de sua vida, porém, num ligeiro instante de reflexão, ainda teve o controle preciso para reprimir o impulso forte que teve de contar a Tieng tudo quanto tinha praticado e tudo quanto sofria...

Depois pediu a Tieng para chamar a esposa e a ela fez também o mesmo pedido. Nai, mais positiva que o marido, foi logo se expressando com franqueza e sinceridade:

— Tung, você deve lembrar claramente quanto fui amiga de Li. Vi Kiang nascer e acompanhei Li em todos os momentos alegres ou difíceis, até o dia em que deixei Cantão para não vê-la nunca mais. Não posso deixar de sentir um certo ressentimento por não ter você me avisado de sua morte; enfim, tudo já passou e estou conformada, passando a ter por Kiang, agora, um afeto maternal. Pode voltar tranquilo, que ele terá no meu lar, aqui em Paris, a continuação do seu em Cantão. Procurarei ser para ele a sua segunda mãe.

Tung, sensivelmente comovido, agradeceu a Nai...

E assim, Kiang vinha encontrando nos amigos de seus pais, afeto e dedicação sincera. Quanto a Mei-ling, não restava mais o menor sinal de dúvida, o jovem tinha, no primeiro momento, se assenhoreado do seu incauto coraçãozinho. Com ansiedade esperava as visitas dele e, quando demorava, não podia ocultar o receio que invadia sua alma. Tanto Tieng como Nai estavam certos de que um elo muito forte unia a única filha ao filho único do grande amigo. Não podiam deixar encoberto quanto isso os alegrava, pois Kiang seria uma magnífica aliança para Mei-ling. Sempre temeram que ela fosse procurar um jovem francês para se unir, o que seria para eles um grande abalo. Continuavam, depois de longos anos de permanência na França, sendo os mesmos chineses e cultuando as mesmas tradições da sua pátria querida. Queriam que Mei-ling encontrasse para esposo um chinês. Foi com imensa satisfação que constataram a existência, entre Kiang e Mei-ling, de um laço de amor. Não poderia ela ter encontrado outro jovem chinês que concretizasse todas as qualidades de Kiang. Era a própria Nai que, confidencialmente, comentava com o esposo:

— Kiang reúne tudo, mocidade, distinção, inteligência, fortuna e fidalguia...

Tieng, sempre compassivo para com a esposa, sorria concordando com ela:

— Ainda temos muito que esperar — dizia ele. — Kiang precisa terminar o curso iniciado, depois irá viajar conforme tanto deseja, e só depois, talvez, venha buscar a nossa Mei-ling...

— Sim — respondia Nai —, eu também desejo que ele demore o mais possível, pois só assim poderemos ter a nossa filha mais alguns anos para alegrar a nossa vida e a nossa casa. Kiang, com certeza, há de querer volver à China, onde seu pai tem grandes e importantes fontes de renda, e propriedades valiosíssimas...

Conversavam, uma noite, os dois, quando, inesperadamente, apareceu Kiang que, ao entrar, foi logo abraçando Nai e Tieng, e chamando alto Mei-ling.

— Vim buscá-los para irem ver, antes que envie a meu pai, as telas que acabei de receber. Quero a opinião de todos. Vamos depressa, vamos, Mei-ling...

Juntos os quatro saíram, momentos depois, pelas ruas movimentadas de Paris até à residência do moço, ansiosos para verem as duas preciosas telas. Foi com uma exclamação de grande admiração que depararam com os dois retratos de Kiang, em frente um do outro, sobre suportes apropriados de grande tamanho, circundados por rica moldura de inestimável valor, esculpida à mão, sobressaindo nitidamente em cores combinadas, numa demonstração exuberante do talento genial dos pintores. Kiang, vestido em trajes típicos de rico fidalgo chinês, desde os sapatos de brilhante cetim negro, modelando os pés pousados num pequeno

recorte de antiga tapeçaria persa, até às peças do rico traje, com um amplo calção, também de fulgurante cetim negro, caindo negligentemente até às bordas do sapato, e a comprida blusa do alvo tecido, bordado em relevos dourados, com uma larga faixa terminada com delicada franja de finos cordõezinhos, também dourados. Na cabeça, um pequeno gorro de cetim preto. Mas, para dar maior realce às cores sóbrias do traje, o renomado artista procurou um fundo roxo-escuro que, subindo, terminava no mais perfeito e difícil rosa-antigo. Só mesmo quem tivesse visto essa tela feita pelo pintor italiano poderia constatar a magnitude e a maravilhosa beleza imprimida pelo pincel do grande gênio. Então, no rosto do rapaz é que se podia admirar a força do talento do artista. E, realmente, Kiang era um raro tipo de homem.

Nos seus traços fortes, no olhar arrogante, na boca sensual, no sorriso irônico, deixava pairar uma personalidade inconfundível.

Quando posou para o artista italiano, a pedido de seu pai, estava na idade esplendorosa da vitalidade marcante em que o homem desafia, impávido, o mundo. Sedento de emoções, sentindo no sangue o calor crépitante da vida que, em borbotões, qual corrente de caudaloso rio, se desprende violentamente no abismo escuro, mas na queda deixa refulgir, num instante rápido, a brancura espumosa das suas águas. Assim, Kiang sentia no seu corpo o crepitar imperioso da seiva viva que, em alucinante impulso, está próxima a se desprender em convulsões incontidas, levando-o aos píncaros das emoções em que o homem sente toda a força do seu Ser, e quer, sôfrego, sugar impaciente todo o conteúdo da dádiva preciosa da natureza. Reconhecendo que essa fase do homem era a que mais o tornara singular foi que Tung, observador arguto, quis eternizar o seu filho numa tela preciosa que, mesmo com o decorrer impietoso do tempo, haveria de sobreviver bela e magnífica na eternidade das cores. E quando o seu único filho, já no ocaso da vida, na última fase em que o homem vê contristado a ruína dos seus anseios e os escombros dos seus castelos, terá então, para alegria de sua recordação do passado longínquo, a satisfação de poder rever na oferta dessas telas o que ele foi... e poderá, só nesse momento, agradecer a lembrança de seu pai e talvez, num vislumbre de saudade, possa murmurar bem baixinho para que só ele ouvisse estas palavras: “Grato, meu pai, pela oferta que agora posso realmente apreciar.”

Tieng, Nai-ling, Mei-ling e Kiang analisavam meticolosamente as telas não podendo, na apreciação, dizer qual a mais perfeita.

Os trajes de ambos eram idênticos, só diferenciados no tuncio, em que os pintores divergiram escolhendo matizes opostos, de acordo com a escola de cada um, porém magníficos os dois.

A primeira que deixou de contemplar as telas foi Mei-ling. Silenciosa, foi sentar-se numa cadeira junto à janela, e pelo vidro olhava indiferente a rua... Tão entusiasmados estavam os três que não se aperceberam de que a moça os tinha há muito deixado. Quando Kiang deu uma grande gargalhada foi que Mei-ling despertou do seu devaneio e voltou a olhar com insistência o eleito do seu ingênuo coração. Durante os longos meses que tinha convivido com Kiang, na intimidade do seu lar, notou com tristeza que ele nem uma só vez falou sobre Li, falecida tão moça e tão bela. Mesmo do pai, tão bondoso e tão amigo, ele raramente se lembrava, e quando ela tentava interrogá-lo via que no seu rosto apareciam rugas denunciadoras de contrariedade. Mei-ling, filha carinhosa, que tinha por seus pais muito amor e ternura, não podia deixar de sentir uma certa repulsa pelo indiferentismo do jovem. Muitas vezes conversou com Nai pedindo que ela lhe contasse tudo quanto sabia a respeito de Li. E Nai, comovida, contava à filha quanto Li era bela e bondosa. Descreveu minuciosamente a grande e luxuosa casa nas margens do rio Cantão. Conheceu Li quando ela era ainda uma juvenzinha no desabrochar da vida. Uniu-se a Tung, já seu noivo desde a

infância. Li, nessa fase da vida, era na realidade um tipo perfeito de beleza, raramente encontrado.

- Até hoje nunca cheguei a compreender como Tung, tão culto e viajado, tão apreciador da beleza e das artes, não tivesse dado a Li oportunidade de conhecer centros mais elevados do que o estreito círculo da velha cidade onde sempre residiram. Kiang nasceu muitos anos depois de casados e fui testemunha da alegria de quando teve certeza que ia ter um filho, há tanto tempo sonhado. Notei, porém, que ela, há muito, encobria uma grande preocupação e mais de uma vez tentei saber qual o motivo da sua tristeza. Ela, sorrindo, me dizia: “Nada!...”, mas eu via, estampados no seu rosto lindo, os sinais evidentes de uma luta íntima... Quando Kiang nasceu, apesar do grande júbilo... Li continuou triste... e nunca mais tornou ser a mesma, procurando se afastar de todos, vivendo quase que exclusivamente para o filhinho. Quando deixamos Cantão, fui despedir-me e, chorando, ela me disse: “— Adeus, Nai querida, nunca mais a verei...” Tung pouco nos escrevia e nem mesmo para comunicar a morte de Li, o que me magoou muito.

Mei-ling ouvia calada tudo quanto Nai contava sobre sua amiga e cada vez mais sentia por ela uma grande e sincera admiração.

Passados muitos dias depois que Kiang veio buscá-los para verem as telas, antes de enviá-las à China, foi que, uma tarde, quando Mei-ling, sozinha no grande jardim, apreciava um grande canteiro florido, Kiang, elegante e alegre, transpôs o portão e foi chamando alto:

— Mei-ling! Mei-ling!

Ela se voltou assustada e deparou com Kiang, à sua frente, com as mãos estendidas para ela. Encaminharam-se para um banco... Mei-ling notou que algo de extraordinário o trazia ali naquela tarde. Só depois de ter olhado muito para Mei-ling foi que ele falou:

— Vim até aqui para lhe participar que resolvi aceitar o convite de uns amigos para uma excursão a vários países, e como agora estou livre do Instituto por uns meses, quero aproveitar para iniciar as minhas tão sonhadas viagens.

A moça olhou demoraclamente para Kiang, sem dizer uma só palavra, e ele então, muito delicado, tomou as suas mãos e com afeto perguntou:

— Por que, Mei-ling, ficou triste, quando eu estou tão contente de poder satisfazer os meus sonhos? Irei agora só, mas depois iremos juntos percorrer os mesmos lugares; prometo isso a você, Mei-ling. Irá comigo viajar muito.

Ela tornou a olhar para Kiang e com um sorriso delicado agradeceu dizendo:

— Só um lugar desejo conhecer... Cantão...

— Por que deseja tanto conhecer uma cidade tão antiga e feia?

— Sim, pode ser feia, mas é a minha terra natal; quero e hei de conhecer essa cidade que adoro.

Kiang se transformou; no seu rosto de traços fortes surgiram as rugas denunciadoras de contrariedade. Mas, fitando o lindo semblante da jovem, tudo esqueceu, e, tomando outra vez as suas mãos finas e com dedos longos, delicadamente prometeu que a levaria para conhecer Cantão... Continuaram conversando, alegres... A tarde, maravilhosamente bela, aos poucos foi-se esmaecendo no horizonte rubro, e o Sol pausadamente desapareceu, deixando atrás um rastilho de luz forte que lentamente foi sumindo... Foi quando Kiang, olhando a noite que surgia, disse:

— Mei-ling, e tarde, e quero participar a Nai e a Ticng a minha próxima viagem.

Levantaram-se de mãos dadas e se encaminharam para a casa. Entraram devagar para surpreenderem Nai e Tieng sentados juntos à janela aberta, contemplando também o pôr maravilhoso do Sol. Voltaram-se ligeiros quando ouviram a voz de Kiang e alegres viram os

dois jovens, de mãos dadas, parados cm frente deles. Não podiam deixar de reconhecer que Mei-ling e Kiang formavam um belíssimo par e anteviam, breve, o enlace feliz. Kiang abraçou Nai e, contente, participou sua próxima viagem cm companhia de alguns amigos. Mei-ling, triste, ao lado, olhou Kiang, radiante de felicidade, por satisfazer mais esse capricho seu. Tieng convidou-o para sentar-se ao seu lado e bondosamente perguntou:

— Já participou ao seu pai essa viagem?

Kiang olhou rápido para Tieng, não encobrimdo a contrariedade que esta pergunta lhe causou.

— Não— respondeu.— Acho mesmo que é desnecessário pedir autorização para fazer o que desejo.

— Sim — disse Tieng —, mas é justo e devia ter ao menos avisado que vai partir para uma longa viagem.

— Depois mandarei dizer— respondeu desdenhosamente.

Nai e Mei-ling, sentadas perto, assistiram ao incidente havido entre Tieng e Kiang, mas nada disseram para evitarem novas contrariedades. Foi Tieng que, passados alguns instantes, disse:

— Kiang, surpreendeu-me o silêncio de Tung; penso que algo de anormal está se passando com ele. Notei quando, há tempos, veio deixá-lo, que ele ocultava uma grande contrariedade, e depois que partiu tentei diversas vezes, por meio de cartas, fazê-lo dizer

por que não vinha passar alguns meses aqui. Não compreendia como, sozinho, podia viver cm Cantão, naquela casa tão grande e tão cheia de recordações dolorosas. Porém, ele não respondeu às minhas cartas. Tenho pensado sempre nele e me preocupa muito. Por que não tenta fazer com que ele venha para junto de nós? Tung já está envelhecido e, depois que perdeu Li e que você veio estudar longe, não devia ficar sozinho. Tem sólida fortuna e um único filho.

Kiang, de rosto contraído, ouviu Tieng. Depois disse, com voz áspera, denotando que estava seriamente aborrecido:

— Tieng, meu pai sabe o que faz e o que deseja, por isso não insisto para que ele deixe Cantão e venha residir aqui. Tenho certeza de que ele se sente satisfeito na sua velha cidade e na sua casa grande, nas margens do rio que ele adora. Quando sentir vontade de vir, sim, eu o receberei com alegria, mas pedir, não farei isso — e levantou-se bruscamente, despedindo-se e saindo cm companhia de Mei-ling.

A tarde findava lentamente, o ccu muito escuro encobria toda a cidade; nessa hora, em que todos voltavam apressados para o seus lares, era intenso o movimento. Os jovens, parados silenciosos junto ao grande portão, olhavam os transeuntes. Via-se no rosto de Kiang que ele estava irritado, e no semblante meigo e puro de Mei-ling se descobriam os vestígios claros de urna grande tristeza. Seria porque seu amado ia ficar ausente por longos dias? Foi essa a pergunta aflita de Kiang, quando demorou o olhar no rosto de Mei-ling. Tomou as suas pequeninas e macias mãos, apertando-as fortemente entre as suas, e perguntou:

- Diga-me... o que a preocupa?

Mei-ling sorriu meigamente para ele e nos seus olhos belos e brilhantes havia uma sombra de preocupação, porem disse timidamente:

— Nada...

E Kiang scndu que era inútil tentar fazer com que ela dissesse o que sentia. Muito tempo ainda ficaram conversando, até que ele se despediu, deixando Mei-ling junto ao portão. Imóvel, ficou até que o perdeu de vista, porém não saiu de onde estava. Olhos muito abertos, contemplava a multidão que, apressada, cruzava em sentido contrário. Pensou

naqueles seres desconhecidos e meditou:

— Quantos dramas não escondem eles. Quantas tragédias ocultas... Quantos crimes não terão praticado e impunes gozam de ampla liberdade...

Imediatamente surgiu, no seu pensamento, Tung, distante, abandonado na casa grande e silenciosa... Tentou vislumbrar a silhueta desconhecida de Li, por quem cultivava uma grande veneração. Não sabia explicar por que, mesmo sem conhecê-la, tinha por ela um tão estranho afeto. Desde o momento em que soube que ela não mais existia, estranhou a atitude de Kiang, que, durante todo esse tempo em que convivia com ele, jamais pronunciou espontaneamente o seu nome... Por quê? E o silêncio de Tung? Qual seria o motivo? - meditou. Tinha certeza que algo de extraordinário existia entre Tung, Kiang e Li. A noite tinha descido completamente e no céu apareciam as primeiras estrelas... mas Mei-ling continuava recostada no portão entregue aos seus confusos pensamentos. Depois, exausta, saiu em direção do jardim, indo procurar o mesmo banco em que costumava ficar sentada com Kiang. Era um comprido e antigo banco, encostado a uma velha e frondosa árvore, cuja copa verde dava uma sombra agradável, e nas noites claras e estreladas era poético esse lugar, pois os raios prateados da Lua, infiltrando--se nos galhos, vinham refletir-se na areia branca. Mei-ling adorava esse recanto, quer nas manhãs frescas ou nas noites enluaradas...

Quando estava preocupada ou triste, vinha correndo sentar--se no velho banco debaixo da árvore amiga. Quando menina, ali brincava entretida, fazendo as suas minúsculas casinhas para depois, alegre, sentar-se vitoriosa defronte ao seu grande trabalho; então ia buscar Nai, para que visse a sua habilidade, e orgulhosa recebesse os elogios... Radiante ficava quando Nai a tomava nos braços, beijando-a carinhosamente, e fazendo depois com que ela se sentasse ao seu lado para juntas conversarem. Foi ainda debaixo dessa árvore que ouviu pela primeira vez as palavras de amor, pronunciadas com doçura por Kiang... foi ali que a sua alma pura e singela despertou, emocionada, para os prenúncios da vida... Re-costada no velho tronco da árvore amiga, ouviu extasiada e feliz o juramento de Kiang, apaixonado, prometendo a ela um “mundo” de felicidade... Quando Kiang vinha visitá-la procuravam logo esse banco, pois afastados de todos podiam conversar despreocupados... Agora sozinha, Mei-ling estava com a cabeça junto ao tronco áspero e rugoso, deixando que o seu pensamento corresse celer e fosse pairar distante na sua pátria desconhecida e querida. Recordando tudo quanto Nai e Kiang vinham lhe contando, podia perfeitamente fazer ideia da beleza e do encanto da cidade em que havia nascido. Via o caudaloso rio deslizando mansamente, cheio de embarcações rústicas, levando grandes carregamentos, via a cidade típica, com as suas construções exóticas, porém interessantes e belas... e por último aparecia a grande casa do riquíssimo Tung Fú... Mei-ling tinha ouvido tantas e tantas vezes Nai descrever essa casa que parecia que ela a conhecia realmente... Via o luxuoso salão repleto de raridades preciosas, colecionadas com capricho por Tung... via o vulto gracioso de Li, percorrendo o salão para depois sentar-se com um lindo menino ao lado. Nai lhe contou que Li tinha uma voz maviosa e cantava delicadas canções, embalando Kiang pequenino... Tão despreocupada estava que não viu quando Nai desceu para o jardim e sentou-se ao seu lado. Mei-ling estava de olhos fechados e sua mãe não a despertou. Quando abriu os olhos e encontrou Nai, sorriu delicada, e abraçando-a começou a soluçar... Nai, surpresa e aflita, insistia em saber o que estava acontecendo, mas Mei-ling não podia articular uma só palavra, soluçando convulsivamente... foi preciso que Nai tomasse as suas mãos frias e as colocasse junto ao seu coração, perguntando outra vez o que a fazia sofrer... Mei-ling olhou para o rosto de sua mãe, bem perto do seu e respondeu, finalmente:

— Não sei explicar por que, desde que conheci Kiang, venho sentindo essa estranha

sensação... saudades de minha pátria desconhecida... uma recordação insistente de Li, que também não conheci... e quando Kiang está ao meu lado parece-me que ele tem um mistério qualquer que oculta. Já observei que quando insisto em falar em Li, ele se transforma imediatamente e no seu rosto aparecem rugas profundas, denunciadoras de uma ligeira cólera... Tenho certeza de que algo doloroso ele tem fechado no coração. Sinto também que ele é pouco amigo de Tung e não tem por seu velho pai as atenções que deveria ter. Desde que ele partiu para a China, nunca mais procurou manter uma correspondência amiga, suavizando assim um pouco a vida solitária de Tung. O silêncio de Tung me faz ainda mais apreensiva.

Tudo isso Mei-ling dizia apressadamente, não dando ensejo a que Nai a interrompesse uma só vez. Depois ficou silenciosa, de cabeça baixa, soluçando... Nai deixou que ela chorasse livremente... Só quando, passados alguns momentos, a jovem ergueu o lindo rosto, ainda úmido de lágrimas, foi que Nai falou:

— Sinto a mesma sensação quando olho para Kiang. E Tung, quando aqui estive, estava completamente mudado... Ele encobria uma grande melancolia... Quanto a Li, sempre estranhei o procedimento dele, ocultando-nos o seu prematuro falecimento. Mas tudo isso não é motivo para que você esteja constantemente preocupada. Se não lhe agrada a convivência de Kiang, nos é fácil afastar.

Mei-ling imediatamente respondeu com voz alterada:

— Não... não... eu gosto muito dele e tenho esperança de poder, em sua companhia, conhecer a minha pátria querida, e então terei oportunidade de saber como Li morreu...

Nai continuou olhando para a filha, sentada ao seu lado no rústico banco. A tarde estava finda e no céu muito escuro despontavam as primeiras estrelas... Uma agradável viração balouçava a frondosa árvore... e das múltiplas e variadas flores vinha um sutil perfume que inebriava todo o ambiente. Ao longe, destacava-se a grande casa iluminada... Sentadas bem juntas, de mãos entrelaçadas, estavam as duas olhando o belo jardim, quando divisaram numa janela o vulto de Tieng, procurando descobrir onde elas estavam.

— Vamos, minha filha, é tarde e seu pai nos espera...

Levantaram-se e, ainda de mãos dadas, encaminharam-se devagar para a casa...

Kiang, em companhia de alguns amigos, conforme tinha planejado, iniciou a longa viagem através de vários países. Eram todos ricos e alguns nobres, ansiosos de conhecer tudo e de tudo observar. Kiang era o mais jovem e o único chinês. Já falava corretamente o francês e era de uma distinção perfeita. Todos o admiravam muito, não só pela sua fama de fabulosamente rico, como ainda pelo realce de seu nome ilustre. Os amigos não se enfadavam em ouvi-lo, pois ele era realmente dotado de um raro poder de sedução.

Iniciaram a viagem pela Itália, onde a percorreram toda, seduzidos pelas belezas magníficas daquelas terras privilegiadas. Quando a deixaram, traziam gravadas, nos seus corações, imorre-douras recordações...

Foram à velha Espanha no afã de conhecerem todas as lendas das suas encantadoras filhas, as mais belas mulheres do mundo... Kiang, dotado de ardente temperamento, ficou preso pela estonteante beleza daquelas jovens, de um moreno claro e de olhos negros, profundos e sonhadores. Teve diversas aventuras que, depois de afastados da Espanha, ainda eram comentadas pelos amigos... E tanto gostou que fez com que a viagem fosse alterada só para satisfazer o seu capricho, em desejar demorar mais alguns dias na cidade de Barcelona, onde ele deixou fama, pelas suas excêntricas conquistas e pelo prestígio da sua fortuna.

Conseguiu tudo quanto almejou... Portugal... Lisboa... Porto... Coimbra... Sintra... novamente Lisboa... noitadas no Estoril... noites de maravilhosa beleza nas praias sem par...

Kiang passou dias alucinantes nesse recanto... E foi com verdadeira tristeza que deixou Portugal, reclamando dos amigos os poucos dias que foram destinados para gozarem de tantas surpresas agradáveis.

Seguiram então numa ligeira visita à Inglaterra, pois dois dos companheiros eram ingleses e queriam mostrar também o encanto da sua pátria. Kiang não gostou tanto da Inglaterra como tinha gostado dos outros países, pois dotado de temperamento ardente e impetuoso, sentia-se enervado com o clima nublado e frio de Londres, onde demoraram mais, porém não o demonstrou para não molestar os amigos delicados e atenciosos. Esperava ter outro aspecto a velha capital inglesa. Os dias que passou em Londres foram dias completamente escuros, sem um só raio de sol para clarear... os grandes monumentos, enegrecidos pela pátina do anos, que dava aos mesmos um cunho de tristeza... foi sem reclamações que seguiu para outra etapa da viagem.

— Estou ansioso por ir à Suíça — dizia Kiang. — Tenho por esse país um culto de admiração, talvez motivado pelo entusiasmo que meu pai sempre demonstrou pela sua civilização ímpar e pela bondade característica dos seus filhos. Quero conhecer toda a beleza desse país...

E foi com intensa satisfação que penetrou na decantada capital Berna. Ali demoraram poucos dias, seguindo numa rápida excursão pelos outros cantões. Foram dias cheios de alegria, pois, incorporados a outros excursionistas, percorreram todos os cantões e voltaram engolfados no mais puro contentamento, depois de terem tido a feliz oportunidade de ver os mais belos e empolgantes recantos do mundo; a paisagem verde dos Alpes, salpicada das mais delicadas e raras flores, deixava na alma dos excursionistas, gravada para sempre, a mais feliz e imorredoura lembrança. Foram dias estonteantes para os jovens ávidos de prazer... Queriam gozar nesses dias de férias, tudo quanto lhes era permitido, dada a escassez de tempo que tinham para tão longa excursão.

Tiveram de dividir os poucos dias de estadia nos vários países, o que muito contrariou Kiang, mas como tinha certeza de poder voltar quando quisesse, procurou se divertir o mais possível. Fez questão de ir, embora ligeiramente, conhecer a Áustria e a Hungria, países que ele tinha grande vontade de percorrer, seduzido pelo encanto das suas músicas, desde as valsas lânguidas e melodiosas, às puras sinfonias de Schubert, até às divinas rapsódias do genial Franz Liszt. Empolgado do mais vivo contentamento, Kiang percorreu a tradicional e encantadora cidade de Viena, centro máximo da boêmia europeia. Foi em Budapeste que ele teve a mais forte e séria aventura de sua mocidade. Se não fosse tão arraigada a grande paixão que Mei-ling tinha despertado no seu coração, talvez ele tivesse ligado para sempre o seu destino a uma loira e alva jovem dos arredores de Budapeste. Com verdadeira saudade partiu, depois de uma luta titânica dos seus companheiros para conseguirem que ele continuasse a excursão. Queria ficar até que eles voltassem, para poder ter por mais alguns dias a companhia da sua bela e sedutora húngara, que o tinha feito prisioneiro dos seus encantos.

De todos os lugares, Kiang não deixou de procurar uma lembrança para Mei-ling, testemunhando assim perante ela, que não a esqueceu nunca... Porém, de Budapeste nada levou, pois ali ele quase olvidou a sua linda e meiga chinesinha...

Rapidamente fizeram uma visita a Berlim, onde, desconhecendo por completo o idioma alemão, foi um tanto difícil para Kiang conhecer a majestosa capital. Teve nos últimos dias, porém, uma sur-pres-a agradável, quando ao entrar numa casa de diversões deparou com um chinês numa roda de excursionistas e, ao ser apresentado, teve a ventura de poder conversar no seu próprio idioma, coisa que há muito não fazia, porque em Paris só conversava com Mei-ling e seus pais em francês. Era um chinês muito instruído da cidade de



Xangai, que vinha à Europa tratar de importante missão. Juntos saíram, sendo que o companheiro falava corretamente o alemão, permitindo assim que pudesse conhecer outros centros noturnos de requintada elegância. Os amigos quiseram voltar de Berlim, o que Kiang não concordou, pois queria, ainda, embora ligeiramente, visitar a Suécia, Dinamarca, Noruega, Bélgica e Holanda...

Os últimos dias foram passados na pequenina e encantadora Holanda, onde se cultivam as mais belas flores, como a papoula, de que Kiang gostava muito. Fez questão de levar bulbilhos para Mei-ling cultivar no seu jardim.

Estava quase terminada a excursão, pois tinham poucos dias para o retorno e o começo das aulas no Instituto, onde ele já cursava o último ano, podendo logo dar início a outros estudos que ele tanto queria. Foi em Haia, numa noite muito calma, quando, exausto de um dia todo cheio de passeios, que, ao entrar no seu luxuoso aposento para repousar, inesperadamente sentiu, sem saber explicar por que, uma saudade pungente do seu velho pai, há muito quase que esquecido. Kiang, deitado, revia a sua infância na vasta residência, às margens do rio... Sem poder conter o seu pensamento, pela primeira vez depois que se tornou realmente homem, lembrou-se de sua mãe Li e nesse retorno apareceu bem perto dele o gracioso vulto de sua pequenina e terna mãe... Lembrou-se dela perfeitamente, e numa visão nítida a viu sentada na areia branca do rio, nas margens silenciosas, com um tenro raminho verde escrevendo devagar... Pôde até se lembrar da frase, pois tinha nessa época precisamente dez anos, repetindo com certa dificuldade: “Dor... é o estilete que nos fere, que nos humilha... que nos tortura... mas é também o caminho que nos eleva, altaneiros, aos paramos celestiais...” Kiang repetia as palavras, umas após outras, como desejando arrancar do seu sentido exato a essência pura da alma privilegiada de sua desconhecida mãe...

Sentou-se bruscamente no leito e, aflito, perguntou a si mesmo:

— Teliu ela morrido? Por que esse silêncio de meu pai? Não... Não é possível... Ele jamais a procurará. Tenho certeza... Ele tem horror dessa terrível moléstia, assim como eu tenho. Não quero mais pensar no passado distante... Não quero...

Dois dias depois, Kiang partiu para a França onde chegou exausto e ainda apreensivo com o prolongado silêncio de seu pai. Imediatamente foi rever Mei-ling, encontrando-a muito alegre e, como sempre, belíssima. Ela ficou surpresa ao ouvir, pela primeira vez, o jovem dizer que estava preocupado com a falta de notícias de Tung. Ela, então, amorosamente lhe tomou as mãos e, sensibilizada, lhe disse:

- Precisamos, logo, providenciar a vinda de Tung para junto de nós; é impossível ele continuar sozinho e tão distante.

Ele olhou agradecido para Mei-ling, que nessa radiosa manhã de primavera estava vestida singelamente com um simples vestido branco, com os cabelos negros e sedosos penteados com capricho, não tendo um só adorno além de algumas flores, negligentemente colhidas no momento e presas aos cabelos. Era, entretanto, impressionante a sua beleza. Tinha uma tez de um moreno claro e nessa ocasião, talvez motivada pela emoção da vinda inesperada de Kiang, o seu rosto estava coberto por um leve colorido, de tom rosado, como se fosse pintado pelo pincel de um grande pintor. Ele, mudo, na contemplação soberba, pensava consigo, que Mei-ling era, nessa manhã, um modelo perfeito para a tela de um mestre sedento de encontrar para a sua inspiração algo de grandioso e sublime. Tão corada ela estava que o moço lembrou-se da Suíça, onde, recentemente, tivera oportunidade de ver as soberbas frutas cultivadas naquele rincão altamente beneficiado pela natureza. Mei-ling, nesse momento, tinha para ele o mesmo encanto das magníficas e coloridas maçãs, cujas tonalidades assemelhavam-se com o rosado natural do seu lindo rosto. Radiante com a

transformação de Kiang, tinha um sorriso sedutor bailando na sua boca de contornos encantadores. Enfim, tudo nela era perfeito e de uma graça espontânea. E se o jovem a examinava ocultamente, ela fazia o mesmo. Assim, como ele a encontrava contente, transbordando de felicidade, que a tornava ainda mais sedutora, ela também via no rosto largo e expressivo de Kiang traços, até então, dela desconhecidos. Só ao ouvir quando ele disse que estava saudoso de Tung e ansioso por revê-lo, Mei-ling notou que haviam desaparecido milagrosamente as rugas que lhe davam, em certas ocasiões, um aspecto desagradável...

Kiang, desde aquele momento, teve para a delicada Mei-ling um novo e sedutor encanto. Surgia para ela uma nova fase; já antevia a vinda de Tung, e como seria feliz tendo mais aquele bondoso e sincero amigo pronto para, como seus pais, torná-la a pequenina soberana daquele encantado reino que era a casa grande e austera que ela via do rústico banco quase que encoberta pelas árvores verdes e frondosas.

Recostou a linda cabecinha junto ao rugoso tronco da velha árvore para ouvir dois encantadores passarinhos que, bem juntinhos, num ramo delgado que balouçava levemente, tangido pela aragem fresca da manhã, emitiam livremente os mais ternos e harmoniosos gorjeios... Eram duas avezitas de luzidia plumagem, sendo que o mais esbelto tinha as peninhas arrepiadas, como testemunhas eloquentes do prazer grandioso, que tinha recebido da sua linda companheira que, também de cabecinha levantada e orgulhosa, o desafiava impávida, cantando alegremente...

Kiang não perturbou o silêncio de Mei-ling, deixando que ela ficasse entregue aos seus devaneios... Esperando, recostou a cabeça no mesmo tronco e fechou os olhos à espera que ela o chamasse. Senão quando a macia mãozinha pousou sobre a sua, estremeceu ao contato delicioso, abriu imediatamente os olhos e viu com o rosto quase que encostado ao seu... Amorosamente apertou as mãozinhas que estavam sobre as suas, dizendo baixinho:

— Adoro-a, Mei-ling!

Ao mesmo tempo ouviram a voz de Nai que de longe os chamava. Levantaram-se e com passos vagarosos se encaminharam para atender o afetuoso chamado. Ao se aproximarem, viu Nai que sua filha estava alegre, pois no seu rostinho belo eram visíveis os vestígios de felicidade e de ventura.

Juntos, foram à procura de Tieng que, folgadoamente sentado perto da sua janela predileta, gozava também a fresca... Quando viu Nai junto da sua cadeira e, logo depois, se viu enlaçado pelos braços da filha querida, notou que algo de extraordinário elas vinham lhe comunicar; foi então logo dizendo sem se levantar de onde estava:

- Qual o motivo de todo este agrado?

Mei-ling sorriu contente e mostrou Kiang que estava oculto atrás de sua mãe... Tieng, tomado de surpresa, pois não o esperava, levantou-se e o abraçou fortemente, enquanto Mei-ling foi logo participando:

— Temos uma novidade para contar!... E uma grande surpresa! Kiang resolveu convidar Tung para vir morar definitivamente junto de nós...

Tieng e Nai aproximaram-se de Kiang e, sorrindo bondosamente, o abraçaram comovidos, o mesmo fazendo, mais uma vez, Mei-ling...

## **IX - CALVÁRIO REDENTOR**

Enquanto na França, Kiang, em companhia de Tieng, Nai e Mei-ling, resolvia convidar seu pai para vir residir definitivamente em Paris, junto deles, podendo assim lhe

proporcionar uma vida mais tranquila, rodeado de todos que o estimavam, na longínqua China, na grande casa à margem do rio Cantão, Tung, sozinho, via se aproximar, assustadoramente, o seu trágico fim...

Há muito que ele vinha vagorosamente subindo o longo calvário... sem ter um braço amigo em que pudesse se apoiar... Quase que todo mutilado, pois os dedos tinham sido muito atingidos, faltando diversas falanges... Os cabelos caíram todos, o mesmo acontecendo com as sobrancelhas e os cílios... O rosto congestionado e intumescido, as orelhas grandes e dependuradas, batendo sempre no rosto disforme... Os pés, verdadeiras chagas, embrulhados em panos amarelados e úmidos de pus, vindo das feridas abertas... Sentado sempre na antiga cadeira, junto à janela, era deveras impressionante o quadro, se fosse permitido ser visto.

Aquele monstro horrível sentado na riquíssima cadeira esculpida, tendo ao seu redor uma verdadeira nuvem de moscas que, vorazes, pousavam nas chagas dos seus pés; e bem perto daquele horror, sentado num pequeno banco, um velhinho de cabeça muito alva, curvado pelos anos, cochilava placidamente, alheio ao quadro doloroso que formava junto àquele que tinha sido, não muito longe, o rico e culto Tung Fú.

Chan passava horas seguidas junto ao senhor e só o deixava quando tinha de ir providenciar os arranjos da casa, onde viviam ocultos de todos. Tung era como uma sombra ou um fantasma que vagorosamente andava arrastando os pés pelos vastos aposentos, ou então pelo salão, Tateando, pois estava quase completamente cego. Quando Chan, depois de terminado todo o trabalho, vinha para junto dele e sentava-se no pequenino banco, Tung sentia-se feliz e, pondo a mão sobre o ombro do velho e leal criado, dizia:

— Chan... o que seria de mim se não tivesse a sua amizade e o seu amparo?

Chan erguia a cabeça branca e fitava Tung com um olhar repassado do mais terno afeto e da mais sublime dedicação...

— Senhor, só tenho a lamentar que a saudosa senhora tivesse tão cedo desaparecido, pois tenho certeza de que se ela ainda fosse viva, estaria ao seu lado, e o acompanharia com todo o carinho.

Isso Chan pronunciou numa tarde que, em companhia de Tung, juntos à janela, olhavam o pôr do sol no horizonte distante... Tung sentiu como se uma faísca elétrica o tivesse inopinadamente atingido, e com voz trêmula e triste, disse:

— Chan, tenho que lhe fazer mais uma dolorosa confissão. Há muito que venho me preparando para este momento difícil em que tenho de depor perante você, meu único e verdadeiro amigo. É uma confissão difícil e terrível, porém necessária para a minha tranquilidade e para o meu fim próximo.

Chan voltou-se depressa e ficou fitando Tung, que continuava olhando para o céu...

— Senhor, nada quero saber e nada exijo além da alegria que desfruto junto ao meu bom senhor, nesta casa silenciosa... Esperemos com paciência o nosso fim... Caso eu parta primeiro, tenho certeza de que serei substituído por outro leal servidor que está somente à espera do chamado para aqui vir servi-lo.

Tung tornou a repetir:

— Chan, preciso fazer esta confissão o mais breve possível, e estou resolvido a fazê-la agora que estamos tão tranquilos, tendo diante de nós a beleza desta tarde que se finda. Escute a minha dolorosa e trágica história... Sou, Chan, digno do sofrimento que venho passando nesses últimos anos. Pratiquei um atentado horrível, e impune sempre estive graças ao prestígio do meu nome e da minha fortuna; entretanto, tenho consciência de que sou um grande culpado, um homem indigno e perverso... Preciso e quero lhe fazer esta confissão, pois só assim, talvez, possa encontrar um lenitivo para a dor que me tortura há

muitos anos.

Chan olhava com insistência, receoso de que Tung estivesse delirando, e ele, compreendendo o receio do velho criado, sorrindo bateu no seu ombro, falando alto:

— Não, Chan, não deliro, estou na posse completa das minhas faculdades. Quero agora, neste momento, confiar a você o meu segredo... Escute, venha para mais perto de mim, não quero que perca uma só palavra.

O criado obedeceu à ordem e com certo receio trouxe o pequeno banco para mais perto dele. Sentou-se e, calmo, olhando para Tung, disse:

— Pronto, meu senhor, pode fazer a confissão que deseja, que o seu humilde criado está bem junto e atento para ouvir tudo quanto quiser contar.

Tung ficou ainda calado por alguns instantes, olhando o céu de um azul forte. O silêncio do aposento era completo e uma penumbra triste invadia todo o recinto, onde bem perto um do outro estava o ilustre Tung Fú e o seu pobre e velho criado. Era impressionante a tristeza dessa tarde escura que aos poucos findava... Tung, silencioso, estava à espera desse momento para, com a alma dilacerada pelo remorso implacável, fazer a terrível e demorada confissão. Chan não interrompeu o silêncio de Tung; mantinha-se imóvel na cadeira, esperando que ele falasse.

A noite já tinha chagado e o aposento estava escuro, só tendo uma réstia de claridade vinda da janela entreaberta. Depois começou a soprar um agradável vento, que sacudia as folhas das árvores vizinhas da casa. Foi quando Tung, com a voz que mais parecia um soluço, disse devagar, baixando a disforme cabeça para mais junto do criado:

— Chan, a sua bondosa senhora não morreu... Está prisioneira na casa grande de pedras há muitos anos...

Chan sentiu um estremecimento percorrer todo o seu corpo curvado, e se ergueu um pouco da cadeira, como querendo fugir de perto do senhor, horrorizado com o inesperado da revelação. Mas, conseguiu se dominar e voltou para o seu lugar, sem pronunciar uma só palavra. Ouviu Tung soluçar convulsivamente, mas nada fez que o interrompesse. Passado o primeiro e doloroso instante, ele continuou:

— Sim, Chan, creia que Li não morreu; ainda vive, presa num desconhecido subterrâneo na distante casa, sob os cuidados do meu velho criado e da muda, sua mulher.

Chan sentia-se tomado de um verdadeiro pavor a cada palavra reveladora que Tung pronunciava... Com incrível sacrifício conseguiu formular uma interrogação:

— Mas, meu senhor, por que fez prender a bondosa senhora e ainda a conserva prisioneira, quando a podia ter ao nosso lado, para suavizar os nossos momentos de solidão? Ela era tão meiga e amiga, não posso acreditar no que diz; naturalmente, meu senhor, está delirando...

— Não, Chan... Não deliro... estou perfeitamente bem e sei o que lhe estou revelando. Li não morreu, acredite, Chan, ela vive ainda...

— Mas, por que está prisioneira?

— Ouça... Há muitos anos, quando ainda meu filho tinha apenas dez anos, casualmente vim a descobrir que Li estava leprosa... Foi, meu amigo, um momento de verdadeiro pavor, quando tive a certeza de que habitava no meu lar uma doente da terrível moléstia... Como sabe, eu tinha um culto de idolatria pelo meu único filho que me fazia esquecer todos os ditames de outro afeto e de outra amizade. Ele simbolizava, para mim, tudo. E foi por esse desmedido e alucinante amor que tinha por Kiang que, sem um só lampejo de piedade e de compaixão, brutalmente, de acordo com ele, levei Li, uma noite, para a casa de pedras e, com todos os requintes de crueldade, atirei-a num lúgubre

subterrâneo há muito tempo abandonado, proibindo os criados de vê-la, só permitindo que lhe fosse levado, por um pequeno orifício feito na porta, o necessário alimento. Tanto eu, como Kiang, não tivemos por ela uma só demonstração de afeto e de compaixão. Mas, uma força Onipotente e justiceira abateu-se sobre mim, castigando-me cruelmente... Pois não encontrei no meu filho a compreensão e a dedicação que esperava... Tenho, meu bom Chan, recebido a recompensa do meu hediondo atentado, pois não muito tempo depois que a afastei do nosso convívio, constatei horrorizado que eu também estava atacado da mesma moléstia... Foram dias após dias de tortura, no afã de encontrar um meio de ocultar de Kiang a minha desgraça. Resolvi levá-lo incontinenti para o estrangeiro e lá o deixar. Não pode calcular, meu bondoso amigo, o que tem sido minha vida. Além da moléstia que destrói impiedosa o meu corpo, tenho a alma dilacerada pelo remorso que me tortura dia e noite... Quando sozinho aqui estou, vejo, sempre vagando perto, o fantasma de Li, ameaçador... Creia, Chan, que venho subindo vagarosamente o meu calvário, levando uma pesada cruz e só espero poder chegar com coragem ao fim. Já dei ordens para que a muda tivesse a permissão de visitar Li, assiduamente, porém é tão pouco o que lhe ofertei que não atenuou uma só partícula do meu sofrer.

Chan ouvia estarecido tudo quando Tung lhe confessava e dos seus olhos pequeninos e tristes afluíam lágrimas que caíam sobre suas trêmulas mãos... Queria falar, mas não podia, a voz morria na garganta ressequida. Como Tung ficasse calado muito tempo, o criado com dificuldade conseguiu dizer:

— Senhor, ainda c tempo de fazer alguma coisa pela senhora. Poderei ir buscá-la ocultamente, ou então nos transportarmos para a casa grande de pedras e, todos reunidos, vivermos tranquilamente.

— Não, Chan! Não quero que Li me veja neste estado. Daqui não sairei, já lhe disse que esta casa será meu último e definitivo reduto. Quero somente proporcionar a Li, mais liberdade e mais conforto.

— Mas, senhor, permita ao seu velho criado uma simples pergunta: seu filho já sabe da verdade? Sabe que o meu senhor sofre da mesma moléstia que vidmou sua mãe?

Tung, num acesso de desespero, gritou alucinado:

— Não sabe! Não sabe! Não quero que ele saiba jamais!...

Chan curvou a branca cabeça e nada mais disse... E como Tung também não pronunciasse uma só palavra, ele levantou-se e, sem fazer o menor barulho, saiu, deixando-o sozinho e no mais completo escuro.

Tão impressionante fora para Tung a revelação do seu segredo, que ficou como se todas as suas parcas forças o tivessem para sempre abandonado. O seu cérebro, até então de prodigiosa clareza, ficou paraísado, tornando-o um ser à margem da vida, sem orientação e sem energias... Tudo ao seu redor era confuso.

Parecia um mísero farrapo humano, sem forças nem mesmo para se levantar da cadeira onde o criado o havia deixado.

Mais tarde, refeito do grande abalo provocado pela confissão de Tung, Chan resolveu voltar ao salão para ver como seu senhor estava passando. Com cuidado abriu a porta, e foi tomado de grande surpresa vendo-o ainda no mesmo lugar, com a cabeça curvada e os braços pendidos para fora. Comovido, aproximou-se, e então viu que ele estava acordado. Chamou-o baixinho para não o assustar. Tung não respondeu. Chamando-o novamente, ele, devagar, ergueu a cabeça e voltou-se para Chan com um olhar parado. O criado se aproximou mais e com delicadeza convidou-o a ir repousar, pois já era muito tarde da noite. Auxiliado por Chan, ele se levantou da cadeira, mas sentiu os seus membros completamente impotentes

para o levar até o seu aposento, e caiu outra vez sobre a cadeira, sendo impossível para Chan levá-lo sozinho. Foi ligeiro à procura de um agasalho, voltando logo com uma espessa coberta com que envolveu Tung, para ali passar o resto da fatídica noite.

Sentou-se ao seu lado e, olhando para aquele monte de carne putrefata que representava o riquíssimo e fidalgo Tung Fú, sentiu, no âmago da sua humilde alma e no recôndito do seu boníssimo coração, uma profunda piedade, que nem mesmo a tenebrosa confissão que há pouco ele lhe fizera, foi capaz de contribuir para que o velho criado tivesse uma só censura pelo ato praticado pelo seu infeliz senhor. Sentado muito curvado na pequenina cadeira, Chan procurou um meio de poder resolver como poderia atenuar a solidão em que vivia imersa, há tantos anos, a sua bondosa e linda senhora. Pensou em deixar Tung sozinho aquela noite e ir apressadamente à casa de pedras contar tudo ao seu amigo e, juntos, retirarem a senhora do mísero subterrâneo e a levarem para cima onde ela pudesse viver livremente... Mas Tung não o havia autorizado e ele, fiel cumpridor dos seus deveres, achou que devia esperar primeiro as ordens do senhor.

Lembrou-se que Kiang há muito não dava notícias. Poderia providenciar uma carta pedindo-lhe auxílio para seu pai, mas se ele resolvesse voltar e encontrasse Tung naquele lastimável estado, como agiria? Chan sempre notou que Kiang, desde pequenino, era dotado de gênio forte, desobediente e rebelde... Recordou-se que quando foi anunciado por Tung o inesperado falecimento da senhora, o menino não demonstrou o menor sinal de pesar pelo desaparecimento de sua mãe, tão carinhosa e tão compassiva. Foi notado, por todos os criados da casa, o pouco que pai e filho demonstraram pela perda de tão bondosa esposa e mãe. Nem mesmo o nome dela fora depois pronunciado, e agora, sabedor da terrível verdade, via, entristecido, quanto Tung, na realidade, tinha sido desumano e quanto Kiang era ingrato. E agora, já homem, como iria ele receber a dolorosa verdade? Teria a compaixão que não teve para com sua mãe? Chan sacudia a cabeça, incrédulo. Assim, passou toda a noite sem poder dormir um só instante, e foi contente que viu o Sol despontar pela janela que conservara aberta.

Tung, depois de ter feito a difícil confissão, pareceu sentir uma grande e confortadora paz. Chan, olhando o seu rosto feio e intumescido, notou que o sono era tranquilo... Não quis acordá-lo, saindo devagar para ir preparar os primeiros alimentos. Quando voltou, ele estava de pé, perto da janela, respirando longamente o ar embalsamado e puro da manhã. Quando chamado, pacientemente acompanhou o criado, como estava acostumado a fazer.

Juntos seguiram, e Chan viu, alegremente, que o seu senhor não demonstrava sinais de grande abatimento. A noite de repouso serviu para que ele recuperasse as energias perdidas, e a angústia, que há muito o torturava, foi aliviada com a revelação sincera que fez ao criado e amigo. Comeu de tudo que havia sido preparado para ele, sem o menor esforço.

— Agora preciso sair, para fazer as nossas compras, que estão terminadas. Voltarei o mais breve possível.

— Pode sair, Chan, eu voltarei para o meu lugar predileto.

Chan o acompanhou, recebendo as ordens necessárias para fazer as compras, e, tomando o velho cesto, saiu... Conforme prometera, não demorou muito tempo, tornando apressado para casa, receoso de Tung ter ficado sozinho. Quando entrou no aposento, trouxe-lhe uma carta, o que há muito não era recebida. Ao ver na mão do criado o pequenino recorte de papel branco, ele estremeceu violentamente, pois tinha certeza que era carta de Kiang; e todas as vezes que as recebia, sentia um grande e profundo abalo; porém, nessa manhã, depois das emoções sofridas na noite anterior, foi grande a surpresa que teve quando viu nas mãos de Chan a carta há tanto tempo esperada. Sôfrego a tomou e pediu as outras

lentes mais fortes para, mesmo assim, ler com incrível dificuldade. A proporção que silenciosamente ia lendo, o criado, condoído, via que lágrimas brilhantes deslizavam pelo seu rosto contraído. Foi forçado a interromper por mais de uma vez a leitura para limpar as lentes embaçadas pelas lágrimas; e quando terminou, deixou que ela caísse junto à cadeira, ficando com os braços pendidos e o olhar perdido no horizonte, que se descortinava pela janela, muito ao longe. Chan, vendo que seu senhor não fazia menção de apanhar a carra, caída perto ela caeleira, abaixou-se e, pegando-a, colocou-a novamente nas mãos de Tung. Em seguida, trouxe a sua pequena cadeira, sentando-se, calado, no lugar em que costumava sempre ficar. Ele compreendeu o gesto de Chan e, devagar, tomando as lentes, com voz pausada, leu para o velho criado a missiva de Kiang:

*‘Meu pai. Desesperançado de esperar notícias suas, é que me apresso em enviar esta, pedindo resposta imediata.*

*Por um descuido do qual peço agora desculpas, ausentei-me de Paris em companhia de alguns amigos, sem avisá-lo. Foi uma ligeira excursão a vários passes que desejava conhecer. E como a resolução foi inopinada e o tempo escasso para preparar-me, não tive o ensejo de pedir antes o seu parecer, entretanto, o fiu a Tieng, seu substituto.*

*Foram, meu pai, dias esplêndidos, cheios de surpresas assa\* agradáveis, que, tenho certeza, compreenderá, pois é um profundo conhecedor de todos esses países que percorri.*

*Terminei meu curso no Instituto e iniciarei agora o último, de Direito. Espero sair-me bem, dando assim ao meu pai motivo de satisfação, pois sempre foi esse o seu ardente desejo.*

*Agora, entremos no assunto principal desta. Tenho conversado constantemente com Mei-ling e, não só atendendo aos constantes pedidos dela, é que juntos deliberamos que o senhor deve vir incontinenti residir em Paris, junto aos seus amigos e aos seus filhos, pois Mei-ling já tem quase esse direito de chamá-lo de pai. Não pode avaliar o quanto ela o quer. e só finará realmente contente se o senhor atender ao nosso pedido. Tieng e Nai juntam o mesmo apelo.*

*Aqui terá uma vida mais cômoda e poderá desfrutar outro padrão de existência que, tenho certeza, não encontrará aí. Compreendo que gosta dessa casa onde sempre viveu e guarda relíquias preciosas. Tem, entretanto, velhos e fiéis criados aos quais poderá confiar a guarda dos mesmos. B, quando quiser, poderemos ir. os três, desfrutar de alguns dias nesse recanto, que Mei-ling tão ardentemente deseja conhecer.*

*Esperamos breve a sua afirmativa resposta, e receba do sen Jilho e amigo os sinceros votos de verdadeira amizade*

*Kiang. ”*

Logo embaixo vinha um pequenino trecho escrito com a lctrinha miúda e correta de Mei-ling. Dizia o seguinte:

*‘Tung, meu pai.*

*junto ao convite de Kiang, vai também o meu. Espero que seja benévolo para com a sua filhinha que o adora, e que o quer junto dela para satisjaef-la em todos os seus caprichos que, tenho a lealdade de confessar, são muitos.*

*Até breve. Tung, e, com grande abraço, cheio de saudades da filhinha Mei-ling. ”*

Novamente deixou cair a carta, que desta vez Chan não fez menção de apanhar... Passados os primeiros momentos de emoção, foi Chan quem primeiro falou:

— E agora, senhor, que resposta pretende dar aos seus filhos?

— Não sei... Não sei, Chan... Talvez o mais acertado seja não responder...

Levantou-se e, com dificuldade, foi prostrar-se em frente aos retratos de Kiang. Tung piorava dia a dia; parecia que a moléstia traiçoeira o tinha deveras tomado para uma rápida destruição. Chan, vendo que seu senhor continuava imóvel junto aos retratos, foi também ficar ao seu lado para, depois, com delicadeza, fazê-lo retornar à sua cadeira, junto à janela.

— Senhor, não podemos continuar assim; reúna as suas energias e tente encontrar uma solução para este dilema.

— Mas Chan, o que posso fazer? Diga, meu amigo...

— Acho que, primeiro, devíamos tratar de retirar a senhora do subterrâneo e darmos e ela plena liberdade na casa de pedras. Poderei ir lá e conversar com meu amigo. E por que o senhor não experimenta ir pessoalmente? Providenciarei o transporte à noite para que ninguém nos veja.

— Não, Chan, isso não... Não verei jamais Li, não quero vê-la, assim como desejo que ela não me veja. Mas estou de acordo que devemos imediatamente providenciar tudo para ela. Já disse, não sairei nunca desta casa... Não darei resposta imediata a Kiang, dando assim tempo para que eu possa, com mais cuidado, resolver como devo agir. Ele não virá até aqui, tenho certeza.

— Mas, meu senhor, e se ele não receber a resposta desejada e vir nos surpreender aqui?

Tung abriu os olhos e ficou em pé, com os braços apoiados nos ombros de Chan, trêmulo e angustiado.

— Chan, não sei o que será de nós. Passo horas seguidas com o pensamento fixo nessa possibilidade e não encontro solução plausível. Sei, entretanto, que meu filho tem horror desta moléstia e que será capaz de não compreender o meu martírio. Mas pouco pedirei a ele, caso isso venha a se realizar. Poderá voltar imediatamente e me deixar morrer sossegado e sozinho nesta casa, em que sempre vivi. Meu filho não será tão cruel que seja capaz de negar-me este pedido. Voltará para Paris com o seu amigo de Tieng, tendo por esposa a mais terna e bela donzela, rico e ilustre, poderá viver feliz. E eu, Chan, aqui terminarei os meus últimos e cruéis dias. Não sairei desta casa. Não sairei... Compreende?

— Sim — respondeu, com humildade, o velhinho. — Eu também daqui não sairei.

No dia seguinte, à noite, Chan, conforme resolução de Tung, foi à casa grande de pedras com a incumbência de, junto com a muda e o criado, providenciar a retirada de Li do oculto subterrâneo. O seu senhor ficaria sozinho na solitária e rica moradia. Deu a Chan plenos poderes de ir ele mesmo conversar com Li e fazê-la subir para a casa, onde, daquele dia em diante, seria a sua residência, tendo os dois servidores para a sua companhia. Quando veio se despedir de Tung, este o fez, mais uma vez, sentar-se junto à sua cadeira para lhe fazer novo pedido:

— Quero, Chan, que observe bem Li e que seja o meu mensageiro leal junto dela, fazendo-a sentir o quanto venho sofrendo e como é sincero o meu arrependimento. Peço também que ainda nada diga sobre o meu estado de saúde. Quero poupá-la desta dolorosa revelação. Mais tarde, então sim, poderei confessar tudo; agora não quero e tenho certeza de que obedecerá às minhas ordens. Pode ir, Chan...

À noite, muito escura, mas agradável, Chan, guiando o pequeno carro puxado por um só animal, saiu veloz da cidade. Ao iniciar a estrada deserta, deixou que o animal fosse a passos vagarosos. Era muito larga a estrada, circundada de espessa vegetação, sendo que inúmeras árvores, nessa época do ano, estavam cobertas de agrestes e perfumosas flores. Ele que vivia, há tanto tempo, fechado no estreito recinto de uma casa, sentiu verdadeiro alívio quando sentiu o ar puro da noite. No seu cérebro cruzavam as mais confusas interrogações...



Desde o instante em que Tung leu a carta, não pôde mais deixar de sentir preocupações, pois conhecia quanto Kiang era dotado de rebeldia e temia pela sorte do seu querido senhor, assim pensando:

*‘O que poderei fazer? Nada... Esperemos, portanto; agora o essencial é proteger a infeliz\* senhora e rodeá-la de todo o carinho, atenuando levemente a sua desventura. ’*

Depois de percorrer devagar todo o percurso, foi com um suspiro que divisou ao longe a casa de pedras. Ao chegar junto ao grande portão, prendeu o animal e ficou ainda alguns minutos parado como para refazer as suas energias.

“Preciso de coragem para poder enfrentar, com calma, a minha bondosa senhora” — meditou.

Parecia ao velho Chan que Li ressuscitava! Há tantos anos que a julgava morta... Resoluto, deu o sinal de alarme. Não demorou muito, o criado apareceu e, ao vê-lo teve certeza que algo de extraordinário ele vinha fazer. No vasto salão, Chan pôs o criado a par de sua missão, recebendo, de pronto, a seguinte resposta:

— Quer, agora mesmo, descer ao subterrâneo? Alinha mulher está lá. Eu o acompanharei... Vamos, Chan, reparar, embora tardiamente, a falta do nosso senhor.

E, juntos, os dois leais criados de Tung desceram. Chan sentiu um forte arrepio quando deparou com a antiga escada e com o longo corredor escuro que levava ao subterrâneo; ao chegar perto da porta ele sentiu um certo temor, que o fez encostar-se à parede encardida. Foi, então, guiado pelo amigo que levava bruxuleante luz, dando assim um aspecto ainda mais tétrico ao lúgubre lugar. Chan, sem forças, tornou a recostar-se à parede, e o criado, compreendendo e sentindo também a mesma comoção, com calma esperou que voltassem as forças a ambos. Foi Chan que, resolutamente, passado o primeiro e difícil instante, disse:

— Vamos, abra a porta!

Ouviram-se a chave ranger na fechadura enferrujada pelo tempo. A pesada porta se abriu, e os dois velhos criados depararam, então, com um quadro que jamais pensariam ver. Li e a muda, muito juntinhas, trepadas no pequenino banco, com as mãos presas às grades de ferro da pequena janela, olhavam a noite maravilhosa. No momento em que a porta foi aberta, Li cantarolava baixinho... Era a mesma canção de que ela tanto gostava e os criados puderam ouvir as suas derradeiras palavras:

— Afastai minha grande dor... Suavizai minha agonia...

Li voltou-se assustada com o ranger surdo da fechadura e, atônita, deparou com Chan e o marido da sua amiga, que não via há muitos anos, encostados à porta. Vendo Li se voltar rapidamente, o mesmo fez sua companheira, que também ficou atordoada com o imprevisto. Foi tão tocante a surpresa que nem Li, nem os criados foram capazes, no momento, de pronunciar uma só palavra. Ela desceu calmamente do banquinho, o mesmo fazendo a muda. Os criados continuaram prostrados perto da porta. Vendo que eles nada diziam, com coragem, ela aproximou-se deles e comovida, perguntou:

— O que desejam aqui? Por que vêm perturbar a minha tranquilidade?

Chan, então, chegou junto dela e, com voz entrecortada pelos soluços, mal pôde pronunciar algumas palavras:

— Senhora, será que não reconhece o seu humilde e velho servidor?

Li abriu muito os olhos, estampando no seu rosto todo o assombro que lhe causava ouvir outra voz além da sua própria. Há muitos anos que não conversava com quem quer que fosse, pois a sua única companheira era a muda. Quando ouviu Chan falar perto dela, teve uma verdadeira emoção, difícil de ser explicada. E o velho criado, vendo o rosto assustado e

amedrontado de Li, aproximou-se ainda mais, tentando, desse modo, demonstrar que vinha como amigo. A muda, temerosa de que eles praticassem qualquer violência com sua querida senhora, veio para perto dela, como se quisesse desse modo defendê-la. Chan tentou novamente dialogar com ela:

— Senhora, aqui vim a pedido de meu senhor que, arrependido de tudo quanto fez, quer, embora tardiamente, reparar o mal que lhe fez. Creia que o seu arrependimento é sincero. Muito tem sofrido, minha senhora, e agora quer demonstrar que não é tão cruel como parece. Tudo fez pelo grande amor que dedica ao seu filho Kiang.

Li continuou calada, olhando insistentemente para Chan. O silêncio tornou-se completo no pequeno aposento. O criado pôde ver que ela continuava, como sempre, muito bela, apesar de ter os cabelos quase todos embranquecidos; porém, no seu rosto perfeito, poucas rugas apareceram e ele, surpreso, notou que ela não tinha sinais evidentes da doença terrível. Só quando um clarão mais intenso da lua penetrou no pequenino aposento, clareando-o todo, foi que Chan pôde ver que ela estava com as mãos mirradas e os dedos curvos e retorcidos, sinais positivos da verdade dolorosa. Entretanto, Li ainda era encantadora. Num rápido exame a comparou com Tung, verdadeiro monstro de fealdade. E no seu boníssimo coração, mais um sentimento brotou de piedade para com Tung, dedicando-lhe agora, mais do que nunca, um verdadeiro culto de compaixão. Como seu senhor tem sido castigado! Chan achava, contudo, que ele, em parte, merecia passar por todo esse transe dolorido, para, só assim, poder compreender que fora, na realidade, ingrato para com a sua companheira. Tentou novamente aproximar-se de Li e, com delicadeza, tornou a falar:

— Senhora, ouça o seu velho criado... Creia que só agora é que soube da verdade, pois se antes tivesse compreendido o que tinha se passado, eu aqui estaria, há muito, para servi-la. Vamos, bondosa senhora, junto com seus amigos, deixar, para sempre, este terrível lugar!

Li não respondeu... Continuou calada, olhando para os dois criados. Debalde, Chan tentou pela terceira vez:

— Senhora, peço, atenda ao meu pedido... Vamos para cima; lá, terá todo o conforto e toda a liberdade...

Inútil... Li não respondia... Chan e o criado curvaram as cabeças, desanimados... Foi quando a muda tomou as mãos da senhora e, com carinho, a fez sentar-se no seu pobre leito. Depois, ajoelhou-se junto dela, abraçando-a com amor. Li viu, comovida, que ela chorava mansamente; tomou as suas mãos, beijando-as afetuosamente e, depois, acariciou com ternura os seus cabelos brancos. Chan olhou comovido as duas amigas e compreendeu, pois tinha o mesmo culto de veneração por Tung. Li fez com que sua amiga se sentasse ao seu lado. Olhou para Chan e indicou o mesmo banquinho que estava perto da janela, donde ela contemplava a noite bela. Ele obedeceu. Sentou-se e ficou em silêncio.

A senhora sentiu um atordoamento, como que se uma ver-dgem lhe turvasse os olhos. Ao ouvir a voz de Chan e do criado, sentiu uma sensação estranha, pois, há muitos anos, não ouvia o timbre de outra voz amiga... Anos após anos, no mais completo alheamento, no sombrio e aterrador subterrâneo foi, para a desolada infeliz, ao ouvir novamente a voz de outra pessoa, como uma ressurreição inesperada que tivesse paralisado todas as suas energias, até mesmo a sua própria voz, pois, no momento, não lhe era permitido articulá-la com facilidade. Fazia ingentes esforços, porém inútil... Parecia-lhe que tudo aquilo não passava de uma alucinação... O seu estado de saúde estava muito alterado! Tanto Chan, como o criado, eram fantasmas do seu cérebro enfraquecido...

Foi uma luta titânica que Li manteve consigo mesma... Talvez, a mais difícil, pois, quando repudiada por Tung e por seu filho, era ainda muito jovem e forte, e possuía, além da fortaleza física, a fortaleza de um espírito esclarecido que a confortou e a encorajou fazendo com que não esmorecesse e encontrasse, no estreito recinto do seu pequenino aposento, a felicidade e a calma para poder enfrentar com coragem o seu cativo. Viveu esses longos anos um alheamento completo, esquecida completamente de tudo, só procurando viver na realidade da sua precária situação. Foi feliz porque, sem grandes esforços, conseguiu compreender e isolar para sempre da sua vida todos os liames que a prendiam ao seu filho e ao seu esposo. Raramente pensava neles. Vivia sossegada no seu pequenino quarto e com o decorrer dos anos podia dizer a si mesma que ali era feliz. Depois, teve a ventura de poder conviver com a muda e dedicou a ela todo o seu afeto. Só pedia e esperava morrer nos braços da sua única e leal amiga. Só isso ela desejava presentemente. Veio muito tardiamente a liberdade ofertada por Tung. Depois dessa meditação foi que Li, ainda num esforço, pôde dizer a Chan:

— Peço transmitir ao seu senhor que agradeço a liberdade que me oferece. Sinto-me bem aqui e nada me falta. Só desejo ter sempre a companhia de minha amiga.

Tomou novamente as mãos da muda e ficou com elas apertadas às suas. Chan levantou-se do banquinho com dificuldade e veio prostrar-se bem junto à senhora, colocando no seu ombro a sua mão grande e rugosa. Ela estremeceu ao contato, mas não fez menção de retirá-las. Chan curvou a cabeça que, semelhante à da muda, estava toda alva. Li olhou para a muda e para Chan, seus antigos servos, e sentiu, no seu coração, uma grande e sincera gratidão pelo conforto e pelo afeto que aqueles dois simples e rudes criados lhe testemunhavam:

— Chan, creia que sou feliz aqui, não necessito mais de liberdade, tenho tudo quanto desejo e, se vier a precisar de qualquer coisa, fique certo que lhe mandarei pedir.

Nesse momento, o aposento estava todo iluminado pela Lua, que pairava bem defronte à janela. A muda se levantou e fez com que Li se levantasse também; depois, tomando o braço dela, encaminhou-se para a porta. A senhora seguiu sem relutância e os dois criados, admirados, deixaram que ela fizesse o que desejava. De braços com, Li transpôs a porta seguindo pelo escuro corredor. Chan tomou a luz e a acompanhou silencioso. Devagar, começaram a subir a velha escada. Li deixou que ela a guiasse. Quando chegaram ao vasto salão, a muda a fez sentar-se numa cadeira e, ligeira, saiu para logo voltar trazendo um agasalho com que a resguardasse. Tomou, outra vez, o seu braço e desceu para o jardim, encaminhando-se para as margens do rio. Ali chegando, sentaram-se na areia muito branca... Com o dedo mostrou a luz e pediu-lhe para cantar, pondo os dedos sobre os lábios... Atrás, os dois criados estavam mudos de espanto e, atentos, contemplavam as duas. Li atendeu ao pedido da amiga e cantou docemente:

I

*Felicidade é sonho... é quimera... Nas alegrias suaves do amor... Esperança que um dia nos espera, Já libertos dos acintos da dor...*

II

*Felicidade é leve encanto De luz e bênção que envolve o amor... E tão belo e sutil o seu manto Que de esperanças acalma a dor...*

*Felicidade é pranto e é agonia... Felicidade é canto e é alegria... Felicidade é bálsamo para o amor Felicidade é a inimiga da dor...*

A muda olhou extasiada Li cantar para ela, que não a pôde ouvir, mas sentia, na sua alma privilegiada e pura, que a sua senhora, assim fazendo, demonstrava que a queria muito.

Não pôde ouvir a voz de sua amiga querida, mas, pela expressão de seu rosto, sentia que cantava divinamente bem. Quando Li terminou, a muda levantou-se e saiu pelas margens do rio levando-a para um pequeno passeio. Voltando, momentos depois, encaminharam-se para o salão, onde a senhora tornou a ocupar a mesma cadeira. Li chamou, depois, Chan e pausadamente disse:

— Pode voltar e diga ao seu senhor que estou bem, e que agradeço a lembrança bondosa dele dando-me novamente a liberdade, há tanto tempo perdida.

— Nada mais deseja que lhe diga?

— Não, Chan, somente isso.

— Senhora, não quer saber como passa o seu filho?

Li sorriu indiferente...

— Sei que passa bem, que deve estar um belo jovem, que estuda no estrangeiro e que possivelmente já deve ter escolhido uma linda donzela para com ela compartilhar a sua vida... Como vê, nada mais preciso saber... Para quê? Não existo mais... Sou na sua mente uma visão esmaecida ou, talvez, quem sabe, totalmente esquecida.

— Mas, senhora, e o seu esposo?

— O meu esposo, Chan? Parece que o perdi há muitos anos...

— Não, minha boa senhora, não o perdeu; ele vive e, talvez, ainda venha a precisar bastante do seu carinho e do seu perdão...

Li levantou-se e, aproximando-se de Chan, delicadamente disse:

— Transmita os meus agradecimentos ao seu senhor. E muito tarde e eu quero voltar para o meu aposento. Estou cansada.

— Mas por que voltar para aquele frio subterrâneo? Pode ficar aqui em cima, num aposento mais confortável.

— Não, Chan, não quero abandonar o meu quarto onde tenho estado sempre. Sairei dele somente para a grande e definitiva partida.

Pediu ao criado a luz e, resoluto, encaminhou-se para a escada, sendo acompanhada pelo criado que, obediente, seguiu os seus passos. Chan não saiu da cadeira onde estava e ficou à espera do companheiro que não demorou. Quando ele viu novamente ao criado, ficou mais calmo, pois parecia que tudo rodava em torno dele no vasto salão...

Estavam sentados, bem defronte um do outro, calados e com as cabeças pendidas, sem poderem articular uma só palavra, quando a muda veio e, aproximando-se de Chan, procurou fazer com que ele compreendesse os seus gestos. Mostrava a escada que Li há pouco

descera e, batendo no peito e em seguida com os braços em volta de si mesma, olhava para ele como que prometendo que conseguiria tudo da senhora. Tanto Chan, como seu marido, tiveram plena certeza de que realmente ela conseguiria, com mais facilidade do que eles, convencer Li de que devia sair do subterrâneo e vir gozar, embora muito tarde, a liberdade oferecida por Tung. Momentos depois, Chan tomava o carro e, veloz, voltava para junto do senhor, depois de ter fielmente cumprido as suas ordens.

Com o despontar da aurora, ele transpôs o portão da residência de Tung. Vinha exausto, mas notou que a janela do aposento estava aberta, compreendendo que ele o esperava, naturalmente, muito ansioso. Assim que desvencilhou o animal do pesado carro e deu-lhe alimento necessário, encaminhou-se para transmitir ao seu senhor todo o ocorrido. Abriu com cuidado a porta e viu Tung sentado, cabisbaixo, na sua cadeira junto à janela toda aberta. Não demonstrou sinal de que tinha visto Chan chegar. Foi preciso que o velho criado se aproximasse bem junto dele para que, então, devagar, Tung erguesse os olhos para depois,

com sofreguidão, o interrogar:

— Então, como encontrou a sua senhora?

Chan demorou a responder. Mais uma vez, Tung repetiu a pergunta, desta vez, em tom ríspido:

— Não ouviu o que perguntei?

— Sim — respondeu ele.

— E por que não diz logo o que viu?

— Senhor, fiz tudo quanto mandou, a senhora passa bem e manda agradecer pela liberdade que lhe foi oferecida.

— Mas, Chan, diga-me como Li está.

— Senhor, ela continua bem c creia que a moléstia, apesar de terrível, não a deformou muito.

— Saiu do subterrâneo?

— Sim, para um ligeiro passeio em companhia da muda, voltando depois para lá.

— Como? - gritou, alto, Tung. - Então não mandou preparar outro aposento para ela?

— Mandei, porém, a senhora fez questão de voltar para o seu antigo aposento, mas espero que, breve, a muda consiga que ela venha definitivamente para cima.

Tung se manteve calado por muito tempo, sem olhar para o criado que, sentado na pequenina cadeira, com paciência, esperou que o senhor falasse. Momentos depois, Tung se voltou para ele e, com voz trêmula, tornou a perguntar:

— Chan, a sua senhora não está muito deformada? Diga-me sinceramente, quero saber toda a verdade sobre o seu estado.

— Senhor, creia que não estou faltando com a verdade, nem estou exagerando no que digo. A senhora está tão bonita como quando daqui saiu; só mesmo com muita atenção é que se pode ver que ela é doente.

— Mas, Chan, não é possível que depois de tantos anos Li não esteja completamente deformada. Não quer me contar a verdade para me poupar mais sofrimentos... Compreendo isso, meu bom Chan...

— Não! Não estou faltando com a verdade. A senhora está bonita e só nas mãos mirradas e nos dedos curvos é que se pode ver que ela c doente. Meu senhor, por que não nos mudamos para lá? Com um pouco de paciência e de carinho, tenho certeza que a senhora o perdoará e, assim, poderíamos todos viver com mais liberdade, cercados de mais afeto; enfim, com mais alegria aguardaríamos tranquilamente o nosso fim.

— Não, Chan, já lhe disse, mais de uma vez, que daqui não sairei. Não quero ver Li, assim como não desejo que ela me veja. Nesta casa esperarei a morte que, talvez, não tarde muito.

O dedicado criado não disse mais uma só palavra e, silencioso, deixou o aposento de Tung.

## **X - NOS SOMBRIOS CAMINHOS DA INGRATIDÃO**

Enquanto em Cantão se passavam todos os fatos descritos, Kiang, Nai, Tieng e principalmente Mei-ling, em Paris, esperavam ansiosos a resposta de Tung. Porém, os dias iam se passando e a carta tão desejada não chegava. Todos os dias, Kiang ia à casa de Mei-ling, que o esperava no jardim junto ao portão e, antes mesmo de qualquer pergunta, o interrogava aflita:

— Chegaram notícias de Tung?

Kiang então respondia:

— Não, Mei-ling, até agora nada... Não sei explicar o que se passa com meu pai... Não sei...

Ao entrar, Tieng e Nai faziam as mesmas perguntas. Depois, reunidos na grande e confortável sala, ficavam entregues às mais desconcertantes dúvidas. Mei-ling dizia:

— Tenho certeza de que Tung está seriamente doente, pois do contrário não deixaria de nos dar notícias. Principalmente a última carta, ele responderia.

— E se Tung, assim como aconteceu com Li, tivesse morrido repentinamente? — interrogou Nai.

Um brusco arrepião percorreu todo o corpo de Kiang, uma palidez repentina cobriu o seu rosto de traços másculos e, no seu olhar arrogante, uma nuvem de dúvida perpassou ligeira. Mei-ling notou tudo isso e, pegando com afeto as suas mãos, disse com meiguice:

— Não, Tung não morreu, só pode estar doente, precisando muito de nós. Kiang deve ir imediatamente a Cantão para ver o que se passa e trazê-lo para junto de nós.

Seus pais concordaram com a jovem e foram unânimes em pedir a Kiang para que fizesse esse pequeno sacrifício por seu pai. Ele, de cabeça baixa, não disse uma só palavra e, no seu cérebro exaltado, cruzavam as mais atrozes conjeturas. Foi preciso um esforço sobre-humano para que ele controlasse os seus nervos e mantivesse uma calma aparente. Demonstrando real interesse pelo pedido de Mei-ling, prometeu pensar mais demoradamente antes de tomar qualquer resolução. A mocinha, entretanto, insistiu:

— isjang, e preciso urgentemente ter notícias de Tung; não podemos abandoná-lo assim; você tem de ir imediatamente à China.

— Sim, Mei-ling, prometo que irei o mais breve possível — e, despedindo-se de todos, voltou para a sua residência, procurando coordenar melhor os planos para a breve partida à sua pátria, em busca da verdade.

Muito tempo ficou Kiang sentado no seu aposento, relembando diversas cenas passadas entre ele e seu pai, desde a partida de Cantão até à chegada a Paris; e só agora, na pleniude das suas energias, é que podia fazer um exame mais concreto e ver que algo de anormal perturbava seriamente o seu velho pai. Recordou quando, alegres, se preparavam para vir a Paris e, inesperadamente, ao entrar no salão, encontrou Tung sentado e com o rosto molhado de recentes lágrimas. Interrogou-o e ele, com dificuldade, confessou que não estava passando bem. Quis até deixar de vir a Paris... E, desde então, sua transformação foi completa. Ele era muito jovem para analisar, como deveria, todos os gestos e todas as atitudes de Tung; só agora é que, ao recordar todos esses pormenores, ficou acabrunhado e desolado.

— Meu pai me disse, muitas vezes, que se sentia seriamente enfermo, mas nunca procurou tratar-se como devia fazer. E qual seria essa doença que o fazia chorar tão sentidamente e nunca mais o deixou ser o mesmo homem ativo e forte? — interrogou a si mesmo.

Recordou-se, depois, de sua mãe, leprosa, e, talvez, ainda vivendo. Kiang sentia verdadeiro horror só em pensar na vaga possibilidade de seu pai vir a ser também um leproso. Levantou-se e, nervoso, percorreu com passos largos o aposento, em profunda meditação:

- Preciso ir à China... Tenho de ir... E se eu deparar com o meu pai leproso? Como poderei agir? Não quero que Mei-ling saiba, e jamais saberá se isso for verdade! Terei de empregar todas as minhas forças, terei de calcar todos os sentimentos para encobrir, como ele fez, a verdade sobre minha mãe. Essa nódoa terrível terá que desaparecer... Jamais permitirei que saibam que Kiang Fú é filho de monstruosos e repugnantes leprosos. Mas, como poderei

fazer? Como?... Era muito criança quando meu pai enclausurou minha mãe. Pouco me recordo sobre o que ele contou da casa de pedras, porém sei que existe um subterrâneo oculto, onde foi minha mãe feita prisioneira. Caso venham a se concretizar as minhas suspeitas, poderei usar o mesmo subterrâneo e nele forçar meu pai a viver oculto para sempre... Naturalmente, minha mãe não vive mais.

Nesse momento, lembrou-se também das preciosidades acumuladas por Tung durante muitos anos de peregrinação pelo mundo, e ainda as obras de arte dos seus antepassados, verdadeiras e valiosas relíquias que ele teria de possuir como último descendente. Surgiram ante os seus olhos de avaro e ambicioso as porcelanas magníficas que valiam uma fortuna...

— Tenho de ir à China... Tenho de ir... E as telas? as miniaturas... as joias... as armas... os livros... Preciso ir imediatamente. A casa de pedras — pensava Kiang — deve valer muito, assim como deve ter muitas preciosidades, porém, terei de sacrificar alguma coisa; e só quando vir é que poderei resolver tudo isso, procedendo de modo que salve tudo quanto for de real valor.

E assim passou toda a noite procurando se recordar, pela primeira vez, de sua casa esquecida e silenciosa, nas margens do poético rio. A imagem de Tung não se afastava da sua mente perturbada. Sozinho, Kiang falava alto:

— Mas, será possível que meu pai esteja enfermo? Pode ser... Mas, por que penso que ele pode estar leproso? Donde me vem esta ideia terrível? Preciso ir à China o mais breve possível, preciso desfazer toda essa angústia horrorosa que sinto...

Novamente a mesma perturbação e outra vez falou alto:

— Será que minha mãe morreu ou será que meu pai teve a insensatez de ir viver junto dela na casa de pedras? Se ele assim fez, não perdoarei... Não!... Ele seria incapaz de procurar uma leprosa, sei quanto essa moléstia o apavora. Eu também sinto o mesmo horror... Já são passados tantos anos e, ainda agora, só em recordar que minha mãe foi uma leprosa, sinto o sangue deixar de circular normalmente nas minhas veias. Não posso conceber nem sequer ver, ao longe, um leproso; o seu aspecto causa-me um asco que não sei explicar. Tenho por essa moléstia um verdadeiro pavor. Acho que todos os seres atingidos por essa doença nefasta e incurável, deviam ser imediatamente eliminados, evitando assim o contágio terrível e a possibilidade de poderem perturbar, com os seus aspectos monstruosos, com as suas chagas putrefatas, os não atacados. Não posso nem mesmo pensar em ver, perto de mim, um desses doentes miseráveis. Seria para mim a maior desgraça, caso viessem a saber que sou filho de uma desgraçada leprosa.

Kiang não conseguiu dormir; muito cedo se levantou e saiu. Não procurou um carro para levá-lo ao Instituto, como costumava fazer. Preferiu fazer todo o percurso a pé, pois a manhã estava linda e fresca. As árvores que enfeitavam algumas ruas, por onde o jovem passava, estavam maravilhosamente verdes, pois era plena primavera. Quando defrontou com o Instituto, resolveu não assistir às aulas e continuar o passeio. Devagar, seguiu até uma grande praça onde sentou-se em um banco e ficou outra vez entregue às suas meditações, sem forças para interrompê-las. A praça possuía frondosas árvores e inúmeros canteiros, que nessa época do ano estavam todos floridos. Chegava até Kiang o sutil perfume das flores entreabertas. Tudo nessa manhã era belo; o céu, muito claro, era premindo de um soberbo dia. Bandos ruidosos de crianças chegavam para gozarem do esplêndido recanto. Kiang, alheio a tudo em seu redor, só pensava na próxima viagem. Sentia já uma saudade infinda de Mei-ling, preocupado em passar sozinho os longos e enfadonhos dias de travessia.

— Mas tenho de ir... Preciso ir... — pensava, decidido.

\*\*\*

Tendo providenciado rapidamente tudo, dias depois Kiang deixou Paris, rumo à China. Combinou com Nai e Tieng que, assim que chegasse, trataria logo de convencer Tung a vir com ele para residir definitivamente na França. Os seus importantes negócios estavam entregues a sólidas companhias e as vastíssimas propriedades tinham velhos e interessados empregados à frente, que sabiam perfeitamente administrá-las, como vinham fazendo há longos anos. Mei-ling fez inúmeras recomendações a Kiang, assim como uma carta de que ele era portador, pedindo a Tung que tudo deixasse e que viesse o mais breve possível para junto dos seus filhos.

Foram dias intermináveis para o moço. Sozinho, ficava horas seguidas arquitetando os planos que teria de executar logo que chegasse.

“Como irei encontrar minha cidade? Guardo tão poucas recordações dela...” — meditava.

Não quis comunicar a Tung e pediu a Tieng para também não avisá-lo; queria lhe proporcionar uma surpresa. Chegaria sem que ninguém soubesse, subiria pelas margens do rio e iria surpreender seu pai... Queria ver como ele o receberia... E os criados, que o viram partir ainda tão jovem? Com toda a certeza não o iriam reconhecer... Lembrou-se do velho Chan; será que ainda vivia? Devia estar muito velho.

Kiang saiu, uma tarde, para um ligeiro passeio pelo navio, pois era abrasador, nesse dia, o calor. Foi até o tombadilho, rccostou--se numa pequena coluna e ficou olhando o mar... Novamenc se pensamento foi pairar em Cantão, agora bem perto. Reviu o vasto salão e a galeria suntuosa de Tung. “Trarei tudo e tenho certeza de que farei inveja a muitos colecionadores franceses” — meditou. As telas passavam pela sua mente e de todas elas, ele meticulosamente calculava o valor... Lembrou-se da coleção de armas que seu pai tanto se orgulhava de possuir. Realmente eram dignas de um rei... Por último, pensou nos dois grandes retratos enviados por ele, pintados na Itália e na França, imortalizando-o numa exuberância de tons magistrais, que só mesmo dois gênios da pintura poderiam ter executado com tanta riqueza de expressão. Lembrou-se quando Tung pediu para ele posar para essas duas telas, que desejava levar para a China. Nessa ocasião, Kiang riu bastante do capricho de seu pai, mas, agora, já fazia cálculos de quanto valeriam os dois quadros. E nesse constante exame das riquezas de seu pai, via se aproximar o fim da viagem.

Faltavam poucos dias para o término, e ele já iniciava o preparo das grandes malas e dos inúmeros presentes que Mei-ling, com capricho, preparou para Tung.

Numa tarde, muito triste e cinzenta, o rapaz chegou. Não lhe impressionou ver, ao longe, o casario branco da sua cidade... Nem depois, o rio lendário em que ele, criança, tanto gostava de brincar nas suas margens... Indiferente, tomou a rústica e típica embarcação que o iria deixar nas escadarias de sua residência. Em pé, seguiu todo o percurso do rio, alheio ao vozerio dos outros passageiros e tripulantes da embarcação, que com seus largos chapéus lhe davam um aspecto interessante e original. Quem visse aquele chinês disnto, de porte elegante, corretamente vestido à moda europeia, não poderia calcular que era o mesmo chinezinho que há anos saíra, indeciso, guiado pelo rico Tung Fú, para ir estudar numa das mais adiantadas capitais da Europa. Os anos foram passando lentamente, e lentamente foi também quase que esquecido o chinezinho, filho do ilustre comerciante.

Ninguém reconheceu Kiang na embarcação; julgaram que fosse qualquer chinês de outra cidade que eles costumavam transportar. Ele mesmo se admirou de como ainda falava com facilidade o seu idioma. A pronúncia correta, sendo esse também um motivo para que ninguém suspeitasse. Quando a embarcação parou junto aos degraus da sólida escada de



pedras, e as suas malas foram depositadas, o moço recompensou fartamente os humildes remadores e, satisfeito, os viu se afastarem depressa.

Como aconteceu com Tung, quando voltou, Kiang também sentiu uma fortíssima comoção ao se ver sozinho na escada. Subiu alguns degraus e divisou a majestosa casa em que tinha nascido. Subiu mais outros degraus e, comovido, reviu os mesmos lugares, onde, em criança, costumava vir com sua mãe e fazer as casinhas que tanto gostava. As mesmas árvores, as mesmas flores, tudo, enfim, como deixou. Caminhou devagar e já bem perto da casa admirou-se de a ver toda fechada; e nem um só criado aparecia. Aproximou-se ainda mais. O silêncio era impressionante. A tarde quase finda e já um tanto escura. Kiang chegou junto ao portão que dava entrada à ala que levava ao começo da casa. Empurrou o antigo portão que estava somente encostado. Entrou. Olhou ao redor e não viu ninguém. Quando já deparava com a primeira porta foi que divisou, do outro lado, uma janela aberta e uma tênue luz. Cada vez mais surpreendido, resoluto, empurrou a porta e entrou. No longo e quase escuro corredor, nem um criado aparecia. Ele ficou parado alguns momentos à espera. O silêncio era completo e nem uma claridade havia que pudesse guiá-lo. Vendo que não vinha ninguém, com cuidado tomou o corredor. Já perto de terminá-lo, ouviu barulho de uns passos vagarosos que vinham em direção onde estava. O jovem esperou e não demorou muito a porta abriu e apareceu, aos seus olhos surpresos, um velhinho bem curvado, de cabeça muito alva, trazendo com dificuldade uma pequena bandeja e uma luz bruxuleante. Era Chan... Kiang o reconheceu... Porém, foi tão chocante a surpresa que lhe causou a aparição do velho criado, que ele ficou por alguns instantes impossibilitado de se mover. Mas, passado o primeiro momento de emoção, seguiu os passos de Chan. Mantinha uma certa distância e com cuidado procurava não despertar a atenção do criado. Assim, viu quando ele empurrou outra porta e entrou num pequeno compartimento que representava a cozinha. Colocou a bandeja sobre uma pequenina mesa e depois, com visíveis sinais de cansaço, sentou-se junto à mesma. A luz colocada perto da bandeja inundava todo o compartimento de uma estranha claridade. Kiang, num vão da porta, fazia o exame alarmante. Confuso, dizia a si mesmo:

— Mas, o que se passa aqui? Onde estão os criados e por que esta escuridão horrível? Será que meu pai está viajando? Mas se assim fosse não entregaria esta casa aos cuidados de um velho quase inválido como Chan. Preciso saber a verdade.

E, decidido, empurrou a porta, entrando no aposento. Tomado de surpresa, Chan bruscamente se levantou, atemorizado. E ao ver, à sua frente, um desconhecido, deu um pequeno grito. Foi então que o moço, colocando a mão pesada sobre o seu ombro, disse:

— Que é isso? Não me reconhece mais?

Chan, ouvindo aquela voz, foi tomado de um grande tremor que sacudiu o seu corpo curvado. Queria falar e não podia, sentindo que tudo rodava em torno dele... Porém, passado o primeiro abalo, tomou a luz e a ergueu para poder ver se não estava sonhando... E surgiu positivo e real à sua frente — Kiang... Assim mesmo não pôde falar, pois foi muito profundo o abalo que recebeu... Sentou-se novamente e ficou pensativo. Kiang olhou ao redor à procura de uma cadeira, trouxe-a para junto dele e sentou-se também.

— Chan, por que não fala? Onde está meu pai? Vim lhe fazer uma surpresa. Por acaso está viajando?

Chan não respondeu. Kiang insistiu:

— Por que vejo minha casa tão abandonada, sem os criados e às escuras? Vamos, Chan, diga o que se passa imediatamente — e fez menção de se levantar, o que Chan, alarmado, tentou impedir.

— Sente-se, Kiang, e tudo explicarei.

Kiang, embora impaciente, tornou a sentar-se para ouvir, voltando rápido ao diálogo:

— Meu pai está aqui?

— Sim.

— Então quero vê-lo já.

— Espere, Kiang, espere...

— Mas, por que esperar, se estou ansioso por vê-lo?

— Vou avisá-lo para que não fique, como eu fiquei, tão surpreendido...

Kiang riu alto e, batendo na mesa com os dedos, tornou a dizer:

— Estou ansioso para vê-lo; não é necessário avisá-lo, Chan, meu pai não ficará assim, como diz, tão alarmado...

E, sem que o criado pudesse impedi-lo, ligeiro saiu pelo corredor que o levaria aos aposentos de Tung. Chan, quase correndo, seguiu em seu encalço. O rapaz caminhava apressado, e quando deparou com a porta empurrou-a e entrou no salão, que era, agora, o aposento de seu pai. O velho chinês entrou também como para defender seu querido senhor...

Tung estava sentado na sua cadeira, perto da janela aberta.

O aposento, relativamente iluminado, permitia que o filho pudesse vê-lo muito bem. Ouvindo o barulho da porta ele não se moveu, julgando que era Chan que voltava, permanecendo com o olhar fixo no céu, os braços pendentes da cadeira e os pés enrolados em panos, apoiados num pequenino banco. Era impressionante, visto de longe. Kiang, parado junto à porta, olhou horrorizado o quadro que tinha diante de seus olhos. Assim como Chan, ficou trêmulo, porém era muito forte o tremor que, inopinadamente, sacudia todo o seu corpo. Queria falar, mas sentia a garganta ressequida, não podendo murmurar uma só palavra. Continuou olhando aquele ser disforme que estava sentado junto à janela... Seria seu pai? Com esforço aproximou-se mais e foi, então, tomado de alucinante pavor... Viu que estava defronte a um leproso e que esse leproso era seu pai... Não pôde reprimir a emoção, e, foi tão brusca a surpresa que emitiu um pequeno grito, ouvido por Tung, que, ao se voltar, defrontou com Kiang. Quis erguer-se da cadeira, porém não conseguiu devido ao estado dos pés, completamente chagados. Olhou o jovem e disse simplesmente:

— Meu filho!!!

Kiang se afastou bruscamente ao ouvir estas palavras. Chan se aproximou da cadeira do senhor e ficou ao seu lado. Kiang foi aos poucos se afastando até que ficou junto à porta entreaberta. Tung, vendo que ele não se aproximava, tornou a falar:

— O que veio fazer aqui? Por que não avisou? Devia ter-me avisado para ser poupado deste doloroso quadro que vê. Eu não teria jamais permitido a sua volta... Por que veio, meu filho?

Foi quando da porta, Kiang, cheio de ódio, e o rosto sulcado de rugas, gritou exasperado:

— Não pronuncie nunca mais estas palavras: “meu filho”. Não quero ouvir... Não quero...

Tung curvou a cabeça e chorou baixinho. Chan, também chorando, procurou o seu banquinho e sentou-se junto ao senhor, tomando-lhe as mãos muiladas... Kiang, impassível, olhou os dois... Examinou, minuciosamente, todo o aposento, e satisfeito viu que ele estava todo desguarnecido, só tendo os dois retratos dele, um junto ao outro, perto da cadeira de Tung. Teve um gesto de contrariedade, pois não queria que aqueles quadros ali estivessem; eram telas valiosíssimas e desejava levá-las a Paris. Onde estavam as outras telas e tudo que seu pai possuía? Alarmado com a perspectiva de que seu pai pudesse ter-se desfeito de seus bens, Kiang resolveu sair, levando o criado para que lhe desse as explicações que desejava.

Sem se afastar da porta, chamou por ele:

— Chan, venha, preciso falar logo com você.

Chan não demonstrou ouvir o chamado, pois continuava junto à cadeira. O moço tornou a chamá-lo e desta vez em tom ríspido. Tung, então, muito baixinho disse:

— Vá, meu bom amigo, e o atenda em tudo.

Chan saiu devagar e Kiang o acompanhou, voltando para a cozinha de onde tinham saído minutos antes. Sentados, foi o rapaz quem primeiro falou:

— Chan, desde quando meu pai está doente?

— Creio que desde que voltou.

— O que fez de tudo quanto guarnecia esta casa? Quero saber.

— Guardou cuidadosamente.

— Mas guardou tudo ou se desfez de alguma coisa?

— Guardou tudo.

Vendo que o velho criado não dizia nada além das perguntas que formulava, Kiang viu que era inútil perguntar mais.

— Providencie para mim um aposento, porém desejo que seja o mais afastado possível de onde está meu pai.

Chan olhou fortemente para Kiang, sentado perto dele, e sem pronunciar uma só palavra levantou-se e saiu. O jovem ficou sozinho na pequena cozinha mal iluminada, cuja luz bruxuleante dava ao aposento um aspecto muito triste, e não demonstrando o menor sinal de receio, ficou entregue às suas cogitações. Tentava, num esforço tremendo, coordenar a sua mente turvada das mais alucinantes dúvidas... Será que meu pai já estava leproso quando me acompanhou ao estrangeiro? Recordava a travessia longa e penosa... Relembrava de diversos fatos ocorridos quando em Paris compartilhavam do mesmo aposento. Sentiu então verdadeiro pavor... E agora, como poderei contar tudo a Mei-ling? Ao lembrar-se da moça, sentiu formidável abalo e um suor frio escorreu pelo seu rosto congestionado.

— Não... Jamais Mei-ling saberá desta verdade horrível; terei de ocultar para que nunca isto venha a ser conhecido. Farei como ele fez com minha mãe, que até hoje nunca foi descoberto o seu verdadeiro fim... Agora, mais do que nunca, necessito que essa tragédia seja desconhecida. Amanhã mesmo, começarei a providenciar como devo agir, pois quero sair o mais breve possível deste detestável ambiente — meditou sriamente.

Nesse instante, Chan voltou e da porta disse:

— Podemos ir, o quarto está preparado.

Kiang tomou a frente do criado, que o acompanhava; chegando ao quarto, o rapaz entrou e fechou a porta, e Chan voltou para junto de Tung. Entrou sem fazer barulho e encontrou Tung no mesmo lugar e na mesma posição. Apressado, chegou junto à cadeira e viu, então, que ele estava acordado. Sentou-se e esperou que este o interrogasse. Momentos depois, o senhor perguntou:

— Chan, o que se passou?

— Ele só perguntou há quanto tempo estava doente, meu senhor. Depois quis saber onde estavam as coisas que guarneciam a casa... E pediu um quarto bem afastado daqui. Só isto.

— Você deu resposta a todas as suas perguntas?

— Sim.

— Talvez amanhã ele volte a perguntar; deve responder tudo, assim como deve orientá-lo nesta casa. Sabe de tudo e tem autorização minha para satisfazê-lo, plenamente. Ele é o senhor de tudo. Foi para ele que tudo guardei, portanto pode retirar o que lhe pertence.

Quero só este quarto para viver os meus últimos dias. Depois, poderá destruir este pequeno pedaço da casa, desaparecendo todo o vestígio da minha permanência aqui. Vamos descansar, meu bom amigo, precisamos de forças para enfrentar o combate, que será tremendo.

Levantou-se apoiado em Chan e foi para o seu leito.

\*\*\*

Kiang não pôde conciliar o sono, pois tinha a mente cansada e os mais sérios problemas para resolver. Quando viu surgir o dia levantou-se e foi à janela para rever a paisagem linda que tinha diante dos olhos. Ao chegar já era tarde e quase escuro, não podendo ver nitidamente. Mas agora, com o despontar maravilhoso da aurora, tinha, diante de si, um espetáculo grandioso. Primeiro, da sua casa, que, vista da janela, podia ainda ver um grande trecho da mesma; depois, o belo jardim e, ao longe, o rio de águas mansas e azuis... e, distante, o casario...

Kiang, debruçado, aspirava o ar fresco da madrugada. Sentia, sem poder conter, uma sensação agradável ao se recordar da sua infância, passada nesse mesmo lugar. Teve vontade de sair e, tomando um agasalho, abriu a porta, dirigindo-se ao jardim. Percorreu tudo, indo depois para junto da escada. Sentou-se num dos degraus e ficou pensativo. Quando ergueu os olhos reconheceu bem perto a grande árvore onde costumava brincar e sua mãe se assentava para vigiá-lo.

Não podendo mais suportar a angústia que invadia sua alma, levantou-se, e, devagar, voltou para a casa, encontrando o velho Chan à sua espera. Ficou muito tempo calado, tomando a refeição preparada pelo criado. Viu quando ele arranjou a pequenina bandeja e saiu para levá-la a Tung. Não demorou muito, ouviu os passos vagarosos do criado que voltava.

— Chan! Sente-se aqui para conversarmos.

— Mas por que não vai conversar com seu pai?

— Não, Chan... Conversarei primeiro com você; não quero %<sup>r</sup>cr meu pai, tenho horror daquilo...

O criado sentou-se e esperou. Calados ficaram os dois muito tempo, até que Kiang começou a lhe fazer perguntas:

— Diga-me, você tem as chaves de todos os compartimentos da casa?

— Tenho.

— Vá buscá-las agora mesmo.

O velho criado prontamente atendeu à ordem e foi à procura das chaves, entregando-as depois.

— São de todos os aposentos?

— Sim, de todas as gavetas e de todos os móveis.

— Bem, irei agora mesmo ver o que desejo.

Levantou-se e saiu apressado, ficando Chan sentado no mesmo lugar, pensativo e triste.

— O que irá fazer esse desalmado com seu bondoso pai? — meditava, temendo pela vida de Tung. — Devo ir para junto dele e de lá me afastar só quando houver muita necessidade.

Saiu fechando a porta e se encaminhou para os aposentos de Tung. Já no fim do corredor ouviu barulho numa das salas, cuja porta estava entreaberta. Curioso, aproximou-se e viu, pela pequena abertura, Kiang que, sentado perto de um grande móvel, com uma caixa na mão, observava meticulosamente o conteúdo da mesma. Sentiu repugnância pelo gesto

mesquinho daquele filho ingrato que, esquecendo todos os carinhos e todos os desvelos de seu pai, o abandonava tão covardemente para só mirar a riqueza que ele possuía... Voltou para junto de Tung que, quando viu o criado chegar, perguntou aflito:

— Onde está Kiang?

— Entreguei-lhe as chaves e ele, neste momento, está examinando tudo quanto meu senhor guardou para ele.

Tung, desta vez, não curvou a cabeça, mas procurou olhar, pela janela, o céu... Assim passaram as horas longas e silenciosas. Chan viu que era preciso deixá-lo e ir preparar os alimentos, pois era o único criado da casa. Saiu sem que ele notasse sua ausência. Ao passar novamente pelo corredor, viu que o jovem ainda continuava com seu exame.

Tendo recebido as chaves, Kiang, ansioso, quis ver logo tudo, no afã de averiguar se realmente seu pai não se desfizera de nada. Aliviado, respirou, ao entrar na primeira sala, onde seu pai tinha colocado todas as telas que faziam parte da galeria. Examinou uma por uma, notando que, efetivamente, estavam todas, só faltando os dois últimos retratos dele. Contrariou-se, mas disse consigo mesmo: — Providenciarei a retirada desses quadros, pois quero que eles façam parte desta galeria que tenciono ampliar mais ainda.

Em seguida, foi para uma sala menor, onde encontrou três grandes armários. Experimentou diversas chaves até que conseguiu abri-los, deparando, contente, com as preciosíssimas porcelanas, pertencentes a diversas gerações da família Fú. Com cuidados especiais, foi retirando algumas e abriu a janela para poder ver melhor. Ficou extasiado com um valiosíssimo vaso de finíssima e transparente porcelana, pintado à mão por um pintor que havia ornamentado as porcelanas pertencentes aos antigos imperadores da China. Com o vaso na mão, ficou muito tempo calculando como iria causar admiração, em Paris, essa preciosidade. Cautelosamente, voltou a colocar no mesmo lugar o rico vaso, continuando depois a examinar outras porcelanas, constatando que todas eram de inestimável valor. Era uma fortuna o que Tung possuía só com essas peças tão avaramente guardadas.

Em seguida, abriu outro móvel antigo e deparou com a famosa coleção de armas, muito bem acondicionadas, testemunhando, assim, o zelo que Tung tinha por elas, adquiridas nas suas longas viagens, e por preços fabulosos. Só faltava o pequenino punhal que ele conservava em seu poder. Kiang meticulosamente examinou as armas com um pequenino catálogo e constatou logo o desaparecimento da minúscula arma. Pôde saber, entretanto, que fora adquirida em Pequim, num bairro afastado e que era uma arma perigosa. — Por que será que meu pai tirou esse punhal? Não devia ter desfalcado a coleção... — falou consigo mesmo.

A seguir, dirigiu-se a outro salão, após fechar, com cuidado, a porta. Numa grande sala, Kiang encontrou todos os móveis que guarneciam a rica residência, com exceção da antiga cadeira em que Tung se sentava junto à janela. Ao abrir uma das gavetas de um dos móveis, que ele reconheceu ser do aposento do seu pai, teve a maior surpresa ao encontrar um cofre riquíssimo, incrustado de madrepérolas e ouro; abrindo-o, viu diante dos seus olhos de avaro, todas as joias da família Fú, e junto um pequenino cartão onde ele reconheceu a letra de seu pai: “Para Mei-ling Pei esta recordação de Tung Fú.” Era o último presente que ele ofertava àquela que viria, brevemente, ser a senhora Kiang Fú, por quem ele tinha verdadeiro afeto e admiração.

Satisfeito ficou Kiang quando terminou o exame, não só das preciosidades artísticas, como da certeza de todos os negócios de seu pai, desde o fabrico de seda e grandes negócios de importação, até as imensas propriedades que ele possuía em diversos lugares da vastíssima China. Teve plena certeza de que a fortuna que ia possuir era fabulosa.

— Bem, agora só falta resolver como devo fazer para que seja desconhecida esta terrível tragédia, que é a doença de meu pai. Não quero ninguém venha a saber dessa mancha que paira sobre mim... Mas como poderei fazer? Como? Sei que muito distante daqui meu pai possui uma casa muito antiga, feita de pedras, para onde levou minha mãe. Poderei levá-lo para lá e deixá-lo no mesmo subterrâneo em que ela estava. Deve ser um lugar bem oculto e bom, pois, do contrário, meu pai não teria escolhido para ocultar, naquela época, como eu desejo agora fazer, a mesma nódoa que o atemorizava. Estou decidido; levá--lo-ei para lá, imediatamente, com Chan, que poderá servi-lo. E assim fazendo, pouparei também esta casa, que é de grande valor. Está resolvido: ele irá para o mesmo subterrâneo. Não quero ficar neste lugar muitos dias e nem que saibam da minha estadia aqui. Preciso ver logo Chan — meditou.

Fechou a porta e guardou as chaves com cuidado. Em seguida, saiu à procura do velho criado, indo encontrá-lo, já à sua espera, com a refeição pronta. Depois de ter comido com muito apetite a gostosa refeição preparada pelo velho criado, que era também ótimo cozinheiro, o moço decidiu conversar seriamente com ele. Quando terminou todo o trabalho e Kiang viu que ele estava desocupado, amigavelmente o chamou:

— Chan, preciso com urgência conversar com você; venha para perto de mim.

O velho chinês obedeceu.

— Sente-se aqui, Chan. Quando saí de Paris para vir até aqui, foi para levar meu pai; infelizmente, o encontrei nesse lamentável estado. Não posso compreender, como ele teve a coragem de me ocultar, por tanto tempo, essa terrível verdade. Tria sido melhor que eu soubesse, antes, de tudo, pois assim seria poupado desta longa viagem, bem como teria também providenciado para ocultar para sempre essa tragédia que me adngiu. Igual ao meu pai, tenho verdadeiro pavor dessa moléstia, e portanto, ele irá também compreender a minha resolução. Estou muito moço e não posso deixar de temer que venham a saber que meu pai é um leproso, asqueroso e horripilante. Tenho de fazer com que essa nódoa terrível seja para sempre extinta.

— Mas, o que pretende fazer com o seu bondoso pai? — indagou Chan.

— Pretendo tirá-lo desta casa e levá-lo para a casa de pedras, que você deve conhecer perfeitamente e lá, então, deixá-lo no antigo subterrâneo, onde ele poderá viver isolado.

— Mas por que retirá-lo desta casa, onde ele tem vivido sempre e até agora não foi descoberto?

— Mas poderá ser e eu não quero que ele fique aqui. É uma casa de inestimável valor, e não permitirei que ela seja prejudicada pelo capricho doentio de um leproso.

Chan olhou, com insistência, para o rosto do rapaz e não descobriu um só vislumbre de piedade pelo pai, que tanto o adorava. Abaixou a cabeça branca e ficou silencioso.

— Diga-me, Chan, conhece bem a casa de pedras?

— Conheço.

— Ainda moram lá os antigos servidores?

— Ainda.

— Pois bem, está resolvido: meu pai será, o mais breve possível, transportado para lá e poderá fazer companhia a ele.

O velho chinês tornou a levantar a cabeça e com voz compassada respondeu:

— Não é preciso dizer-me, que eu o acompanharei, pois fique certo de que jamais o deixarei, como tenho feito até agora. Junto dele ficarei até morrer.

Kiang fingiu não compreender as palavras do criado.

— Levarei tudo para a França. Deixarei preparado de modo que, quando lá chegar,

possa providenciar, por intermédio dos correspondentes de meu pai, a remessa do que pedir. Quero que vá logo avisar meu pai, para depois eu ir rapidamente falar com ele. Iremos, breve, levá-lo; não quero que fique por mais tempo nesta casa que é *minha*.

Chan, num último esforço, ainda tentou convencer Kiang, dizendo:

— Seu pai sempre me disse que esta casa seria o seu último reduto, que daqui não sairia jamais... Por isso providenciou tudo de modo que pudesse, logo que ele desaparecesse, ser enviado, o mais breve possível, para a França o que lhe pertencia, mas sair daqui ele não sairia.

— Como não sairia se “eu quero”?! Como pode um miserável leproso ter o desprazer de dizer que não quer fazer uma coisa? Como? Mostrarei como ele sai imediatamente.

— Kiang! Tenha piedade de seu velho pai! Piedade de um leproso!

— Nunca! Nunca! Tenho horror... Se pudesse, eliminaria todos os leprosos, evitando assim o contágio tremendo.

— Mas esse contágio não é tão perigoso como diz; veja... trato de seu pai, convivo diariamente com ele e nada tenho.

— Tem certeza disso? Poderá subitamente ser atingido, meu velho Chan. Quero resolver logo tudo, preciso sair depressa desta casa, do contrário ficarei louco. Vá, Chan, conversar com ele. Depois irci dizer o que resolvi.

O criado deixou o jovem sozinho e devagar dirigiu-se aos aposentos de Tung. Ao chegar à porta, ficou parado, sem coragem de entrar...

— Como poderei dizer ao meu senhor tudo quanto ouvi de seu filho? Mas preciso dizer, é preferível que eu diga primeiro — pensa.

Resoluto, abriu a porta e entrou. Aproximou-se, tomou pequenina cadeira e sentou-se bem juntinho do seu senhor...

Quando ouviu Chan sentar-se ao seu lado, o senhor compreendeu que ele vinha dizer algo terrível, tal a expressão do seu rosto bondoso. No olhar suave do velho criado notava-se estampada uma profunda tristeza. Tung, amigavelmente, pôs a mão sobre o seu ombro e perguntou:

— Vamos, diga-me logo o que tem a dizer.

Chan continuou calado e Tung insistiu:

— Fale, Chan, estou calmo e sei que não é portador de boas notícias. O que foi que meu filho resolveu? Conte-me tudo...

O criado olhou bem para Tung, e no seu boníssimo coração uma onda de compaixão invadiu toda sua alma... Quis falar, porém, os soluços embargaram a sua voz... Foi preciso que o seu senhor, afetuosamente, tornasse a dizer-lhe:

— Chan, estou preparado para ouvir, não sofrerei tanto como você julga, sei que meu filho incumbiu-o de desagradável missão; entretanto, tem de me dizer tudo, por mais cruel que seja... Comece, Chan, o que ele quer?

— Quer que meu senhor saia desta casa...

Tung ergueu-se da cadeira num esforço tremendo... Todo o seu corpo foi sacudido de violento tremor... Com as mãos mutiladas, segurou cadeira. De pé, com dificuldade, ficou muito tempo... Depois, devagar, tornou a sentar-se.

— Continue, Chan, o que deseja mais?

— Quer que vá para a casa de pedras, habitar o antigo subterrâneo.

Ao ouvir o que Chan transmitia, Tung deu um grito que assustou o criado e começou a soluçar alto. O criado não teve coragem de levantar a cabeça e, comovido, chorou com ele. Quando deixou de ouvir os soluços de Tung, ergueu a cabeça e viu o seu senhor caído nos

braços da cadeira. Num grande esforço conseguiu erguc-lo, chamando-o muitas vezes. Quando ele recobrou os sentidos, Chan respirou aliviado. Estes poucos instantes cruciantes, representaram para Tung anos longos e difíceis. Nunca julgou que Kiang chegasse ao extremo de arrancá-lo da casa que ele tinha construído, na qual desejava sempre viver. Nunca pensou que seu filho fosse capaz de atirá-lo no mesmo subterrâneo em que, anos passados, Li fora enclausurada.

- Chan, vá chamar meu filho... Vá logo...

O criado saiu... Tung, sozinho, continuou falando desorientado:

— Quando ele souber que a sua mãe ainda vive, compreenderá que é impossível a minha saída desta casa. Ele não sabe... ele não sabe...

Não demorou muito, ouviu passos e logo Kiang entrou em companhia de Chan. Ficou junto à porta. O criado aproximou-se e sentou. Tung ficou olhando para o filho por muito tempo. Vendo que ele não saía de perto da porta, falou:

— Kiang, não exijo que venha até perto de mim, pode ficar onde está. Recebi, por intermédio de Chan, a sua ordem. Quer que eu saia desta casa e vá morar na casa de pedras, no antigo subterrâneo?

— v^niero, pois c ia que poderá ocultar essa doença trnvel...

— Mas quero que saiba, agora, que sua mãe ainda vive no mesmo subterrâneo...

Kiang estremeceu com essa nova revelação, porém, logo readquiriu a calma habitual e, com firmeza, respondeu:

— Então, ela lhe fará companhia...

Tung continuou olhando para o filho, insistentemente, como não querendo ainda acreditar no que ouvia...

— Kiang, sua mãe ignora que estou doente; não quis nunca que ela soubesse disso, pois seria aumentar o seu martírio. Pode levar tudo desta casa; ela lhe pertence, assim como minhas propriedades, porém, não sairei jamais daqui. Aqui terminarei meus últimos dias.

Foi quando Kiang, de olhar sombrio, aproximou-se mais de seu pai e, com os punhos cerrados e voz ríspida e cortante, gritou:

— Sairá porque *eu quero*; terá de ir para o subterrâneo, nada o impedirá! Eu mesmo o levarei como fez com minha mãe! Seguirei o seu exemplo... Apesar de ser, naquela época, uma criança, tenho bem nídida a sua conduta... Sei, portanto, como devo agir! Não ficará nesta casa! Tem de ir para o subterrâneo e lá sepultar para sempre esta vergonha c esta infelicidade. Jamais será divulgado que sou filho de leprosos!... Eu mesmo o levarei!

A proporção que Kiang ia proferindo essas palavras dolorosas, Tung curvava a cabeça... O mesmo fazia o velho e dedicado criado. Kiang, vendo que seu pai não falava, saiu bruscamente do aposento, fechando a porta com violência. Chan levantou-se c foi ficar junto à janela. Viu quando Kiang desceu e se encaminhou para as maigens do rio. Voltou para junto de Tung e, baixinho, perguntou:

— Meu senhor, deseja alguma coisa?

— Não, Chan, quero somente ficar só, preciso de silêncio para poder pensar. Vá, meu bom amigo, deixe-me por alguns momentos.

Saiu devagar deixando Tung sozinho no aposento vazio e triste. Quando ele viu o velho criado se afastar, com dificuldade se levantou e procurou andar pelo aposento, mas os pés feridos não permitiam que ele ficasse muito tempo andando, nem mesmo parado. Ainda com grande dificuldade, foi à procura do pequenino punhal. Firme, pegou a arma e veio sentar-se outra vez na sua cadeira, junto à janela. Com o punhal seguro na mão mutilada, ficou olhando vagamente o firmamento azul, que tinha diante dos seus olhos quase sem luz.



— Seria tão fácil acabar com essa tortura... Tenho, ainda, algumas forças, que serão suficientes para finalizar rapidamente esta vida infeliz e dar paz e tranquilidade ao meu filho — pensou.

Procurou firmar, novamente, o punhal nos dedos, alguns já sem as primeiras falanges, e quando ia corajosamente levantar a mão, sentiu, como aconteceu a bordo, surgir diante dele o vulto de Li... Abaixou rapidamente a mão e deixou cair o punhalzinho aos seus pés.

Sentiu um grande arrependimento, teve vergonha da fraqueza que ia demonstrar ao seu filho. Disse resoluto:

— Irei para a casa de pedras como ele deseja. Lá, talvez, encontre a felicidade, alcançando o perdão de Li.

Sentiu que uma paz suave invadiu toda a sua alma... Pela primeira vez, depois que voltou de Paris, sentiu essa sensação. Foi preciso que Kiang voltasse com toda a crueldade para fazer com que ele tivesse a coragem para, destemido, ir reparar o seu grande pecado... Sentiu-se tão aliviado, que encostou a cabeça no alto do espaldar da cadeira e adormeceu tranquilo...

\*\*\*

Quando Chan voltou, surpreso encontrou Tung dormindo. Não o acordou. Saiu devagar e foi para a cozinha, encontrando Kiang sentado à espera.

— Chan, quero que vá providenciar, com urgência, um carro para levarmos meu pai, amanhã à noite, para a casa de pedras.

O criado, pela última vez, tentou pedir-lhe para que deixasse Tung viver sempre naquela casa, de que ele tanto gostava. Porém, o moço foi inflexível:

— Não peça nada, Chan, já resolvi e não voltarei atrás na minha decisão.

— Mas Kiang, reflita, será doloroso o meu senhor ir para aquele subterrâneo frio e triste, ele que está acostumado nesta casa; tenha piedade, Kiang, eu lhe peço.

— Não, Chan, ele também não teve piedade de minha mãe, quando ela adoeceu... Compreendeu que era preciso recalcar todos os sentimentos... Como quer, então, que eu não tome as mesmas providências que ele julgava necessárias? Sei que eles não sofrerão muito, tal o estado em que se encontram. Calculo como minha mãe deve estar depois de todos esses longos anos.

— Engana-se, Kiang, sua mãe continua bela como sempre foi.

Ele sorri, irônico, ao ouvir as palavras de Chan. Entretanto, o velho criado não se perturba e torna a dizer:

— Kiang, a senhora está perfeita; para ela, a moléstia foi benigna, acredite, eu a vi recentemente. Quer ir lá, antes de partir, só para ver como estou dizendo a verdade?

Kiang olhou o criado e, de rosto sombrio, rispídamente, respondeu:

— Não, Chan, não quero ver, basta ver meu pai. Ordeno que providencie tudo para a noite. Ficaré com ele e o outro criado na casa de pedras. Fecharei definitivamente esta. Voltarei breve para a França e depois, com vagar, agirei melhor. Quando ele falecer é desnecessário me avisar, pois farei constar que o encontrei seriamente enfermo, falecendo logo depois. Fique, portanto, bem avisado. Darei ordens para que tenha, assim como o casal, uma importância certa para as despesas e incluindo na mesma a manutenção de meus pais. Quero que transmita a ele esta decisão que tomei, evitando desse modo outra aproximação desagradável.

Chan não pronunciou mais uma palavra sequer; ficou olhando muito tempo para Kiang, sentado à sua frente. Apesar de ser inculto, era dotado de um coração boníssimo, não podendo compreender como aquele filho, criado com tanto carinho e desvelo, não tivesse um

só lampejo de piedade para com seu pai bondoso e amigo. Ao mesmo tempo sentia por Tung uma compaixão imensa, e quase com satisfação esperava levá-lo para a casa de pedras, junto à senhora, e lá, então, todos poderiam viver tranquilos. Sempre foi seu desejo que o senhor fosse residir na casa de pedras, onde poderia desfrutar de mais liberdade, porém, ele jamais quis atender o seu pedido, e agora seria forçado a deixar, para sempre, esta casa. Pensando assim, saiu devagar para transmitir as ordens de Kiang. Ao entrar, viu que seu senhor ainda estava dormindo. Cautelosamente, chegou perto da cadeira, e, quando Tung abriu os olhos, sorriu e perguntou:

— Outras notícias, Chan?

— Sim.

— Pode então dizer, que estou pronto para ouvir.

O criado continuou calado; sendo preciso que Tung o interrogasse novamente:

— Vamos, Chan, pode falar, estou calmo e resignado, tudo farei para não molestar meu filho. O que ele resolveu?

— Senhor, ele ordenou que eu o avisasse que amanhã, à noite, teremos de nos mudar para a casa de pedras, onde pretende deixá-lo na minha companhia.

Tung não demonstrou a menor mágoa ao ouvir as suas palavras. Calmamente disse:

— Pois bem, meu amigo, cumpra as ordens; estarei pronto para o seguir quando ele quiser. Arrume tudo quanto me pertence neste aposento, incluindo as duas telas, que desejo que me acompanhem.

O criado deixou Tung para ir providenciar tudo quanto o senhor necessitaria na casa de pedras. Entrando e saindo constantemente, o velho criado ia levando o que o senhor desejava e, por último, com grande dificuldade, retirou os dois retratos de Kiang, levando para junto do que já estava pronto para seguir. Quando trazia o último retrato, inesperadamente, apareceu o rapaz que, ao ver as duas telas preciosas, bruscamente perguntou a Chan:

— Diga-me quem autorizou que redresse essas telas?

— Foi o senhor.

— Para quê?

— Para levá-las, pois deseja que elas o acompanhem sempre.

Kiang, com um sorriso sarcástico, voltou-se para o criado e disse:

— Não permitirei; estas telas são valiosíssimas, não podendo sair da minha galeria.

Chan, desta vez, fitou Kiang como num desafio...

— Mas o senhor deseja e eu cumpro as suas ordens. Só deixarei de enviá-las se ele autorizar, do contrário elas irão.

Kiang, com o rosto transtornado, aproximou-se do criado que, impávido, não recuou... Chegou bem perto, porém, notou no olhar de Chan tanta revolta, que não teve coragem para dizer nada. Assim ficaram os dois junto aos retratos. Vendo que o criado não se afastava, desesperado, gritou:

— Pode esperar, irei falar com meu pai — e saiu em direção ao aposento de Tung.

Empurrou a porta e entrou... Sentado na sua cadeira, Tung não demonstrou o menor receio quando Kiang se aproximou mais do que das outras vezes. Notando a indiferença de seu pai, que nem sequer ergueu a vista, enfurecido, o jovem gritou:

— Como teve a ousadia de ordenar que aqueles dois retratos fossem transportados para a casa de pedras?

Tung olhou impassível para seu filho, e depois lentamente respondeu:

— Porque eles me pertencem e eu posso levá-los para onde desejar.

— Não! Eles não lhe pertencem mais: tudo o que tem nesta casa é meu! Você já não vive mais... Trá para o subterrâneo como foi minha mãe e ficará para sempre olvidado... Morto!...

Até então, Tung julgava que seu filho somente desejava que ele fosse residir na casa de pedras, mesmo no subterrâneo, porém com toda a liberdade de ação, nunca preso. Ele levantou-se da cadeira com imensa dificuldade, pois tinha os pés cheios de feridas entreabertas que o impossibilitavam quase de andar. Mesmo assim, com um grande esforço, conseguiu caminhar e aproximou-se do filho, que, como hipnotizado pelo olhar alucinado do pai, ficou preso no mesmo lugar, sem poder se mover. Tung vagarosamente chegou mais perto, ergueu a mão mutilada e, num gesto brusco, tentou bater no rosto do filho que adorava, porém, nesse momento supremo, a porta se abriu e o velho Chan entrou ainda em tempo de compreender o que o senhor ia fazer e, assustado, gritou e correu:

— Meu senhor, não faça isso... Não faça, é o seu velho servidor que pede...

Tung deixou cair a pobre mão e, soluçando, voltou, amparado pelo criado, para a sua cadeira. Calados ficaram os três; Chan, junto do senhor, como amigo sincero e dedicado; Kiang, como petrificado, não saiu do lugar até que Tung, com voz trêmula, disse para Chan:

- Vá buscar os dois retratos e coloque-os no mesmo lugar.

Depois, voltou-se para o filho e disse:

- Pode retirar-se; amanhã deixarei esta casa que *lhe pertence* e taça constar que morrí...

Kiang abaixou a cabeça e saiu.

\*\*\*

O dia seguinte, Tung passou-o quase que todo em companhia de Chan, ultimando as coisas que seriam levadas. Não perguntou pelo filho e, à noite, já estava preparado para seguir. Levava somente as roupas e insignificantes objetos para seu uso. De todas as relíquias preciosas, acumuladas há tantos anos, ele só levava o pequenino punhal, assim mesmo muito oculto.

Quando a noite chegou, pela última vez, Tung se aproximou da janela e ficou olhando aquele recanto em que sempre viveu... Depois, andando devagar, voltou e parou perto dos dois retratos. Na lembrança esmaecida do seu passado, não muito remoto, reviu, fitando aquelas duas telas, os dias que passou com esse filho, que agora vinha, com todos os requintes de crueldade, arrancá-lo de sua casa para levá-lo e atirá-lo no subterrâneo frio e triste. Teve, nesse momento, verdadeiro horror do filho ingrato...

Mas, passados alguns instantes, lembrou que ele também praticou o mesmo delito, e, portanto, era justo o seu castigo. Levantou a cabeça e, corajosamente, desafiou, impávido, o filho. Sentiu que o criado baía no seu ombro e, resoluto, disse:

— Estou pronto, podemos sair.

Não quis o auxílio do criado e se encaminhou para o corredor, onde encontrou Kiang, que o esperava. Passou por ele sem demonstrar que o via. No portão, o carro esperava. A noite era clara e bela. Tung tomou assento e o filho também. Chan pegou as rédeas e fustigou os animais que, velozes, deixaram para trás a rica residência de Tung Fú.

Durante o longo trajeto, Tung não pronunciou uma só palavra, o mesmo fazendo Kiang. Foram horas terríveis para aquele infeliz pai... Foram tão dolorosas que o deixaram sem poder raciocinar; parecia que o seu cérebro estava paralisado, não podia pensar, sentia um desalento tão profundo, que estava alheio a tudo, como se as suas faculdades mentais tivessem recebido um choque violento. Tentou encostar a cabeça para ver se conseguia adormecer, mas foi vão o seu esforço. Aliviado ficou quando viu que se aproximavam da

casa de pedras. O criado não tinha sido avisado, pois foi repentina a vinda de Kiang e repentina a sua resolução.

Ao defrontar a grande casa, Chan chicoteou ainda mais os animais, que foram parar ofegantes junto ao portão. Chan desceu e gritou pelo criado que demorava a ouvir o sinal. Pai e filho continuaram sentados no carro. Impaciente, ele tomou a dar o sinal, agora, com violência. Não demorou muito, a porta se abriu e Chan, retomando ao seu lugar, fez com que o carro entrasse no vasto parque Surpreso, o criado aproximou-se e então viu que o senhor vinha também, acompanhando um jovem que no momento não reconheceu. Chan levou-o para um lugar afastado e, com ligeiras palavras, explicou-lhe que o jovem era Kiang, e que vinha prender Tung no subterrâneo. Ansioso, perguntou:

— Onde está a senhora neste instante?

— Está no subterrâneo com minha mulher.

Foi quando ouviram a voz impaciente de Kiang chamando-os.

Quase correndo, voltaram os dois e ajudaram Tung a descer do carro. Estarrecido, o criado deparou com o senhor, que real-mente estava monstruoso, principalmente, depois das emoções por que passou. Foi quase carregado que Tung entrou no grande salão. Sentou-se exausto numa cadeira. O moço chamou o criado e ordenou-lhe que providenciasse uma luz. Imediatamente foi atendido. Chegou junto de Tung e, com rispidez, disse:

— Vamos, eu mesmo quero ir deixá-lo.

Tung levantou-se e, arrastando os pés cobertos de chagas, acompanhou o filho. Recordou-se da última vez que desceram essas escadas para despedir-se de Li. Muitos anos já foram passados e ele, agora, novamente, descia para ir compartilhar com ela da mesma prisão. Kiang, à frente, levava a luz. Não permitiu que os criados os acompanhassem, dizendo que tinha ordens a dar logo mais. Sozinho, com seu pai, desceu as velhas escadas. Tung caminhou esse pequeno trajeto como se fosse realmente o começo da subida do seu doloroso calvário. Quando Kiang abriu a porta, viu que duas mulheres estavam junto a uma janelinha. Recordou, então, que uma delas era sua mãe... Voltou-se para seu pai e, levantando alto a luz, disse:

entre...

Tung entrou com Kiang, bruscamente, fechou a porta com surdo barulho, para depois, quase correndo, voltar ao salão onde os dois fiéis criados o esperavam. Chamou Chan e disse:

— Não precisa voltar comigo, eu mesmo guiarei o carro. Pode ficar desde já aqui. Terá sempre o necessário, assim como meu pai. Poderá ir receber todos os meses a importância que eu ordenei lhe seja entregue. Conforme disse, não precisa mandar me dizer nada sobre meu pai. Confio que saberá compreender e obedecer as minhas ordens, assim como os dois criados desta casa. Partirei breve para a França, onde pretendo fixar definitivamente a minha residência.

Chan, assim como o criado, em pé ouviram, pela última vez, as ordens daquele jovem que eles carregaram nos braços, quando pequenino. Foi com alívio que ouviram o barulho do carro se distanciando da velha casa...

## **XI - NOS LUMINOSOS CAMINHOS DO AMOR E DO PERDÃO**

Li, em companhia da muda, estava tão entretida, contemplando a noite, que não demonstrou o menor sinal de curiosidade quando ouviu o bater forte da porta. Julgou que fosse o criado. E assim continuou algum tempo junto à janela. Tung, encostado à parede,

imóvel, esperava que ela se voltasse e deparasse com ele.

Quando cansada, resolveu sentar-se. Foi Li a primeira que desceu do banquinho, ajudando em seguida a muda. E ao se voltar, então, viu aquele ser disforme e horrível dentro do seu quarto. A Lua, refletindo em cheio no rosto de Tung, ainda o tornava mais horripilante. Li, apavorada, deu um grito estridente, e caiu sem sentidos sobre o pobre leito. A muda, também, tomada de pavor ao ver Li tombar desfalecida e aquele ser horrível parado perto da porta, ficou sem saber o que devia fazer: amparar Li ou sair em busca do marido. Mas vendo Li estendida no leito, pálida e fria, abaixou-se e, pegando a sua cabeça, começou a acariciá-la ternamente, procurando encostá-la junto ao seu coração.

Tung, ainda recostado à parede, não conseguiu dar um só passo. Era por demais doloroso o que presenciava. Afinal, Li, aos poucos, foi recobrando o sentidos para sentar-se depois no leito e, com coragem, fitar aquele monstro que ainda não reconhecia. Com voz trêmula, conseguiu perguntar:

— Quem é você? O que vem fazer aqui?

— Sou Tung!

— Não!... Não!... Não!... — gritou Li.

Ele veio para mais perto dela que, amedrontada, abraçou-se à muda.

— Sou Tung... Olhe bem, que me reconhecerá.

Os olhos de Li, muito abertos, fixaram-se em Tung, junto dela. Depois, começou a chorar baixinho... A muda nada compreendia, no momento.

— O que vem fazer neste subterrâneo? Por que deixou a sua casa confortável para vir aqui?

— Vim para sempre...

— Não!... Não!... — tornou a gritar Li. — Não o quero aqui! Estou acostumada só e só quero viver... Você é rico, pode ter muitos criados... Por que vem, depois de tanto tempo, perturbar a minha tranquilidade? Por que só agora é que lembrou que ainda vivo? Pode voltar e, se e pelo meu perdão, há muito que o perdoei... Mas quero viver sozinha neste subterrâneo; ele é meu... Saia... Saia logo... Eu quero...

Ele ouvia silenciosamente as palavras de Li. Atônito, olhava o seu rosto lindo e perfeito. Os cabelos embranquecidos davam a ela um auréola de dignidade que Tung, comovido, via nesse inolvidável momento de sua vida. Vendo que ele não se afastava, Li levantou-se e foi até a porta para abri-la. Apavorada, viu que ela estava fechada por fora. Voltou mais assustada ainda, e chegando bem perto dele, perguntou-lhe:

— Como veio até aqui e por que a porta está fechada? Responda... Responda...

Tung olhou bem para o rosto de Li e, muito baixo, respondeu:

— Vim até aqui porque meu filho assim exigiu e foi ele, naturalmente, que fechou a porta, prendendo-me para sempre neste subterrâneo.

Ela continuou olhando para Tung encostado à parede. A muda, sentada no leito, continuou sem nada compreender do que estava se passando; quase não reconheceu o seu senhor. Foram momentos terríveis para os três. Li não sabia como agir, estava completamente transtornada, e Tung, impassível, não fazia o menor movimento, continuando como se estivesse preso à parede. Fechados, era impossível tomar qualquer resolução. Tinham que esperar com paciência que os criados viessem libertá-los. Li, outra vez, perguntou a ele, já com voz mais branda e olhar bondoso:

— Desde quando você está doente?

— Desde que fui levar Kiang ao estrangeiro.

— E desde quando ele soube?

Tung abaixou a cabeça e começou a soluçar... Ela se aproximou ainda mais dele e, penalizada, viu quanto a molésda o tinha deformado... Ele estava horrível...

Li era realmente muito boa. Na sua alma pura e bela não abrigava nenhum sentimento de ódio para com aquele que a fizera tanto sofrer... Só em pensar que ele estava no mesmo subterrâneo onde, há tantos anos, ele, sem um só lampejo de piedade, atirou-a, pelo grande afeto que dedicava a seu filho que, agora, sem compaixão, quando ele mais precisava de carinho e amor, o havia jogado no mesmo subterrâneo, onde ela vivia esquecida... Só ao pensar nisso foi o bastante para que Li tudo esquecesse e se voltasse com ternura para Tung, que estava muito pior do que ela. Tornou a perguntar:

— Desde quando ele soube?

Tung, então, confessou tudo a Li. Contou como soube que estava doente; depois, a viagem, a atitude rebelde de Kiang, o encontro com os velhos amigos Nai e Tieng, e com saudade recordou de Mei-ling, descrevendo-a para Li... Contou a viagem que fez à

Itália, descreveu os retratos de Kiang e, por último, as decisões tomadas e a firme resolução de viver sempre na sua casa. E agora, inesperadamente, apareceu Kiang para levar todas as preciosidades que guarneciam a casa e, não contente ainda, arrancá-lo de lá e vir pessoalmente atirá-lo ali...

Li ouviu, atenta, a confissão de Tung. Ele, encostado à parede e ela à sua frente. Quando terminou, ela tinha os olhos cheios de lágrimas. Fez ainda uma pergunta:

— Disse a ele que eu ainda vivia?

— Sim, foi a minha última tentativa para evitar que ele me trouxesse aqui, perturbando a sua tranquilidade. Mas foi de balde... Ele riu alto e disse que seria melhor, pois teríamos a companhia um do outro.

Nesse momento, ela tornou a dar um grito e caiu, sem sentidos, junto de Tung. A muda correu e ele se abaixou para ajudar a bondosa amiga a levar Li, desacordada, para o leito. Deitada com todo o cuidado, a muda sentou-se, pôs a cabeça dela no seu colo e, com delicadeza, afagou os seus cabelos grisalhos.

Tung sentou-se do outro lado e, tomando, nas suas mãos mutiladas, as mãos ressequidas de Li, contemplou demoradamente os seus dedos curvos, atestados da moléstia impiedosa... Comovido, beijou-as, deixando cair sobre elas as lágrimas claras e puras do seu sincero arrependimento. Quando ela tornou a recobrar os sentidos, Tung abaixou-se, e, bem perto do seu rosto, pediu:

— Li, perdoe-me!...

Nesse instante, ouviram o barulho da chave na porta e, logo mais, apareceram Chan e o criado. A o encontrá-lo sentado ao lado de Li, Chan sorriu contente dizendo:

— Senhor, ele já se foi e a porta está aberta; podem ir para cima, onde ambos encontrarão mais conforto.

Li sentou-se no leito e com calma respondeu:

— Jamais sairei deste subterrâneo. Aqui desejo finalizar meus dias: se Tung desejar, pode subir, eu ficarei.

— Meu bom amigo Chan, eu também aqui ficarei, pode providenciar um leito para mim, assim como as minhas refeições.

— As suas ordens serão cumpridas, meu senhor, e se resolver sair para um pequeno passeio, a porta estará sempre aberta; aqui terá plena liberdade.

— Só sairei se Li me acompanhar...

Li, outra vez, tombou desmaiada sobre o leito. Desta vez, foram quatro que correram juntamente para socorrê-la. A muda tentou explicar que ela nunca tinha sentido isso... Foram

momentos angustiosos, até que ela voltou a si e contou que, há muito, vinha sentindo essas fortes dores no coração.

Tung, ao olhar para Li, compreendeu que ela, além da lepra, estava atacada de outra moléstia traiçoeira que poderia levá-la bruscamente. — Será — pensou ele — o mais rude golpe que poderá atingir-me. Perdê-la, agora, seria uma dor tão profunda que talvez não tivesse forças para suportar. Seria o cume do meu calvário...

Mas Li foi, aos poucos, melhorando e todos, satisfeitos, viram que ela voltava normalmente...

\*\*\*

Passados alguns dias, estavam já habituados à convivência no mesmo aposento. Conversaram muito; ela, deitada e Tung, sentado ao seu lado. Como ele já quase não podia ler, certo dia, pediu à Li para que lesse; chamou Chan e mandou-o trazer alguns livros.

Com que prazer ouvia a sua leitura com voz suave e clara... Sentia-se tão feliz ali que não tinha vontade de sair. Inúteis foram os convites de Chan: — Não... só irei quando Li desejar — respondia sempre.

A noite, desciam os três criados e ficavam conversando, animadamente. Certa noite, muito bela, quando o luar invadia todo o aposento com sua luz brilhante e todos estavam reunidos conversando, a muda se levantou e, chegando perto de Li, pegou sua mão e puxou-a para junto da janela; com o dedo mostrou a Lua e depois a porta, convidando-a desse modo para o passeio que faziam juntas. Li sorriu bondosa e pediu o agasalho. Ligeira, atendeu-a e o colocou nos seus ombros.

— Vamos, Tung, fazer um pequeno passeio pelas margens do rio? A noite está convidativa... Vamos todos...

E, sem esperar resposta, de mãos dadas, saiu com a muda.

Tung, contente, seguiu seus passos, o mesmo fazendo os criados. Era a primeira vez que ele saía depois que Kiang o tinha deixado. Acompanhou Li, vagarosamente.

Quando defrontaram com o rio, que estava belíssimo, coberto pelo luar esplêndido, Tung respirou feliz e, vendo Li sentar-se na areia branca, sentou-se também junto dela e da muda... Viu quando a criada fez um gesto como que pedindo qualquer coisa... Esperou e, surpreendido, não demorou muito a ouvir Li, muito baixinho, cantar:

Felicidade é pranto e é agonia...

Felicidade é canto e é alegria...

Felicidade é bálsamo para o amor...

Felicidade é a inimiga da dor...

Quando terminou, apressada, levantou-se e saiu sem olhar para Tung.

\*\*\*

Nunca mais eles pronunciaram o nome de Kiang... Um dia, Tung despertou muito cedo e viu que ela já estava olhando pela janela, como que procurando descobrir qualquer coisa oculta nos ramos frondosos da árvore que ficava defronte. Curioso, perguntou:

— Li, o que você procura aí?

Ela voltou-se e, sorrindo, disse:

— Estou à espera dos filhotes de Mei-ling que não tardam a vir...

Tung olhou espantado e perguntou:

— Quem são?

Li passou a contar-lhe a história da primeira Mei-ling. Ele ouviu atento e no seu pensamento passou célere o vulto de outra Mei-ling, que, com certeza, agora já era a senhora Fú. Quando ela terminou, Tung ficou ainda pensando na delicada criaturinha que ele

adorava... Profundamente concentrado, não reparou que a esposa estava calada, observando a sua atitude, detalhadamente. Vendo que ele não erguia a vista e, receosa de que estivesse sentindo qualquer dor, levantou-se e, pousando a mão de leve sobre seu ombro, chamou-o:

— Tung! Tung! O que está sentindo?

— Nada... Apenas sentindo saudades... Uma grande e profunda saudade...

— Mas, de quem? Será que sente assim tanta saudade do nosso... — e não finalizou a frase.

— Não, Li, não estou sentindo saudade do nosso filho... Não... Estou recordando simplesmente uma delicada criança, que você conheceu também muito pequenina e que se transformou na mais bela donzela que pode imaginar, e que, talvez, já esteja ligada ao nosso filho, pois um grande amor já os unia quando parü... recordo-me de Mei-ling Pei, filha dos nossos velhos amigos, Tieng e Nai...

Juntos, com as cabeças quase encostadas, mãos entrelaçadas, olharam o céu de um azul terno e suave... Na árvore frondosa, bandos apressados de pássaros ali estavam, cantando alegres e felizes, com o despontar da manhã clara e fresca... A senhora via, desolada, a faina da moléstia destruidora sobre Tung. Dia a dia, ele ficava mais deformado, assim como ia perdendo, assustadoramente, a visão. Estava, já, quase cego. Li continuava lendo para ele e, nessa manhã, depois do abalo sofrido com a recordação de Kiang e Mei-ling, Tung pediu:

— Li, escreva para mim... Aí, nesse mesmo livro. Quero deixar uma pálida lembrança minha... Talvez seja a última.

Li, então, escreveu o que Tung pediu:

Lembrança

I

*Vivendo triste pensando...*

*Na minha vida simplesmente Lembrando do mundo ausente Do passado recordando!*

II

*Na recordação passando Me esquecendo do presente Do passado indiferente Só de tristezas vibrando.*

III

*Belas lembranças do mundo Guardo saudades profundas E porque sou desgraçado?*

*Dero esquecer... e no fundo Sinto amarguras tão fundas Melhor é ser crucificado.*

Tung Fú.

Ao terminar, Li fechou, com cuidado, o livro e, sem que ele pudesse pressentir, pois quase não enxergava mais, apertou com força as mãos sobre o coração e deu um pequeno gemido, caindo sem sentidos, junto ao esposo. Estavam sós no aposento. Tung, ao ouvir o gemido e o barulho da sua queda, ficou completamente desorientado. Abaixou-se e, às apalpadelas, conseguiu pegar as mãos frias de Li... Gritou muitas vezes por Chan, que não pôde ouvi-lo... Sentou-se, depois, e conseguiu colocar a cabeça dela em seu colo. Passou as mãos sobre o seu rosto e pôde ver que ela estava lívida... Não tinha dúvidas, estava atacada de uma doença do coração que poderia levá-la repentinamente. Queria colocá-la no leito, mas não tinha forças... Instantes alucinantes...

Sentindo que ela não retornava, num esforço supremo deixou-a deitada onde estava, e, cambaleando, abriu a porta e saiu pelo longo corredor, chamando pelo criado. Chegou à escada e começou a subir os degraus, sempre gritando. Já perto do topo, quase sem forças para continuar, gritou desesperado:

— Chan!... Chan!... Chan!...



Nesse momento difícil, Chan estava no salão e ouviu, muito ao longe, alguém chamar por ele. Aflito, correu e, ao aproximar-se da escada, encontrou Tung tentando subi-la. Alarmado, amparou-o e perguntou-lhe:

— Senhor, o que foi que aconteceu?

— Chan, corra, a senhora está muito mal!

Chan o fez sentar-se e saiu ligeiro em busca da muda e do marido. Voltou depressa e, passando junto de Tung, desceu a longa escada para ir socorrer Li. Quando chegou, a porta estava toda aberta e Li estendida no mesmo lugar. Ao vê-la, Chan teve a impressão de que ela estava morta, mas ao colocá-la no leito, Li abriu os olhos, fitando-o demoradamente. Nesse instante, Tung, amparado pela muda e o criado, entrou no aposento. Todos, à volta do leito de Li, aflitos, a contemplavam e reconheciam que ela estava seriamente doente.

Desde esse dia, Li não se levantou mais, tendo sempre ao seu lado Tung e a muda. Os criados, sempre atarefados e amedrontados com a possibilidade de Li vir a falecer... O que seria, então, de Tung? Fazia, já, três dias que ela estava doente. A noite, como de costume, todos reunidos conversavam baixinho, mas o senhor não pronunciava uma só palavra. Tinha as mãos de Li fortemente presas às suas, e, em dado momento, sentiu que ela procurava retirá-las. Deixou para ver o que ela queria fazer. Li ergueu-se no leito e, chamando Tung para mais perto, disse-lhe, confidencialmente:

— Tung, não me sinto bem, e se eu desaparecer quero levar comigo a certeza de que perdoará o nosso filho, assim com eu já o perdoei...

Li utig demorou a responder. Sentiu, ao ouvir Li pedir, ainda, por aquele filho tão perverso e ingrato, uma profunda revolta... Mas, ao olhar para o seu rosto pálido e lindo, sorriu e respondeu:

— Está perdoado!

Li tomou outra vez a sua mão e colocou-a junto ao coração. Todos estavam calados. A noite estava bela. O céu pontilhado de brilhantes estrelas, uma fresca aragem sacudia, de leve, as árvores. Um perfume muito sutil emanado das flores, invadia o pequeno aposento. Li deitada, tendo ao seu redor os velhos e dedicados servidores, e junto, Tung arrependido. Olhava para a janela aberta e parecia ver surgir dois rostos alegres que a fitavam muito. Ergueu-se ainda mais no leito e ficou com o olhar parado na visão querida. Kiang, seu único e adorado filho, que, apesar de ingrato, ela ainda amava muito... Muito... Vê também Mei-ling, tão linda e meiga como lhe descreveu Tung... Ela sorriu para Li e levantou a mão, como que para dizer adeus!

Tung, curioso, acompanhou todos os seus gestos; Li recostou novamente a cabeça e ficou de olhos fechados. Todos se aproximaram do leito. A muda, bem perto, não retirou um só instante o olhar do rosto calmo e belo da sua única amiga. Era muito linda a expressão de Li, adormecida. Pálida, os cabelos, quase totalmente brancos, emolduravam a cabeça perfeita, como se fosse uma auréola prateada. E, para dar mais realce à sua beleza impressionante, um raio de luz veio bater no seu leito, cobrindo-o todo.

Já vinha, ao longe, rompendo a madrugada quando Li abriu os olhos. Viu que todos estavam juntos dela. Puxou a muda para mais perto. Pegou a sua mão e, depois de acariciá-la muito, beijou-a com ternura. Em seguida, chamou o velho e dedicado Chan, tomou-lhe também a mão e, como fez com a muda, conservou-a muito tempo presa à sua. Em seguida, muito baixinho murmurou:

— Chan, entrego-lhe o senhor. Seja, até o fim, seu amigo bondoso e leal; eu lhe agradeço, neste momento, por tudo quanto fez.

Despediu-se depois do marido da muda e, por último, chamou Tung. Este

compreendeu que era chegado o momento supremo que ele tanto temia. Viu que ela iria deixá-lo para sempre. Quis falar e não pôde, quis chorar e não Unha lágrimas... Li fez com que ele ficasse bem junto dela. Tinha ambas as mãos presas às dele. Olhou com piedade para as mãos de Tung, cujos dedos, alguns já estavam sem falanges, deixando cair sobre elas, abundantes e transparentes lágrimas. Ele, com o olhar penetrante fixo em Li, acompanhou todos os seus movimentos.

No horizonte distante, vinha aparecendo o Sol rubro... Despontava lentamente a manhã encantadora. Nas árvores, os bandos alegres de pássaros já entoavam trinos maravilhosos. As flores abertas deixavam exalar um perfume muito tênue. No velho subterrâneo, de paredes encardidas pelos anos, o sol invadia clareando-as todas. Pela janela podia-se ver o verde forte dos arvoredos e, nas grades de ferro, um ramo florido entrava, ousadamente, deixando pendente uma braçada de flores, como derradeira oferenda à gentil moradora daquele pequenino aposento.

Li olhava tudo... e sorria feliz, pois encontrara naquele humilde candinho uma paz perfeita, uma amiga sincera e dedicada que a fizera passar tantos anos quase que esquecida de seu drama quando, na realidade, era uma prisioneira. Agora, quase liberta desta prisão, sentiu que sua alma de escol ansiava por galgar o Infinito e fruir da única e verdadeira liberdade. Olhos fitos na amplidão azul, tendo Tung, arrependido, ao seu lado e os velhos amigos, num simples suspiro, deixou que a sua alma se desprendesse facilmente e voasse para o céu... Tung sentiu que as mãos de Li se desprendiam das suas... E, ao contemplá-la, viu que ela já não estava mais ali... Debruçou-se sobre seu corpo e chorou, o mesmo fazendo os criados...

\*\*\*

Li foi sepultada debaixo da frondosa árvore que ficava defronte à janelinha do subterrâneo. Era um lugar maravilhoso, circundado de grandes árvores, cuja sombra acolhedora e amiga convidava ao repouso e à meditação. Tornou-se o lugar preferido de Tung. Logo pela manhã, vinha, amparado por Chan, sentar-se debaixo da grande árvore e, muitas vezes, só voltava à tarde para o subterrâneo. Eram inúteis todos os esforços para fazê-lo subir.

— Não, Chan, daqui não sairei; só quando for para ir definitivamente, e quero que seja bem perto de Li, debaixo da mesma árvore amiga.

Todas as noites, como era de costume, desciam os dois criados. A muda, desde que Li morreu, tornou-se triste, não fazendo nunca mais o menor gesto. Vinha silenciosa e sentava-se no leito de Li, que agora era de Tung.

Certa noite, o criado desceu só... Tung, aflito, perguntou pela muda e ele contou que ela, desde cedo, não quis levantar-se, recusando todos os alimentos.

— Por que você não avisou logo? - reclamou Tung. — Vamos já para lá. Não podemos deixá-la sozinha.

Levantou-se e saiu, o mesmo fazendo Chan. Quando entrou no pobre quarto da amiga querida de Li, deparou com ela, deitada, com as mãos sobre o coração. Tung aproximou-se e, vendo que ela estava de olhos fechados, como que adormecida, em silêncio, sentou-se junto do seu leito. Chan chegou e sentou-se, também.

Momentos depois, entrou o criado e, ao pegar a mão de sua mulher, recuou, assustado... Tung levantou-se, chegou bem perto da muda e tomou as suas mãos, que já estavam frias... muito frias. A muda morreu como sempre viveu... calma... feliz... porque encontrou, nos seus derradeiros anos, uma boníssima amiga que a compreendeu e a estimou com sinceridade.

Tung sentiu muito a morte da muda, entristecendo-se mais ainda. Tinha, agora, só a

companhia do velho Chan, que, aos poucos, ia também perdendo as forças. Era quase que servido pelo criado. Chan não podia ir mais à cidade receber o que Kiang Unha reservado para Tung. Era, agora, o marido da muda que ia. Nunca mais Tung pronunciou o nome do filho, o mesmo fazendo Chan.

\*\*\*

Dias após dias... Meses após meses... Chegou, enfim, o primeiro ano da morte de Li. No subterrâneo, a vida continuava morosa. Era com imensa dificuldade que Chan e o criado carregavam Tung para debaixo da árvore onde ele passava horas seguidas. Pedia sempre para Chan colher algumas flores agrestes e enfeitar a sepultura de Li. Muito contente ficava quando ouvia os gorjeios da passarada inquieta e barulhenta nos ramos verdes.

Um dia, pela manhã, quando a saudade de Li era mais intensa, ouviu o trinado de uma avezita atrevida, muito perto dele; tentou vê-la, porém, os seus olhos quase sem luz não permitiam descobri-la. Lembrou-se, porém, da história que Li lhe havia contado e alto chamou: — Mci-ling! Mci-ling! O passarozinho, como se entendesse o apelo amigo, voou para mais perto e entoou, com entusiasmo, outro delicado gorjeio, que Tung ouviu em profundo silêncio.

Vivendo da recordação dos dias passados em companhia de Li, Tung, aos poucos, ia se definhando... Já estava quase no fim...

Pela manhã de um esplêndido dia, quando Chan o convidou para subir, ele disse:

— Chan, não posso mais... Porém, quero despedir-me de Li... Leve-me pela última vez.

Carregado por Chan e o criado, ele foi para debaixo da árvore, onde passou poucos instantes.

— Quero voltar para o subterrâneo... Levem-me...

Tung não se levantou mais... Estava irreconhecível. Era um verdadeiro monstro de fealdade. Dificilmente se encontraria um doente que tivesse chegado ao extremo que ele chegou. Completamente cego, com o corpo coberto de chagas, mãos mutiladas, sem cabelos... Perdera as forças e Chan, paciente e sublime de bondade, tudo fazia para ele. Nunca se poderia imaginar que aquele rústico criado pudesse chegar a ser um amigo tão dedicado e tão desprendido. Tinha, pelo senhor, verdadeira e sincera veneração. Não o deixava sozinho um só instante... Sentava-se ao seu lado o dia todo, procurando confortá-lo com palavras cheias de afeto e coragem. A noite, tinha por companheiro o outro criado que, compreendendo o seu grave estado, vinha ficar também no subterrâneo. Nunca ouviram de Tung uma só palavra de queixa, de revolta... Por mais que os criados conversassem, ele se mantinha constantemente calado. Só uma vez, disse:

— Meus bondosos companheiros, estou finalmente subindo os últimos degraus do meu longo e torturante calvário... Breve chegarei ao fim... Já antevejo, ao longe, a claridade brilhante do cume sacrossanto... Logo o alcançarei...

Chan olhou para o amigo e, voltando-se depois para Tung, viu que, na realidade, estava muito próximo o seu fim. Constataram, entristecidos, a faina implacável da moléstia hedionda...

Tung estava agonizando... Entretanto, não pronunciara uma só palavra de desespero. A sua resignação era de um santo... Reparou, nesses poucos anos, todos os seus erros. O seu arrependimento foi sincero...

Uma tarde, depois de longos dias de martirizante agonia, Tung pediu:

— Chan, fique ao meu lado... Venha para bem junto de mim...

Era o fim... Os dois criados, um de cada lado de Tung, compungidos, assistiram aos

seus derradeiros momentos... Aos poucos, a tarde foi-se findando, muito vagarosamente... e também, muito devagar, Tung agonizava no frio e triste subterrâneo, onde fora adrado pelo seu único filho... Em dado momento, ele procurou se erguer mais no leito e, amparado por Chan, que chorava baixinho, começou a pronunciar entrecortadas frases que os criados, emocionados, ouviam:

— Deus meu... Amor. Senhor... Creio... Acalma minha dor...

Parou alguns instantes, e nos seus olhos sem luz brotaram transparentes lágrimas que rolavam pelo seu rosto deformado. Ainda com maior dificuldade continuou a falar, agora, com um imperceptível murmúrio... Os criados ajoelharam-se e puderam ouvir, então, as suas últimas palavras:

— Perdão! Peço, ó Pai!... pequei... erreí... lutei... sofri...

Tung ficou outra vez calado. Chan sentiu que as suas mãos estavam ficando frias... e seu olhar ficou parado como que à procura de algo que desejava insistentemente ver... Tung estremeceu e, num esforço supremo, ainda disse, contrito:

— Perdão, Senhor! Deus de amor!... Pai, também imploro e choro pela redenção da criatura que pecou mais que sofreu, perdoa, ó Senhor... o filho ingrato...

Chan e o criado soluçaram emocionados, quando Tung terminou. Calados, não desviavam o olhar do senhor que morria lentamente... Tung procurou apertar a mão de Chan e os dois servidores ainda conseguiram ouvir um sutil murmúrio:

— Adeus... Adeus... Li... Li...

E, santamente morreu.

No subterrâneo, quase todo escuro, ficaram os dois velhinhos olhando o seu bondoso senhor: morto e horrivelmente deformado. Foi Chan que, passados alguns momentos, com a voz trêmula e entrecortada pelos soluços, exclamou, numa derradeira homenagem ao seu grande e sofrido amigo:

— Senhor, o seu último degrau foi atingido... Foi muito longo o seu calvário, mas conseguiu subi-lo com coragem até o cume luminoso... Adeus!...

\*\*\*

Tung foi sepultado conforme seu desejo: debaixo da mesma árvore onde jazia Li. Teve, para acompanhá-lo, os dois velhos criados. Foi sepultado pela manhã, muito cedo. Terminado, Chan encaminhou-se para a margem do rio e ficou muito tempo sentado na areia branca e úmida. O rio, muito calmo, deslizava mansamente, indiferente à dor daquele mísero velhinho que soluçava na sua margem... Indiferente era, também, a natureza que, naquela manhã clara e formosa, despertava para mais uma etapa do seu curso normal... Tudo era belo em volta de Chan...

Ele voltou-se e olhou para a casa de pedras, cenário silencioso do drama pungente vivido por aqueles dois seres amáveis e sofridos... Imponente era o aspecto da antiga mansão. Recordou-se, o velho Chan, dos dias longínquos do passado, quando o seu senhor, no apogeu da mocidade, aureolado pela fortuna e pelo brilho excepcional do seu fulgurante talento, volvia das longas viagens através do mundo, e vinha procurar, na solidão da vasta casa de pedras, o repouso preciso, recordava-se, também, de uma das vezes em que veio com Tung, Li e Kiang pequenino, passar alguns dias na casa acolhedora. Via, então, na sua mente cansada, o vulto branco de Li. Era tão linda, tão linda a sua senhora... Chan via, nitidamente, o rosto perfeito de Li... Olhando para a casa de pedras, tinha a impressão de que via aparecer, ao longe, Li, esbelta e delicada, trazendo pela mão um forte menino que tentava se desprender, e que, finalmente, conseguia e saía correndo pelas margens do rio... Parecia que ouvia a voz compassiva e suave de sua senhora chamando aflita: — KiangL. KiangL.

KiangL. Meu filhinho... Venha... — c Kiang corria cada vez mais até que, cansado, caía ofegante na areia branca... Li, sorrindo, vinha para junto dele c, tomando carinhosamente a sua cabecinha, o beijava ternamente... Depois, o velhinho se recordava de quando ele veio, inesperadamente, já então um bonito jovem, para com toda a crueldade retirar da casa da cidade o seu bondoso pai, doente e velho, com todos os requintes de maldade e avareza, e atirá-lo no mesmo subterrâneo onde jazia, há muitos anos, a sua adorável mãe...

Todas essas recordações vinham à mente exausta do dedicado amigo, do servo fiel, que demonstrou, até os últimos momentos, quanto queria aos seus senhores. O que seria agora dele." Tinha ordem severa de Kiang [tara não mandar dizer nada sobre a morte de Tung. Teria de ficar só. apenas com o amigo, que também já estava velho. Mas, talvez, breve seria o seu fim. Quando ele desaparecesse, o criado poderia fechar a casa e ir entregar as chaves ao correspondente de Kiang, que, convenientemente, se entenderia com o jovem proprietário.

Levantou-se devagar e voltou para o subterrâneo, onde tinha ainda uma missão a cumprir. Destruir tudo o que pertencera a Tung e Li. Comovido, foi, aos poucos, retirando aqueles objetos que tinham acompanhado os seus senhores durante todos os anos do seu longo martírio. Com que emoção retirou os pequeninos trabalhos executados por Li, e que enfeitavam as paredes encardidas do subterrâneo. Destruiu tudo.. Nada mais restava dela... Nada mais... Depois, procurou tudo que pertencera a Tung. As suas lentes, os seus livros, c, finalmente, encontrou o pequenino punhal que Tung tinha tão bem guardado. Com o punhalzinho nas mãos. ele pensou: — Não sei por que meu senhor tinha tanto amor a este punhal. Deve ter uma história que só ele sabia. Vou guardar, para mim, esta recordação... — e colocou-o com cuidado no seu velho bolso. — E meu... Quando eu morrer façam o que quiserem, mas agora é meu. E meu... Guardarei com todo o carinho c zelo como o meu senhor guardava. Ele deve ter uma linda história - murmurava Chan.

Quando terminou de destruir tudo, olhou demoradamente para o aposento triste e vazio. Foi até a janelinha, quebrou um ramo florido que pendia para o aposento, c, com esforço, atirou-o para fora, dizendo: — Adeus... meu senhor...

Fechou a pesada porta e saiu devagar pelo longo corredor, subindo os degraus da comprida escada para nunca mais ali voltar...

Passou a viver calmamente com o amigo, sozinhos c esquecidos na solitária casa de pedras. Dois anos depois da morte de Tung, o velho Chan morreu. Atendendo ao seu último pedido, foi sepultado junto de Tung e Li, debaixo da mesma árvore, frondosa e verde... O criado fechou a casa e foi entregar as chaves que seriam, em breve, remetidas a Kiang, que residia feliz e tranquilo na famosa capital francesa...

## **XII - REENCARNAÇÃO REDENTORA**

Kiang deixou, imediatamente, Cantão. Aproveitou, entretanto, a oportunidade para fazer uma ligeira viagem. Dias depois.

participou a ieng o raiecimento ae iung, que )a estava senamente enfermo quando ele chegou, disse ele. Tranquilo, pôde desfrutar os dias em que passou viajando. Tinha plena confiança no velho Chan. Sabia que ele jamais desobedeceria as suas ordens. Quanto a Tung, não lhe restava a menor dúvida: ele viveria pouco. Durante a travessia, muitas vezes pensou no pai enfermo e em sua mãe prisioneira... mas, logo recordava que ambos eram leprosos e senda um horror tão grande que o deixava, para sempre, insensível a qualquer gesto de compaixão.

— Na casa de pedras possuem todo o conforto, nada mais posso fazer, estou tranquilo... Quero agora viver livremente. Tenho tudo quanto é necessário para ser um vitorioso — meditava.

\*\*\*

E realmente fui. Alcancei tudo quanto desejei... Casei-me com Mci-ling Pei e tive a mais terna e bela esposa. Paciente e amiga, jamais se esqueceu de Li e de meu pai. Cultivou sempre a memória de ambos. Durante muitos anos fomos imensamente felizes. Quase olvidei, por completo, meus pais. Raríssimas vezes lembrava-me deles e, assim mesmo, muito vagamente.

Tieng morreu alguns anos depois e Nai breve o acompanhou. Não tivemos filhos. Passado muito tempo, quando já lhe surgiam os primeiros cabelos brancos e as primeiras rugas, a minha doce Mei-ling deixou-me sozinho. Como já estava no outono da vida e riquíssimo, transformei-me num peregrino.

Percorrí todos os recantos do mundo; só não voltei à China, minha pátria... Muitas vezes estive para ir revê-la, porém, recordava-me dos meus pais, e ainda sentia um forte abalo percorrer meu corpo, na lembrança de que eles foram leprosos... Assim vivi muitos anos...

Estava já velho e morava ainda em Paris. Conservava a casa que tinha pertencido a Tieng e onde sempre vivi com Mei-ling. Era o meu refugio quando, exausto das longas viagens, volvia a Paris. Foi, pois, nesta mesma casa, onde morreram Tieng, Nai e Mei-ling, que me instalei ao sentir-me enfermo, próximo do meu fim. Tinha nos dois irmãos de Mei-ling grandes e sinceros amigos. Fiz doação a eles de todas as coleções preciosas de meu pai, agora grandemente aumentadas por mim, só exigindo uma condição: que essas relíquias continuassem sempre em poder da família Pei.

Nos meus últimos meses de enfermo, vivi na minha casa luxuosa, cercada de inúmeros criados e amigos, incluindo as famílias dos dois irmãos de Mei-ling. Estive pouco tempo doente e, durante esse período, nas minhas noites de vigília, mais de uma vez vi o vulto de minha mãe e senti a presença de meu pai...

Não tinha nenhuma Fé. Vivi ate os últimos instantes como um incrédulo; nada me demoveu e morri com as minhas arraigadas convicções de que nada existia além do que nós víamos... Foi preciso que a morte, como já disse no início desta obra, quebrasse os pesados grilhões para que eu compreendesse que existia algo mais grandioso do que todas as maravilhas que vemos no mundo material. Foi, pois, quando despojado da vil matéria, que vim a reconhecer o meu erro e quanto é infinita a bondade do Supremo Criador, que até os filhos ingratos e perversos tem o consolo de poder receber dele, Pai Amantíssimo, a dádiva grandiosa de uma reparação.

Assim, recebi no Alem, para reparação do meu grande erro e da minha imensa ingratidão, oportunidade de aqui voltar, como voltei: pobre e leproso — pois só assim eu poderia expiar o meu passado infeliz.

Ao ditar este singelo trabalho — que servirá de estímulo aos meus irmãos leprosos, adrados nos leprosários do mundo —, corpo-rificando uma mensagem de esperança e de conforto, esclarecedora de que todo o sofrimento tem origem nos nossos próprios atos e na nossa rebeldia em agirmos egoisticamente, não reconhecendo as verdades tão claras à nossa frente, que nos mostram a Suprema Existência de um Deus força, de um Deus bondade, de um Deus amor...

Contando a minha história para os meus irmãos leprosos, quis auxiliá-los deste modo a poderem enfrentar corajosamente a grande desdita, convictos de que são passageiros os

anos, que, quando ainda aí prisioneiros, julgamos infundáveis...

Todos vocês, meus irmãos, naturalmente tiveram, também, uma história em vida passada, que é a causa justa dessa provação... Lendo, irmãos, a minha simples mensagem de esperança, espero que tenha contribuído com uma pequenina parcela de conforto que possa suavizar, transitoriamente, a grande tortura que os tem tolhido das suas liberdades em “estreitos pedaços da terra”... mas, quando libertos, poderão, como eu, ter, no Infinito, a suprema ventura de reconhecer que foi dadivosa a oferta de Deus, para saldarmos os nossos grandes débitos e, então, agradecidos, renderem, como eu rendo, o meu preito de Amor ao Supremo Criador.

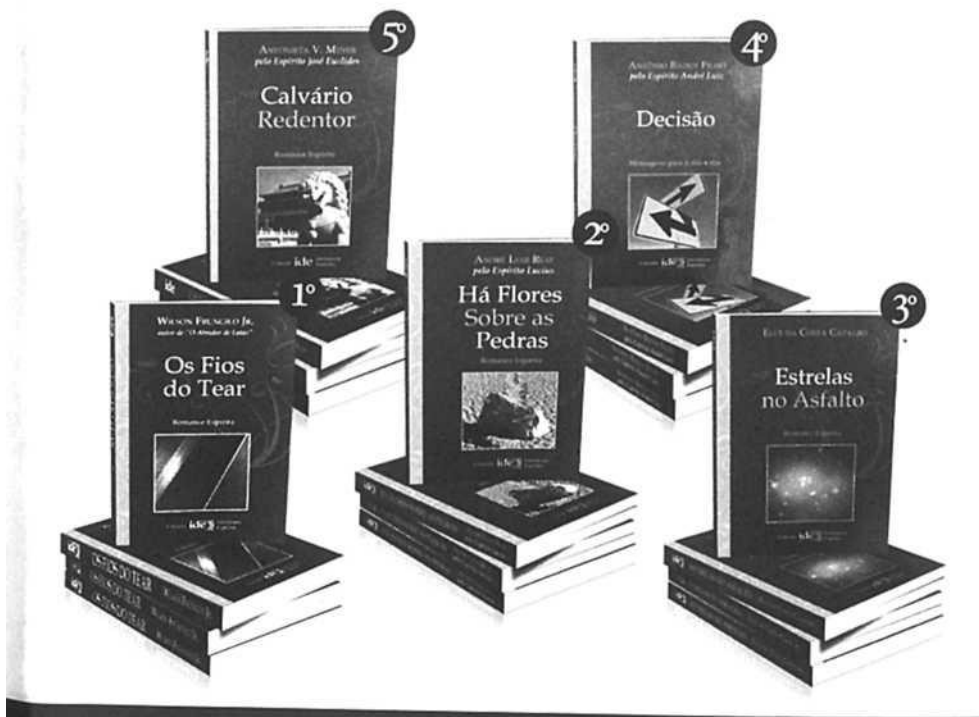
j.E.

## LITERATURA ESPIRITA

DIVERSOS AUTORES DA LITERATURA ESPÍRITA AO ALCANCE DE TODOS.

Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Carlos A. Baccelli, Richard Simonetti, Waldo Vieira, e mais...

AMALIA DOMINGO SOLER, ANDRÉ LUIZ RUIZ, ANTONIETA V. MEYER,  
ANTÔNIO BADUY FILHO, ELLY DA COSTA CAPALBO, WILSON FRUNGILO JR.



[www.ideeditora.com.br](http://www.ideeditora.com.br)

